

APÊNDICE I – Transcrição da entrevista nº 1

Entrevistado(a): Carolina Pinto da Silva

Data: 26/07

Local: CEAD/UFPEL

Mônica: Então esta é a entrevista número 1, com a Carol Pinto, foi aluna e foi colega na Cia de Dança Daniel Amaro.

Então tá Carol, eu to fazendo um trabalho de TCC, tá, e esta entrevista é parte super importante da investigação e gostaria de melhor entender que saberes durante minha formação como professora de Balé influenciaram a metodologia de trabalho que desenvolvo hoje. Este estudo tem como objetivo investigar o processo de formação inicial do professor de Dança e a importância da formação acadêmica. Como fazes parte deste processo gostaria de conversar para que tu pudesses recordar alguns momentos e aspectos que podem ajudar a pensar na questão da pesquisa. Como considero muito importante teu relato vai ser gravado né, pra não perder nenhum dado ... mas adianto que depois que eu gravar vou transcrever e vou te mandar aí tu lê, se quiser alterar alguma coisa tu pode alterar, retirar também ta? e aí depois o texto final a gente decide como fica, ta? Bom primeiro assim, tu te lembra em que época tu fez Balé e por quanto tempo?

Carolina: Áaa... começamos em 2003 e fomos até 2004 acredito, sim... Acredito que foi um pouquinho mais de um ano.

Mônica: Qual tua memória assim... no primeiro momento né, primeiro como eram as aulas, se tu te lembra, do que tu te lembra fala um pouco aqui?

Carolina: Áaa.. A coisa mais forte que eu me lembro é que assim ó, a tua aula foi pra contribuir com coisas, com com com a ... técnicas e de repente experiências que a gente que a maioria ali não tinha. Áaa o que eu me lembro mais, Áaa, sem sem sem, tirando a afetividade do grupo assim que tinha entre nós, eram aulas que contribuíam muito pra eu descobrir outras coisas possibilidades do meu corpo que eu não conhecia assim. Foi uma experiência diferente, áaa eu tive outra visão do Balé, entendesse, eu tinha uma coisa muito fechada assim, uma ideia muito fechada do Balé de ver, de sacrifício, e de... assim como eu posso dizer, uma...aquela coisa que Balé maltrata o corpo, não! E Eu não me sentia assim!! Eu acho que a tua aula veio pra contribuir pra gente descobrir o limite do corpo e a possibilidade de fazer as coisas que tu achava muito impossível e tu podes fazer no teu limite e tu fazendo corretamente e isto vai te ajudar em outras coisas, em outros movimentos.

Mônica: Tu consegue falar em que que te ajudou no afro, por exemplo?

Carolina: Ah eu acho que eu tinha...bom, eu tinha problemas no meu pé, né?!, o meu pé sempre era meio viradinho assim e a estrutura do corpo, eu acho que a partir daí eu comecei a cuidar mais o quê? A postura, o alongamento, principalmente das costas, eu me lembro muito, por quê? Porque eu tinha uma lordose muito forte... Então eu me lembro assim de, áaa quando a gente tinha aquelas aulas básicas, eu sentia muita dor, só de tentar encaixar meu corpo, isso até hoje, eu acho que toda vez que eu faço uma aula assim eu acho que aquilo me ajuda porque eu tenho um problema na coluna e eu sentia que aquilo me ajudou um monte a alongar e tirar aquela lordose um pouco, um pouco. Áaa... eu não lembro se era isso, não sei se respondi...

Mônica: É, em que medida que o Balé te ajudou, por exemplo, naquele momento lá, pra dançar o espetáculo que a gente tava montando... se te ajudou, se não ajudou...

Carolina: Sim, ajudou muito assim neste sentido, tu tá dançando e ôpa! To, to, to, to contraída, to mais assim, to...posso alongar mais aqui nesse movimento, posso fazer uma coisa mais ampla né, pela amplitude de movimento acho que ajudou muito assim.

Mônica: Áaa como o que significou pra ti fazer Balé, ou o que o Balé passou a significar pra ti?

Carol: Ah eu acho que eu desconstruí a ideia que eu tinha do Balé, principalmente! A ideia que eu tinha da coisa chata, da coisa sacrificante, da coisa... assim... eu eu chegou um tempo... que claro, assim no início das aulas, tu mesmo lembra eu tinha uma tensão. Só de dizer, Bom vamos fazer uma aula de Balé, eu já ficava tensa (risos) o corpo já ficava todo duro, ficava uma coisa assim, sabe... não tem necessidade disso, se tu, se tu tens uma pessoa que te leve, porque, o que aconteceu? Eu fiz algumas, tive outras experiências assim por fora, e era uma

coisa assim ó do Balé: ser sequências longas, de exercício repetitivo e... e... áaa... às vezes até eu que sou muito lenta era uma sequencia muito longa que eu não conseguia gravar e eu ficava naquela preocupação... e eu acho que a tua aula, ela tinha um objetivo que era auxiliar a gente, a postura, o corpo, e não tinha aquele objetivo de isso e isso e muita coisa, assim sabe, muita informação sabe?! E a aula de Balé dava um pânico de muita informação “numa sentada só” e 5, 6, 7, 8... e vamo lá... e eu acho que não, e aí eu tinha prazer... aí depois de um mês, dois meses, eu já sabia o que ia acontecer, já ficava mais tranquila... e aí tu faz aquilo com prazer e pensando no que tu ta fazendo. Que é essa a dificuldade do Balé: tu pensar que agora tu tem que encaixar o teu quadril, esticar o teu pé, fazer isso, fazer aquilo... colocar... nãñã, e ainda ficar com uma cara feliz (risos)

Mônica: E tudo ao mesmo tempo né?

Carolina: (risos) tudo ao mesmo tempo(risos)!! É muita informação... e eu acho que tu simplificava a coisa... e isso que facilitava e que era lá: tá pode ser agradável, pode ser prazeroso, né? Pode ser...acho que isso foi o mais assim que eu me lembro. Eu sempre digo pras pessoas: “Bom eu não sou muito, não gosto muito, assim do Balé, mas, depois (risos) que eu fiz Balé com a Mônica eu vi que não precisa ser sacrificante, não precisa ser isso... “ porque eu não vou dançar Balé, não é pra isso, não é esse o objetivo, né, então não precisa ser assim dolorido, aaaaaaaai... eu acho que é isso assim.

Mônica: Como tu avalia assim, como é que tu descreve a relação professor-aluno nas aulas?

Carolina: (risos) de amizade!!! (risos) né? É o que era mais legal das aulas é que a gente se divertia. E eu acho, eu... bom, eu sou professora de crianças pequenas e se tu não divertir fazendo alguma coisa, se tu não rir, não, não, te áaa, desconstruir aquela coisa de que sempre tem que ser perfeito, como eu ria muito dos meus erros e eu adoro os meus erros (risos)... e eu acho que era isso assim.

Mônica: Esta é uma pergunta que eu ia te fazer também né, é como que o erro era, era, vivenciado e como que tu percebe que era encarado o erro, pela metodologia de ensino né?

Carolina: (risos) era um divertimento né? (risos) não tem outra explicação. Claro que a gente fica tensa porque a gente quer fazer o melhor, bailarino tem uma coisa assim, né? Não era assim, ã, a minha tensão, não era pela professora e sim pelo que eu me exigia, mas assim em questão dos erros assim eu não me sentia pressionada pela professora, então assim aaaaaaaai, não, eu me divertia quando eu não conseguia porque a maioria das vezes eu não conseguia, aquilo que (risos) né, eu tinha almejado assim, (risos), mas tá! Era tranquilo, bom, muito gostoso!

Mônica: Eu perguntei pra ti naquele momento bem do início, se o Balé influenciou no afro, lá naquele momento do espetáculo, que a gente tava montando né... que a gente pegou bem o processo de montagem do espetáculo. Mas depois, assim, em outras experiências de Dança, que eu sei que tu dançou jazz.... ?

Carolina: Com certeza!! Já vou te dizer, cooom certeza!! Eu acho, eu ia falar isso se tu não perguntasse, porque assim, o que aconteceu? A gente teve aquela experiência, ela teve um fechamento, acabou, eu passei mais dois anos naquele grupo e eu senti a necessidade de fazer algo neste sentido, porque eu comecei a ver que eu precisava duma aula que me movesse da forma que achava que eu ainda não tava bem assim... claro que eu não posso generalizar também o que é um bailarino, mas ã, mas eu me sentia precisando daquilo, sabe, precisando pra poder dançar e pra poder me mostrar melhor no palco, pra mexer uma mão que fosse, mas é que eu precisava de tudo aquilo pra eu conseguir mexer aquela mão de uma forma que eu sentisse que tu tava, pode ser também muito.... mas me sentir de uma forma mais “bailarina de ser”. Sei lá... então por isso que fui atrás do Jazz, assim, não até com o objetivo de dançar, acabou eu dançando né, mas eu fui pra ter essa aula de uma barra, né, com todos esses princípios assim que tu trabalhava. Senti necessidade assim.

Mônica: Eu, a gente pode pensar então Carol, tu que é professora de Educação Física, nessas aulas de Balé como uma preparação corporal para outros gêneros?

Carolina: Qualquer, todos! Todos assim, sem dúvida! Mas aí eu te digo né Mônica, a metodologia, da coisa, entendesse. Porque não é qualquer um que sabe fazer aquilo, sem ter, sem ficar, áaaa. Ah não sei se eu vou saber explicar, mas sem sem sem ficar com aquilo... porque eu lembro assim ó, que a gente fazia aquela aula de Balé, mas era uma coisa desconstruída já, eu não sei se tu tem essa ideia... Então por exemplo, quando tu fazia um alongamento com a gente, não tinha aquela ideia de que... vou ficar no en dehors o tempo todo sabe, não! Tu fazia um relaxamento do corpo então englobava qualquer ã, estilo ali, não tinha uma coisa assim fechada, sabe.

Então, eu eu digo assim ó, aquela técnica é necessária pra qualquer estilo, porém, a metodologia, tem que ser muito bem pensada, pra não ficar uma coisa muito assim sabe, é assim! E só pode ser assim! Eu posso fazer isso em em de hors, mas eu posso fazer em en dedans, entendesse? Eu posso fazer assim e eu posso fazer relaxado... eu tenho certeza que era essa a ideia que tu passava assim sabe, porque eu me lembro de tu fazer também coisas diferentes, assim, tipo, fazer uma coisa, daqui a pouco, solta o ar... relaxa... então era uma coisa meio misturada eu já sentia isso... não era aquilo que eu já tinha visto... assim eu já tinha tido umas experiências não muito boas! Não sei se eu te respondi.

Mônica: Áaaa... com relação ao grupo né, a gente falou brevemente da situação de que afinal eram todos colegas e que também essa figura do professora acabava ficando híbrida, né? Áaaa, tu lembras se houve algum tipo de rejeição ou algum tipo de aprovação do grupo né, quando a gente começou com aulas e como foi isso no decorrer do tempo? Tu consegue lembra alguma coisa sobre isso?

Carolina: Ai, que acho que aquele grupo que eu me lembro, porque o grupo que eu me lembro, porque assim ó, como teve um tempo de um ano, que algumas vezes a gente fazia mais outras fazia menos, se eu for te falar do total eu não vou lembrar, eu lembro de quatro pessoas, né. E essas quatro pessoas com certeza assim ó, eu eu eu, a gente, depois que não teve mais aquilo a gente sentiu muita falta. A gente sentiu muita falta então, não me lembro destas quatro pessoas ter alguma reprovação, pelo contrario, teve reprovação quando não teve mais (risos). Né? (risos) A gente achava que era muito necessário, que ficaria muito, áaa... Porque aí a gente fechou num consenso de movimento né, dentro do espetáculo. E que depois não teve mais, o que criou vários assim conflitos... (risos).

Mônica: Carol, como tu descreverias então essa tal metodologia assim. Tu falaste assim, ah o Balé é importante, mas a metodologia... tem um... tu coloca um peso assim... Como tu descreverias então esta metodologia que era aplicada nas aulas de Balé?

Carolina: Acho, acho eu, posso estar enganada, mas acho que, primeiro, a metodologia que a pessoa pensa em fazer isso, primeiro, ela tem que ter noção dos vários estilos que pode trabalhar dentro daquela, daquele contexto do Balé, né? Porque eu acho que, hoje eu vejo assim, tudo pode ta muito misturado né? Então, eu acho que, se a pessoa tiver estar noção de fazer áaa, uma aula estruturada áaa,, pra qualquer estilo, e pensando em qualquer estilo e pensando áaa, como é que, o que cada estilo poderia á, o que que ela poderia trabalhar pra que fosse, áaa, tivesse peso aqui..não sei se eu to... aquilo tivesse peso depois praquela pessoa dançar o seu estilo, sei lá...

Mônica: Dando um pouco de autonomia pro aluno?

Carolina: Isso! É, exatamente! Sendo uma coisa mais aberta neste sentido. E , e... claro né, eu não sou professora de Balé, não sei, mas sendo trabalhando uma coisa que seja universal assim, o que eu penso, que é mais ou menos o que eu acho que tu trabalhava assim, que hoje eu vejo assim depois que eu passei pelo Jazz e sei lá e fui me aventurando assim... são coisas que assim, até quando tu faz uma aula de dança do ventre, sabe, vou sair um pouquinho da área de conforto agora, mas dança do ventre, são coisas... tu podes ver que tens coisas ali que o Balé poderia trabalhar também, entendeu? Então seria uma metodologia de trabalhar o Balé de forma universal assim, né. Enxergando qualquer possibilidade ali, ta aberta de repente por aluno também né? Não sei se tem essa possibilidade, mas, mas eu acho isso assim.

Mônica: Tu enxergava isso nas aulas?

Carolina: Enxergava isso, enxergava isso... Claro que às vezes tu fazia umas coisas diferentes assim pra gente, mas eu me lembro sempre daquela ideia da gente brincar assim, sempre teve aquela ideia também, eu acho que, não sei se por tu ser pedagoga, assim, né, então por exemplo, "vamos fazer" um (como é que se diz?), um centro né, e aí tinha uma coisa mais assim, a gente brincava com aquilo, ia lá e era complicado, e era uma coisa meio de brincar um pouco, assim como tu vai fazer uma oficina de dança do ventre tu vai brincar um pouco também com teu corpo né?, então eu acho que tem que ter essa... ah e outra coisa, eu acho que tem que ter essa leveza que o Balé sabe traz assim historicamente, que não tem...sabe, parece que não tem, parece que... uma leveza. E não tem porque tu trabalhar sem aquela leveza, assim...vamo lá, se dá dá, se não dá tudo bem... (risos) tudo certo... (risos). Eu acho que, nem me lembro do que tu perguntou... (risos)

Mônica: A gente tava falando da metodologia. Tem um áaa, tu já falou um pouco também, mas o ambiente de aprendizagem, pra ti como tu definirias nessas aulas?

Carolina: Mas aí tu ta perguntando de Balé?

Mônica: Do Balé que a gente fazia lá. Como tu define o ambiente de aprendizagem, que ambiente era este de aprendizagem?

Carolina: De afetividade, ponto! Não tem outra (risos)... acho que deve ser isto em qualquer ambiente de aprendizagem, é o principal... assim, se não tiver isso, bah, se perde 50%. (risos) pra não dizer que... (risos). Né...

Mônica: Tu começou falando um pouco da tua memória, né, a primeira coisa que vem... Como que eram as aulas? Tu consegue descrever como é que eram as aulas?

Carolina: (risos) Olha eu acho que eu já falei... eu digo mas isso daí eu falava pra ti, Né, pra mim Balé vem com um peso a palavra Balé, era uma aula de Balé, então, eu ficava tensa, mas era um tensa que eu tentava relaxar em função da afetividade. Bom, então se é a Mônica que tá me proporcionando isso então era uma forma mais, né, vamos se abrir né, pra esse trauma (risos), vamos trabalhar o trauma. (risos) Mais ou menos isso eu me lembro, assim e aí eu me lembro que a gente se divertia muito é a única coisa que eu me lembro assim, tirando a minha tensão de estar fazendo uma aula de Balé, eu me lembro muito disso assim, da gente rir muito, se divertir muito, rir muito dos erros. E tu brinca muito com a gente (risos)

Mônica: Carol tu lembra se tinha algum tipo de abordagem teórica sobre o Balé, porque a gente fazia exercícios de barra, de centro, de chão, dentro destas aulas, tu lembra de alguma abordagem teórica? Como era, se existia ou não, que que tu lembra disso?

Carolina: Ah eu me lembro de abordagem teórica no sentido de explicar pra que que é aquilo...né, áaa, por exemplo, porque que a gente tem que contrair o glúteo para ter equilíbrio e... sempre tu dizia, (eu me lembro muito desta explicação-risos) gente a gente tem que fazer isso com, pra girar a coxa a gente tem que tirar desde cima pra poder o pé... então assim, são coisas que eu carrego até hoje comigo né... então assim ó se eu não consigo ter esta força, não vou conseguir fazer tal coisa... então sempre tinha esta explicação. Eu me lembro que sempre tinha, tu explicava o movimento a gente ia fazer de uma forma bem simples, e a gente sabia pra que que era aquilo, pra que que poderia servir aquilo. Se eu to lá dançando uma coisa se eu não souber trabalhar a força do abdômen, essas coisas assim, né que é o que a gente precisava muito na época, que a gente não tinha esses aportes (risos). Então eu me lembro desta parte teórica bem importante que são coisas que eu me lembro e hoje assim quando eu quando eu vou por exemplo assim, fazer uma aula com a Márcia, a Márcia fala a mesma coisa então, eu sempre, eu acho assim super importante essa explicação. Por que tu fazer, é o que eu digo, um aluno meu um dia falou assim, pruma professora, ela mandou ele copiar, (eu achei fantástico aquilo que ele respondeu), “Professora, porque que eu vou copiar se já está no livro, e eu posso ler do livro?” Então assim ó, qual o objetivo da coisa? Entendesse? Não me faz de pateta (risos)! Então assim, tem que ter um sentido. Eu acho que tu sempre tentou em todos os movimentos pra que que é isso então, então tu fazia primeiro e também explicava, esta era a parte teórica assim.

Mônica: Tá, eu vou voltar um pouquinho no que tu também já falou que é um pouco do que representou pra ti áaa fazer Balé naquela época naquele momento né? Tu tinha feito Balé antes?

Carolina: Áaa, eu tinha feito aulas assim, que áaa, quando eu participei de um grupo, quando era tinha um professor de Jazz, mas que ele dava Balé assim né, “daquele jeito” e aí era uma coisa assim ó, áaa, vou usar uma palavra forte, era uma coisa até humilhante assim, né, pra quem não conseguia entender um plié, um... qualquer coisa mais simples, assim que a pessoa não tava, nunca tinha visto, não tava acostumada, então eu fiquei com essa experiência assim ó de ser uma coisa “se tu não fizer isso tu não é nada!” Se tu não conseguir fazer no mínimo isso, tu nunca vai ser uma bailarina, então foram frases que ficaram e que ficaram e que... gente, (risos) então, eu não quero ser... entendeu, eu não quero ser isso entendeu? Ainda bem que me apresentaram a Dança Contemporânea pra eu ser feliz (risos). Então, o que que é, a pessoa passa, passam pessoas assim na tua vida e te traumatizam. Mas, coitado do Balé, não tem culpa disso, (risos) né, mas áa sobre experiências eu tive, mas o que, fiquei fazendo umas aulas e depois não quis mais né, tive essa aula que foi bem marcante, acho que foi essa que mais me...(risos) foi essa! E... depois eu tive mais, mas pode ser não pelo que ele fazia, mas pelo que ele falava... então e... eu não me lembro de eu ficar traumatizada porque eu até tinha facilidade mas eu me lembro assim, mas eu me lembro dele humilhar muito as outras meninas assim, e isso me traumatizou um pouco assim (risos).

Mônica: Carol, o que que tu pensa assim, tu que também trabalha com Dança, dança há bastante tempo, tem uma formação acadêmica na área da Ed. Física, o que que tu pensa né, sobre a formação acadêmica dentro do processo de formação de um professor de Dança?

Carolina: O que que eu penso na formação acadêmica, de um professo de Dança? Eu penso que primeiro que ele tem que tá aberto, pra qualquer estilo, pra qualquer coisa... áaa, eu acho que ele tem que ter, eu não sei se essa formação é pra trabalhar em escola, pra trabalhar, independente do que seja, eu acho que a metodologia

que ele vai usar é também muito importante, o que que ele quer com aquilo, ele tem que ter muito claro na cabeça assim, que não é uma coisa fácil, né, a gente se perde muito eu acho, e se acha também, (risos) mas ãaa, a formação de um acadêmico em Dança é uma coisa, aí eu to indo até pela experiência com a Educação Física, a gente tem que saber o que a gente quer com aquilo e custa assim um tempo, mas estar aberto pra trabalhar em qualquer contexto assim né, porque ele não pode chegar também e querer impor uma coisa, ele tem que.... é aquela coisa do professor, eu acho, tu tem que chegar e avaliar o aluno assim, a partir daí tu vai transformar um pouquinho, nunca vai ser igual a aula que tu vai dar lá na escola do Dunas e na academia, né, tu vai ter, a tua ideia vai ser sempre a mesma, mas tu vai ter que mudar a metodologia, tu vai ter que adaptar àquelas pessoas né, então eu acho que é isso. Tu vai ter que também em algum momento deixar meio que livre pra trabalhar alguma coisa que seja mais forte pra aquele aluno né, não sei assim, se to falando demais.

Mônica: A gente uma trajetória, uma tradição vamos dizer assim na Dança, que as pessoas se formam professores de Dança, dentro das academias de Dança né, especialmente em Pelotas que a gente não tinha um curso de licenciatura em Dança né, até então. E esta experiência ela vai se dando ãaa, por um saber da prática por um saber, muitas vezes distante, dum outro tipo importante de saber que é tão importante que é o saber da academia, né?... Então um pouco isso assim, né, será que um... que tu pensa sobre um e sobre o outro?

Carolina: é... isso daí é uma coisa que e já pensava assim quando eu pensava...porque porque eu, o que acontece, eu fiz um curso de licenciatura, ta, não era de Dança, mas era um curso de licenciatura e, conforme eu fui fazendo esse curso, eu fui me vendo e, eu fui eu fui enxergando os meus colegas de dança e eles não tinham uma didática, que faltava neles era isso. Eu comecei a ver no meu próprio professor, né, era as coisas que eu que que foi me incomodando conforme eu fui virando professora, foi o que foi me incomodando, foi a forma de dar aula, assim que não virasse um produto final. Bom, se o resultado não vai ser o que os outros esperam tu tem que fazer alguma coisa pela aquelas pessoas que esperam alguma coisa de ti, entendeu? Agora no palco se vai ser, ou se vai ter um palco, azar, né, tem que fazer alguma coisa... claro que, é difícil pra eles que trabalham com Arte a visão é muito de produto acabado, né, uma coisa meio assim, fazer uma coisa pra isso, né, e... mas assim eu acho que o dia que essas duas se encontrarem e começarem a se encontrar que vão se encontrar, mas vai ser daqui a um tempo, pra isso, pras pessoas irem se dando de conta disso né, aí vai ser vai ser outra coisa, vai ser outra visão né? É o que eu digo, a Música já é mais assim, que a gente olha assim, sei por minha mãe ter sido professora de Música, então a gente já vê mais este trabalho da Música e da Didática da coisa, e a Dança como é uma coisa muito de corpo, de treinamento, eu acho que ela ficou meio o engessada, por essas coisas de de de treino, que tem no esporte, que tu tem que repetir, repetir, repetir, aí tu chega no palco a criança não sabe nem o que ta fazendo (risos)... Então ta né, a gente vai aprendendo né, eu acho que tem que ter uma revolução aí, mas isso é com o tempo, a gente tem que ter paciência sim, porque são pessoas que contribuíram, não dá pra ficar também com um discursinho de filósofo, que também não me agrada, (risos), não dá, não dá pra ti ficar só no blá blá blá, tem que sair e tem que fazer alguma coisa! A gente que ta na escola sabe que só aprende aquilo e a lidar com aquelas crianças indo lá e quebrando a cara e vendo não é assim, não é por aí, então vamo fazer assim... é assim se não não tem jeito e aí tu vai contribuir com alguma coisa com aquela criança, aí se tu vai com um produto final, bom, mas aí não era esse o objetivo, não bem o que eu tinha pensando e pronto né...e já to falando muito (risos)

Mônica: Carol, deixa eu pensar aqui, eu acho que era isso assim, ãaa a última pergunta tu já falou né, o que significou o Balé pra ti, aaa, falou um pouco sobre o que tu pensa sobre a formação acadêmica né...? acho que é isso, eu vou transcrever, te mandar por email e aí qualquer coisa tu podes fazer alguma alteração ta?

APÊNDICE J – Transcrição da entrevista nº 2

Entrevistado(a): Vagner de Souza Vargas

Data: 26/07

Local: Sala Branca/ Prédio da Dança e Teatro

Mônica: Bom, então, eu to fazendo um TCC né, aa, esta entrevista é uma parte super importante da investigação, então eu to entrevistando alunos, ao longo de toda minha formação desde a primeira turma até o período em que fui professora da universidade ta? Áaa, então eu to tentando compreender melhor quais são os saberes durante a minha formação como professora de Balé que influenciaram a minha metodologia de trabalho que eu consigo desenvolver hoje ensinando Balé, como ela se transformou e porquê. Áaa, então este estudo tem como objetivo investigar o processo de formação inicial do professor de Dança e a importância da formação acadêmica. Como que a universidade me ajudou a entender meu modo de ensinar. Então tu faz parte deste processo, vou conversar contigo pra gente recordar alguns momentos, a memória é uma parte bem importante que estou defendendo teoricamente no trabalho, áaa, e saber como tu vai vendo como tu pode ajudar áaa, na pesquisa. Teu relato é bem importante então, eu vou gravar, transcrever e te mandar, se tu quiser modificar alguma coisa né, achar que não ficou bem...aí depois a gente acerta a versão final, ta?

Mônica: Áaa, tu te lembra em que período tu foi meu aluno e por quanto tempo?

Vagner: A gente tá em 2013?

Mônica: Isso!

Vagner: Áaa, 2012, primeiro semestre, 2011... Em 2010 tu deu aula também?

Mônica: Dei!

Vagner: 2010, 2011, 2012, porque no segundo semestre de 2012 tu não deu aula.

Mônica: Não teve...tá, então vamos dizer assim que 3 semestres de Balé.

Vagner: Nãoom foi mais!

Mônica: é?

Vagner: é... 2010, 2011, 2012...

Mônica: Não, 2010 eu comecei a dar aula no segundo semestre.

Vagner: é, um semestre em 2010.

Mônica: E depois teve uma formação livre de verão... e depois uma formação livre durante o ano, e depois um estágio...tá!

Vagner: Ahã

Mônica: Tá, me descreve as aulas de Balé!

Vagner: Descrever (risos) tecnicamente ou descrever assim...

Mônica: Quando eu te peço pra descrever o que te lembra, o que vem pra ti das aulas? Como é que eram essas aulas?

Vagner: Eram... eram agradáveis, eram legais, eram descontraídas, a gente ia aprendendo aa sem ser uma coisa rígida que fosse desconfortável. A gente sempre começava pelo chão, trabalhando... primeiro aquecendo, indo bem aos poucos, aquecendo os pés, depois aquecendo a musculatura pernas, depois subindo mais... braços e aí só depois a gente levantava, aí depois ia barra, trabalhávamos na barra e daí depois ao longo do tempo é que soltava a barra.

Mônica: Hum... ta! Tu já tinha feito aula de Balé antes?

Vagner: Eu tinha feito uma... é que assim eu fazia uma peça que a gente tinha que dançar errado, então eu tinha que aprender coisas erradas pra fazer umas coisas erradas. (risos) Daí eu fiz umas duas aulas assim, pra aprender a fazer aqueles movimentos da peça errado e com o Augusto,

Mônica: Augusto Lima?

Entrevistado: O Lima, é! Mas também foi em função dessa peça mas não passou de uma ou duas aulas, mais foi pra saber como fazer aquilo ali e não me jogar no chão.

Vagner: Mas não dá pra gente comparar?

Mônica: Não, não dá pra comparar, porque não era uma aula de Balé. Eu tava ali pra aprender uns movimentos é que eu ia fazer na peça pra eu não em machucar.

Mônica: Uhun... Tá! Então, como é que foi... a gente pode então dizer que as aulas que tu fez comigo, foram tua primeira aproximação com o Balé. Como foi tua aproximação com o Balé?

Vagner: Foi uma descoberta, porque eu não tinha um contato assim de conhecimento... conhecer a técnica já conhecia, mas não no meu corpo, e... fazendo ali as aulas de Balé eu descobri que na verdade aquilo tava muito no meu corpo. Não foi desenvolvido ao longo da vida, mas ã, mais eu não tinha essa noção assim, eu não conhecia, foi uma descoberta. E... na verdade depois, um pouquinho antes assim, ou durante, não me lembro, foi no Tatá, eu me lembrei que na verdade desde crianças eu sempre quis assim foi a primeira coisa que eu quis fazer e a minha mãe nunca deixou, e aquilo morreu. Depois no contato com vocês na, quando eu voltei de São Paulo naquela disciplina de Corpo Vocal, que eu... eu me lembro que eu perguntava pra vocês: "Como é que vocês decoram os movimentos pro espetáculo?" "Como é que vocês decoram partitura?" "Como é que vocês decoram coreografia?" Eu não tinha a mínima noção

Mônica: Da Dança como um todo assim...

Vagner: Não, eu não tinha a mínima noção. Por mais que convivesse com bailarinos e tivesse ali eu não tinha noção como era o trabalho. E daí cursando aquela disciplina, estando ali com vocês, daí quando ela acabou, vocês me disseram: "Ah vem fazer, vem fazer, vem fazer". Daí surgiu o Balé como disciplina. Não! Daí foi no Tatá que vocês, e daí no Tatá, tu já dava preparação, né, no início era tu que dava, e daí depois sim, foi o, foi o Balé. E... daí claro, depois me veio essa memória, que era uma coisa que eu queria fazer desde criança e daí fazendo Balé eu descobri que aquilo tava muito no meu corpo, claro a idade... não dá mais nada... (risos) aquilo tava no meu corpo de alguma forma, então eu tenho uma facilidade pra me movimentar do jeito que o Balé precisa e... o Balé me ajudou muita coisa, ã, porque eu sempre trabalhei com teatro físico, com questões corporais no teatro e sempre me machucava, e sempre faltavam coisas.. eu não conseguia fazer certas coisas e faltava e na verdade o que me faltava é o que o Balé dá: é a consciência corporal que o Balé dá, ã, a noção cinesiológica que o Balé dá, anatômica que o Balé dá, fisiológica que o Balé dá, e tudo de proteção da articulação de musculatura tudo, que daí, se eu tivesse tido isso tudo antes, todo meu trabalho depois poderia ter ido muito mais longe, né?! Mas igual foi uma descoberta assim, uma coisa que eu descobri ali que vou carregar pro resto da vida. É o exercício que meu corpo precisa né, eu gosto de fazer musculação e tal, pra mim é prazer fazer, gosto de fazer, eu gosto de me exercitar mais, o Balé é uma coisa que tá no meu corpo, que eu preciso, é o exercício do meu corpo. Não é que eu queira ser um bailarino, né? Mas (risos) ã, tá, faz parte do meu corpo, é o jeito que meu corpo compreende movimento, eu não sei explicar isso, mas é o jeito que o meu corpo compreende o movimento! Porque, o Balé, ele é todo explicadinho, ãaa relacionado né, À Anatomia, Fisiologia, Cinesiologia, tudo né, certinho. E parece que meu corpo precisa compreender as coisas dentro desse, dentro dessa lógica né? Senão dá as coisas que eu me travo, eu hoje em dia não consigo fazer se eu não tiver esse tipo de embasamento, não sei se é o meu corpo que trava porque não, o caminho não é esse, tem que fazer um caminho certo que não vai te machucar, e o Balé o que faz? É te proteger, ele te protege, e daí ali, talvez, as coisas que eu não conseguisse fazer antes era porque o meu corpo ã, não deixava eu me machucar mais, e daí antes se eu soubesse o caminho certinho do Balé eu conseguia.

Mônica: Tá, tinha tu tinha algum imaginário anterior, sobre como era uma aula de Balé?

Vagner: Ah já tinha visto né?

Mônica: O que que tinha na tua ideia assim, do que que era uma aula de Balé?

Vagner: Não, eu já tinha visto várias aulas, eu tenho vários amigos que são bailarinos, então de sentar ali e ficar assistindo eu vi. Então, uma coisa é tu sentar ali e assistir, outra coisa é tu sentir isso no teu corpo. Tu sentar e assistir tu fica vendo o povo botar o pezinho pra lá, o pezinho pra cá, a mãozinha pra cá pra lá, tu acha que aquilo é fácil! Daí quando tu (risos) vai ali e tu vê que virar o pé pro lado é uma coisa horrorosa de difícil que dói todo corpo, daí tu entende né? A perspectiva é completamente diferente.

Mônica: Ahã. É... através da metodologia, é de ensino que eu usava nas aulas, tá, tu percebeu assim alguma abordagem voltada pra formação do professor? Por que ali a gente tinha...

Vagner: Tinha vários alunos da licenciatura.

Mônica: Tu conseguias enxergar isso? O que que te veio, assim, sobre isso?

Vagner: ãa, lembro que tu dava claro Balé, e tem umas coisas da... como é que chama aquilo? Educação Somática(...)tinha algumas coisas que eu identificava ali que eram também de Educação Somática e que tinha a vê, total assim! E quando tu ia dando as aulas, tu já ia explicando pro pessoal ali como é que dava pra adaptar aquilo pra outros contextos, como é que eles tinham que pensar com os alunos deles, como é que eles tinham que lidar quando era criança, quando era vovozinha, quando era outro tipo de pessoa e era mais... aãa, tu já ia abordando isso e também aquele...ãaa, tu pedia pro pessoal sempre fazer aquele registro, o memorial no final da aula, pedindo pra pensar em como adaptar aquilo também, como é que tava sentindo... o pessoal da licenciatura

trazia muito isso também de como pensar aquilo pro ali pro pro pras aulas dele e tal. E várias vezes os alunos da Dança diziam, “ah, fiz com meus alunos e tal...” Não que eles fossem dar aula de Balé, que não nos instrumentalizava pra dar aula de Balé pra formarem bailarinos, mas como eles adaptarem aqui ali pro contexto da sala de aula deles, onde eles forem dar aula.

Mônica: Uhum... Como que tu descreve, ta, a metodologia de trabalho usada, tá? Nos aspectos positivos e nos aspectos negativos...

Vagner: Olha, positivos assim, áaa, ela já era toda á, pensada de maneira, que ela ia preparando todo o teu corpo parte por parte, pra ele depois fazer algo que envolvesse áaa, uma amplitude, um conceito global do corpo, uma movimentação global. Então isso de tu ir aquecendo e alongando, despertando parte por parte, desde o dedinho do pé até o pescoço, né, isso pra mim já é um ponto positivo né? De, não pular etapas, de tu não botar alguém a fazer algo que o corpo ainda não pode, AA, eu me lembro, por exemplo uma vez, numa aula, no meu lado da barra tava aaaaa (...), a menina aquela bailarina de Rio Grande, a Vanessa. E eu tava do lado. A Vanessa ia com a perna aqui assim, e a minha saia 2cm do chão (risos). Mas AA, daí no caso, pra Vanessa tu dava um tipo de orientação, porque ela já tinha á uma outra capacidade, e pra mim tu ia dentro daquilo ali, pra eu compreender aquilo ali. Então á, tu respeitavas o, o tempo de desenvolvimento de cada um. E isso é uma coisa boa também, porque dentro de uma turma tu pode ter alguém super avançado, né um bailarino de verdade, e alguém que nunca fez nada, como eu! Né e como tinha... às vezes tinha umas senhoras de idade ali né, e muitas vezes tu parava e ia explicando o pé de uma por uma ali, mostrando... porque aqui ali é cada um com seus os limites, de ponto negativo, eu vejo só a estrutura (risos), de carregar barra pra cima, barra pra baixo, falta de espelho em sala de aula, AA além da sujeira do lugar lá, isso tudo por conta da estrutura do... áa

Mônica: ...da universidade.

Vagner: Da universidade! E de resto não, de resto não, de resto não...

Mônica: Como tu te sentias durante as aulas? Te descreve nas aulas... conta um pouco...

Vagner: Eu era um diabo (muitos risos)

Mônica: (risos)

Vagner: Eu atrapalhava as aulas... (risos). Eu não consigo parar de debochar (risos). E eu não sei porque, tenha uma coisa assim, quando eu sinto dor eu começo a querer cantar (risos). Eu tava fazendo aula, um pliê, tava doendo muito, eu começava a cantar pra distrair a dor (risos) Então eu acho que eu era uma pessoa um tanto quanto desagradável às vezes, que incomodava, de tanto, mas é que... eu não sei eu não conseguia me controlar...

Mônica: Mas tu te sentia incomodando?

Vagner: Não, mas é que eu achava que eu podia incomodar (risos) as pessoas, às vezes de não conseguir parar, porque quando eu sinto dor eu começo a rir, se eu tenho câimbra eu não consigo parar de rir, agora, tem gente que fica aí aí aí morrendo de dor, eu começo a dar gargalhada, se eu sinto dor meda vontade de cantar... Então às vezes eu achava que isso poderia distrair, mas eu animava às vezes quem tava na barra comigo!

Mônica: (risos)

Vagner: (risos)

Mônica: Áa.. a respeito das aulas assim, da metodologia que tu já falou um pouquinho... á, qual era a melhor forma de tu aprender?

Vagner: á, no meu corpo, pra eu aprender, qualquer coisa, eu tenho que entender da onde começa, por onde passa e pra onde vai. Se ah... é esticar o braço pra cá! Eu vou esticar o braço pra cá, mas vou fazer errado! Se eu entender da onde começa, por onde passa e pra onde vai daí eu faço assim. Então, eu preciso entender isso, como eu já estudei anatomia, essas coisas todas, né, então eu preci eu preci eu, ficava me dando conta no meu corpo, de que musculatura eu tava mexendo, que articulação era aquela ali, de que jeito é, e daí isso o Balé ajuda né, então á, a entender da onde ta indo então, eu ficava pensando eu tinha essa consciência, á, eu preciso disso, né, de entender o que que tá acontecendo. Então... (me perdi...)

Mônica: Tá, não é o que te facilitava pra aprender? Tu via á, tinha intervenção do professor pra tu compreender da onde partia...

Vagner: Áhã... e às vezes eu podia ta não entendendo no meu corpoo que que era e daí tu vinha, de fora e tu ia lá mos á, tocava em mim, alguma coisa ou mostrava... e daí eu ahhhhhhhh... porque às vezes a gente não ta entendendo no corpo, né então às vezes precisa ter alguém que toque na gente e diga é tu, ah.. porque às vezes é uma parte que tu não conscientiza muito no teu corpo, é uma maneira de tu movimentar que se alguém te tocar ali e se te mostrar tu vai entender. E eu preciso, de entender assim, eu não consigo, olhar alguém fazer e sair fazendo assim, não consigo, eu tenho que entender...

Mônica: Uhum... ã, das aulas de Balé, áaa, houve alguma aprendizagem para além do Balé?

Entrevistado: É que no caso, meu lugar é no teatro né, daí sim, é, pro meu trabalho como ator, total! Porque depois numa pesquisa que eu desenvolvi de corpo e de voz, ah, daí ampliou tudo as possibilidades de movimentação e de tudo assim, ã, de perspectiva de movimento, de consciência... de outras formas de explorar o movimento e de explorar a minha relação com meu próprio corpo e com minha própria voz também, porque daí eu compreendia meu corpo de uma outra maneira. E daí eu podia explorar outras coisas. Áaa... E também na minha vida pessoal, porque eu sempre senti muita dor na coluna, muita, muita, minha coluna é toda torta e com o Balé, não que, não existe isso de botar a coluna no lugar, mas o Balé fortalece de tal modo a minha musculatura que, que me ajudava no dia-a-dia. Agora eu lembrei que de outra coisa, que eu não sou da Dança que foi quando eu me machuquei em cena, a pouco tempo, quando eu segurei, uma colega caiu e eu segurei eu eu machuquei a minha coluna muito sério. Daí eu fui pro médico, eu passei por dois médicos e eles disseram que eu só não estourei mais de uma hérnia na coluna, porque eu estava com a musculatura interna muito fortalecida. E daí claro, eu não tive nada, mas ã, eu só não tive nada, porque eu tava com a musculatura interna, muito trabalhada e na hora que ela caiu eu encaixei todinho o corpo como tem que encaixar no Balé, então eu segurei, segurei, toda musculatura, tudo assim e daí.. por já tá trabalhando a algum tempo me ajudou a não ter nenhum problema mais sério na coluna né, então o Balé também me ajudou muito! Outra coisa foi com o Balé, que daí em cena, quando a gente tava se apresentando uma vez e um funcionário resolveu mexer num ferro na coxa, eu tava pra entrar em cena e bateu um ferro no meu joelho e daí claro inchou, cortou, eu apresentei e depois virou uma bola e daí ou eu iria ficar meses fazendo fisioterapia ou fazer Balé (risos). E daí eu comecei a fazer mas daí fortaleceu e eu não tive absolutamente nada! Áaa, me protegeu as minhas articulações e a musculatura... e me ajudou, num problema de saúde. (risos)

Mônica: Áaaa, fala um pouco sobre o erro.... na, na aula de Balé, como é que era tratado o erro?

Vagner: Ah, o erro era tratado com naturalidade, porque ele faz parte né, Ei... ãa, então, às vezes quando tu dava atenção individualizada, por mais que a turma fosse grande, tu ia em um por um, sempre, e quando alguém dizia assim, “ai eu não to conseguindo, eu não to entendendo”, tu pegava e tu ai ali naquela pessoa, mesmo que não fosse o horário, o momento de ires e eu acho que faz parte, faz parte daí ali todo mundo lidava com o erro de maneira bem humorada e divertida, então não tinha problema nenhum, não aquele... ninguém ali ia morrer, se atirar pela janela porque não levantou a perna na cabeça, sabe?

Mônica: Áaa, ai vamos falar do ensino da técnica propriamente assim, da técnica do Balé, ãa, tu já tinha visto outras aulas de Balé embora não tivesse feito, ã, então, a partir da tua aprendizagem e do teu olhar sobre as aulas, como que tu avalia o ensino da técnica em si, da técnica do Balé?

Vagner: Ahã... daí tem uma diferença da aula de Balé pra bailarinos, e a aula de Balé pra pessoas que não são bailarinos né? E uma aula de Balé pra bailarino é uma coisa assim né, um rigor militar (risos), e daí claro, porque daí tão buscando uma virtuosidade né? E ali por mais que fosse um público geral tu tinha um cuidado com a técnica muito grande, porque mesmo assim, dentro daquela turma tinham bailarinos, né, mas tu conseguias adaptar a coisa de uma forma que a técnica era extremamente apurada, ã, daí daqueles que podiam tu ias ali e dava alguns toques, alguns conselhos algumas coisas, porque eles podiam mais, mas os outros tu não pulavas as etapas. Não sei se era isso...

Mônica: Não, eu acho que é isso, era falar um pouquinho do ensino da técnica mesmo assim né? Áaa, tu falou um pouquinho lá no início dos Diários de Processo né, dos diários individuais assim de acompanhamento da da do andamento. Como é que tu avalia isso, né, como um recurso de aprendizagem também e o feedback desse... como é que era o feedback desse diário?

Vagner: é... esses diários são bons por serem um momento de depois que tu faz uma aula depois que tu vivencia um processo desses tu vai pensar sobre aquilo ali, sobre o que aquela aula representou no teu corpo, sobre o que tu descobriu, o que tu vai refletir e tal, então é um outro momento que eu acredito do aprendizado né, que daí tu para pra pensar sobre aquilo que tu fez. Então nesse sentido eu acho importante né. E o feedback legal era que daí tu levava né, depois tu trazias e daí tu sempre comentava alguma coisa e e isso pra ti também serve pra tu identificar áaa as necessidades dos alunos, ou o que que eles não tão entendendo, ou o que que eles tão precisando, até pra tu adaptares áaa, a tua metodologia de trabalho. Mas havia um feedback e às vezes é legal de se falar assim, às vezes tu botavas, não não detalhavas, pra não expor ninguém né, mas dizias, ãa, ah alguém viu

tal coisa e tal e isso às vezes tu percebendo o que o colega falou lá no diário dele pode te ajudar a perceber alguma coisa no teu próprio processo... E eu percebia muito que durante as aulas, o pessoal tava muito pensando... assim, pensando sobre não só sobre a técnica, mas muitas vezes eu vi assim o pessoal pensando sobre como aquilo ali usar com seus alunos, ou sobre o que que aquilo ali tava fazendo no seu corpo, o que que aquilo ali tava lhe ajudando...então, eu via muito assim o pessoal pensando. Às vezes o pessoal comentava, fazia... até mesmo as que já eram bailarinas, porque às vezes elas tavam ali elas tavam ali fazendo uma aula de de primeira posição, segunda posição, pra elas que já são pontas né, já já que já fazem outras coisas, e elas às vezes, “nossa eu não parava pra pensar nisso sabe, de encaixar diretinho prum pliê assim...” coisa que elas já tavam mais lá na frente e que precisavam voltar e ficavam pensando... “nossa!”. Então, de ensinar... AA eu via o pessoal comentar muito isso né, AA e era bom! Pra mim eu sempre digo que eu preciso compreender o que acontece no meu corpo pensando (risos). Eu sou um corpo que pensa (risos).

Mônica: Áaa como que tu descreve a relação professor aluno?

Vagner: é muito...tranquila, muito tranquila... não tinha aquela rigidez formal que às vezes distaciada que alguns professores gostam de impor, às vezes uma questão de insegurança ainda profissional, insegurança didática...áaa, que ainda não tem experiência suficiente... Tu como já tem uma bagagem, uma experiência, tu não precisa usar este tipo de artifício pra impor respeito pra ninguém, sabe... a própria maneira de se relacionar ali, aãa, e a tua experiência didática já faziam isso né, e ntão, áaaaé da melhor maneira possível! Não tinha aquela coisa de um professor profeta, que profetiza em cima dum púlpito e ele detem o conhecimento e o restante são uns ignorantes e tal e obedecem...isso não tinha.

Mônica: Áaa sobre as tuas aprendizagens...ta...é tu já falou um pouco mas eu vou pedir pra tu falar mais assim. Aa o que tu pode falar sobre o que tu aprendeu?

Vagner: Uhun...Eu aprendi a ter uma melhor consciência do meu corpo, a ter uma melhor áaaa... movimentação do meu corpo, aprender que as linhas não são só linhas no meu corpo porque fica bonito, mas é porque elas tem uma função e elas não limitam a gente, elas nosmi ajudam a ir além...áaa.... e... áa o meu copo precisa deste tipo e exercício, vai sempre precisar, vou ser a vovó do Balé de tuttu e bengá e andador... a minha barra vai ser o andador (risos) vou fazer pliê no andador (risos) mas é que o meu corpo precisava deste tipo de fortalecimento, eu sempre fiz outros exercícios, sempre gostei de praticar mas AA eu precisava de alguma coisa que tivesse um pouco mais, um pouco mais de compreensão e o Balé me deu isso eu aprendi a conhecer um pouco mais o meu corpo e a proteger. Um conhecimento que protege! Um conhecimento que protege o corpo foi isso que o Balé me deu. Porque hoje em dia eu posso ir fazer qualquer tipo de prática corporal e o conhecimento que o Balé já me deu já me previne de não me machucar. É que nem...se tu vai fazer uma aula de, ah vou fazer um laboratório de voz pro ator, e tu não tem nenhum tipo de técnica vocal, tu vai te machucar a voz... entende tu vai fazer uma prática corporal do teatro e ficar lá loqueando com teu corpo, tu vai te machucar! Então daí, o Balé ajuda isso porque, mesmo quando tu vai e depois que tu já começa a conscientizar isso teu corpo, quando tu vai fazer alguma coisa errada o corpo começa a mostrar é engraçado... que começa como se fosse um ruído do corpo, “não, não, vai machucar!” E daí tu já não, e daí sabe o caminho, o corpo depois mostra qual é o caminho certo e... não é certo, mas é que áaa tu não vai te machucar...né, e daí tu podes fazer o teu mesmo tipo de experiência corporal, o mesmo tipo de movimentação corporal sem te machucar! Ao invés de ta te machucando e logo em seguida tu não vai poder te mexer!

Mônica: Áaa a partir do que tu observava nas aulas o que a professora esperava de comportamento dos alunos?

Vagner: (risos) (risos)

Mônica: Comportamento, num sentido bem amplo assim, de respostas, de de de o que que te parece que a professora esperava dos alunos?

Vagner: A resposta, (risos) aprender (risos)! Áaa ah é que eles tivessem uma consciência corporal dentro do seu estágio de desenvolvimento, de consciência corporal a partir duma técnica de Balé que eles tivessem compreendendo a importância de cada etapa daquelas ali, porque que tinha que ser daquele jeito, AA de como aquilo ali ajudava eles, do como aquilo era importante.... e isso ia acontecendo, aos pouquinhos isso ia acontecendo porque o pessoal ia compre... como era tudo gradativo, isso ajudava o pessoal a ir compreendendo o seu corpo.

Mônica: Áaa o que tu acha dessa coisa da de dada conversa, durante a aula né... é uma aula conversada, né... o que que...e uma aula conversada teoricamente mas conversada sobre a própria dança e sobre outras coisas

também, o que acaba criando um ambiente diferente... que tu pensa sobre isso? Sobre essa conversa dentro duma aula de Dança?

Vagner: Ah... é e agora eu me lembrei que muitas vezes tu parava pra explicar coisa também teóricas que também entrava às vezes em alguma coisa bem teórica assim, mas que ajudava a compreender aquilo ali que a turma ali não tava conseguindo fazer tecnicamente, numa movimentação corporal técnica. Ajudava, então às vezes precisava ter aquele momento de conversar... áaa, num contexto de hoje em dia que às vezes todo mundo chega de uma vida que tem um milhão de coisas e da da da...e vai ali pra pruma sala, pra viver experiências corporais, tu podes, parar, ser extremamente profissional e ir ali pruma coisa técnica (?)e deu! Mas às vezes tu pode até barrar o teu corpo, porque tem coisas que tu traz lá do mundo e coisas que tu quer compartilhar ali e que tu precisa compartilha até pra tu poder te entregar ao movimento, à algumas outras coisas. Então talvez quando tinha essas conversas paralelas ali, elas também serviam pra isso: deu, jogava, esgotava, criava um ambiente de intimidade entre aqueles corpos que estavam ali e tal, de de de áa bem estar e daí se permitia, porque às vezes as pessoas precisavam daquilo ali, e é importante este tipo de coisa, só que claro, contextos e contextos eu não sei se no contexto de uma cia de Balé profissional se vai ter tempo pra esse tipo de coisa, porque daí é profissional, é virtuose, é trabalhar no máximo da tua possibilidade, não teria... mas num outro tipo de contexto como esse, que daí é um contexto que é bem relacionado a uma prática de pessoas que depois vão ir pra dentro duma escola, que daí vão pegar aquelas 40 crianças que tem todos os seus contextos, né e daí, vão levar, vão tudo ser jogados pruma sala de aula, o professor vai ter que saber lidar! Então, tu fazendo isso ali, o pessoal já sabia que mesmo tendo essa conversa, não perdia a aula, não perdia o andamento, não perdia a prática, não perdia a técnica, é era só uma questão de saber como lidar, e a experiência didática pra isso tu já tinha.

Mônica: Uhun... então eu ta eu ia te fazer uma pergunta sobre a abordagem teórica nas aulas né, se tu lembra de ter algum tipo de abordagem... tu já falou que lembra... o que que tu lembra mais sobre isso... assim sobre o peso que isso tinha aula, o tempo que isso tinha na aula, como é que era didaticamente assim??

Vagner: O tempo assim, dividir o tempo eu não sei, mas ele era o tempo necessário pra que a turma compreendesse aquilo ali que tava sendo áa, praticado naquele momento, mas era importante pra até mesmo pra trazer conhecimentos que as pessoas às vezes pensam, “ah, tem que mexer o pé assim, da da daa...” mas às vezes explicar que o outro e da da da e outras teorias, outras coisas... ajuda a compreender o sentido global daquilo ali e a importância daquilo ali, (?) ter este momento de trazer a teoria ajuda a tu compreender a importância de se fazer aquilo ali do jeito que tem que ser feito e não fazer de qualquer jeito, fazer sem compreender... fazer sem compreender é que leva à lesão, leva machucado, prejudica... áa, não ocupava a maior parte da aula, mas ocupava o tempo que era necessário praquela explicação. Umas precisavam de mais outras precisavam menos explicação teórica.

Mônica: Tá! Tu também já respondeu, né, assim ã, falando sobre o teatro, que a pergunta era, no que tua formação profissional foi afetada de algum modo?

Vagner: Afetada positivamente...

Mônica: É... afetada num sentido, foi influenciada, acho que é a palavra mais adequada...

Vagner: Foi, positivamente assim...muito assim! Me deu a tristeza de não ter conhecido o Balé antes... né, porque senão eu ia, tudo teria sido diferente, né... Foi pra melhor assim, pra melhor... Pra melhor tanto no quesito proteção, como de descoberta do meu corpo para comigo... Influenciou meu trabalho no teatro, minha corporeidade... é muito importante!

Mônica: Vagner, agora pra gente terminar... o talk show... áa, descreve, a professora Mônica, a partir do teu ponto de vista como aluno...

Vagner: A professora áaa, (risos) áa eu acho que ela é competente, didaticamente experiente e competente, ao ponto de ter vivenciado muito todas estas técnicas no seu corpo, e por compreender, ter compreendido isso tanto no seu corpo, sabe ensinar no corpo dos outros, porque já identificou os problemas que os outros tão passando ali ela consegue identificar no corpo dos outros porque ela já passou por aquilo ali em alguma outra.. (risos) embora eu não te conheça de antes... mas era a impressão que eu tinha que tu compreendia porque já tinha passado aquilo, tu já viveu todos aqueles todas aquelas etapas desde do que não sabia fazer nada até da bailarina profissional que tinha na turma. Tu sabia tudo aquilo ali porque já tinha estado no teu corpo,então por tu saberes isso, tu daí conseguia, com a didática, com a maneira como tu sabes lidar com as pedagogias do corpo do ensino do Balé, tu sabias adaptar isso de uma forma pedagógica pra que os alunos pudessem compreender isso da maneira mais tranquila sem parecer que o Balé fosse uma coisa que militarmente dóida (risos). Balé dói, (risos), mas relaxa... (risos), mas áa, tu fazias áa, tu conseguias trazer isso de uma forma que áa, que vai ter que doer, mexer com a musculatura né, que isso não fosse tão dolorido, fosse agradável, divertido... e isso era uma coisa

que tu ta trazia das experiências que tu viveu no teu corpo. Então até as experiências ruins que tu viveste, dava pra ver que tu soubeste puxar disso, dessas experiências pra transformar pra o momento que tu fosses ser professora, tu não causasse esse sofrimento que tu passou nos teus alunos, então eu acho que isso dava um olhar em ti que quando tu olhava pra eles e dizia “alguma coisa ali que isso ah ta doendo... não to conseguindo...isso ta gerando...” porque o sofrimento pode ser não conseguir fazer né? De não saber pra onde ir...e Tu ir lá e “não, quem sabe assim..” De tu buscar essas dificuldades do aluno e saber como convertê-las em aprendizagem.

Mônica: Tu enxerga a Pedagogia em algum ponto, como influência?

Vagner: A faculdade? Ah eu desconheço o campo...

Mônica: A abordagem da faculdade? Tá!

Vagner: No caso, olhando pedagogia como maneira de favorecer alguém a aprender alguma coisa, daí sim, daí todo! A tua prática é isso, a maneira que tu pegou do Balé pra ajudar as pessoas a como aprenderem aquilo ali nos seus corpos e eu acho, acho que isso vem do teu corpo, porque tu tivesse que descobrir isso no teu corpo muito antes... muito antes de tu ir pruma faculdade de Pedagogia né...Porque tu teve que descobrir isso em ti..entende? Então eu acho que todas as dificuldades te fizeram buscar isso pro momento que tu fosse ensinar, tu saber ajudar os outros a ultrapassarem os limites que tu demorou bastante pra ultrapassar, tu seria uma facilitadora, neste sentido...

Mônica: Uhum...E tu enxerga, o curso de Dança? Atravessando esse percurso?

Vagner: Áaa

Mônica: Claro, da tua aproximação como alguém do teatro... né... Claro!

Vagner: É...ãa eu acho que é extremamente importante o curso de Dança aqui ter formação livre, essa formação ou disciplinas que fossem fixas até de Balé por todas essas questões que eu falei da importância do Balé né. Áa, eu acho que no caso a faculdade te dá uma noção teórico- reflexiva sobre as questões que envolvem o corpo, o que envolvem o ensino do aprendizado corporal e tal das relações com os corpos, como os corpos se relacionam, mais nesse sentido assim, porque eu não sou aluno do curso de Dança...

Mônica: Tá! Eu acho que é isso... mudança, nesse percurso de um ano e meio tu percebeu alguma?

Vagner: No meu corpo?

Mônica: Nas aulas...

Vagner: Ah porque áaa, tinha um dependia do tempo que a disciplina tinha porque tinhas uns semestres que a carga horária era menor e os outros a carga horária era menor e no outro que era concentrado. Tu adaptava de acordo com o tempo que tu tinha... né, e também do material humano... porque naquela de verão mesmo eu acho que ficou só o pessoal que já tava fazendo a mais tempo, e mais o pessoal que já era bailarino então e tu evolui um pouco mais nos exercícios, então eu acho que tu adaptava de acordo com o período de tempo da disciplina e também a evolução de quem tava ali. Nesse sentido, cada uma daquelas foi diferente porque mudava o contexto né...

Mônica: Claro!Acho que era isso assim!

APÊNDICE L – Transcrição da entrevista nº 3

Entrevistado(a): Eleonora Campos da Motta Santos

Data: 30/07/13

Local: Colegiado dos Cursos de Dança e Teatro

Mônica: Então esta é a entrevista com a professora Eleonora, ãa, na sala Branca, do Colegiado de Dança, dia 30 de julho, às 19:52.

Aã, Nora, tu te lembra, ã, tu consegue localizar no tempo, assim o período que a gente deu aula junto e por quanto tempo? Pra me ajudar a me situar...

Eleonora: Áaa... Deixa eu pensar... eu comecei a dar aula lá em 90. E tu era... pinto! (risos)

Mônica: Vamo lá... em 90 eu tinha 9 anos.

Eleonora: Então, deixa eu pensar Mônica agora... olha que sou boa nas datas né? Agora tu me pegou... Foi... eu saí de Pelotas em 98, né, 99, 98 eu casei. Então é desse... nesse período a gente tava trabalhando juntas né? Eu acho que foi por 95... por aí né? Deixa eu pensar pelas Danças que a gente fez... em 95, a gente dançou Don Quixote, a gente ensaiou as floristinhas juntas... Então já era... 94... foi cinderela e tu dançavas o..

Mônica: Côrte, aquelas...

Eleonora: É e aquele preto e vermelho... como é... esqueci agora o nome, mas naq... e as criancinhas dançavam os ratinhos, que também...

Mônica: Eu acho que não...

Eleonora: Eu acho que não! Então, eu acho esse é o máximo, eu acho que é 95.

Mônica: or: Eu também achava que era... eu não tenho registro desse tempo como professora, então eu lembro a idade que eu tinha mais ou menos que era mais ou menos treze, catorze anos.

Eleonora: Eu acho que é isso!

Mônica: E aí, eu acho que a gente ficou dando aula junto até tu ir embora...

Eleonora: Até eu ir embora!

Mônica: Que ano que foi tu lembra?

Eleonora: Eu saí de Pelotas... de terminar assim a turma foi em 98. Que daí no incincho de 99 eu já não comecei.. foi maio, junho de 99 que eu recomecei a dar aula naquele ano, então foi 98 mesmo...

Mônica: Então foram mais ou menos 3 anos...

Eleonora: é! Ai parecia que tinha sido muito mais! (risos)

Mônica: é, né, é intenso... é uma convivência de muito tempo!

Eleonora: E aí depois desse tempo tu ficasse trabalhando aquelas turmas de Baby e Preliminar...

Mônica: é... eu me lembro que a Daniela tava aqui né, e aí eu dei aula uns meses com ela e daí depois ela me deixou... e eu fiquei dando aula até 2002, 2003, por aí, quando entrei no município.

Mônica: Aã, Nora como é que foi pra ti esta experiência de compartilhar a docência? Lá nesse início, em que tu tava dando aula já há um tempo, né, e a gente atuou junto. Tu já era um elemento formador de algum modo. Como é que era pra ti?

Eleonora: Uhun... eu acho que não dá pra falar nisso diretamente sem falar do processo que eu passei antes disso, porque eu já comecei a dar aula de Balé de forma compartilhada... Desde primeiro ano que eu comecei a dar aula lá em 1990, ãa, já foi com essa proposta de trabalhar junto com a Aline Peres, e já era na lógica comum na escola da Diclêa. Então, quando eu fiz, quando eu fui aluna de baby Class, eu tive duas professoras e daí em diante sempre havia essa busca de ter duas pessoas em sala de aula e a ... no período que eu fui observadora, porque eu sempre fui muito metida, eu sempre gostei de ficar olhando muito as aulas, às ficava ajudando ali o gravador, e... sempre tinha essas duas pessoas né, normalmente eram duas pessoas. E eu lembro que quando veio o convite junto com a Aline Peres. Era eu e a Aline Peres, que era... tínhamos a mesma idade, estávamos dançando mais ou menos juntas, tínhamos a mesma disponibilidade, talvez o mesmo intere, talvez estávamos demonstrando o mesmo interesse, né... e aí ã,então esse... é a minha experiência já começou compartilhada. E isso sempre foi muito rico, muito rico... até áaaa, às vezes a Melissa substituiu aula, pra mim... mas enfim, sempre foi muito rico! Depois de um tempo, eu tava... acho que teve um um um período em que eu trabalhei sozinha... fiquei sozinha. Mas o processo de ter trabalhado com uma outra pessoa, e sobretudo no início, é... eu acho... literalmente com outra pessoa na sala de aula, e ao mesmo tempo com uma supervisão, vamos dizer assim, da Tia Beth, que dava todo o suporte, né... da gente di di dá ideias e de... e da gente fazer aquela... tinha aquela rotina da gente montar a aula lá e os exercícios, de mostrar pra ela antes, pra ela dar alguma dica, algum ajuste, alguma coisa assim. Então eu acho que... é engraçado porque agora, não tinha nunca pensado sobre isso...

talvez eu tenha que pensar um pouco mais sobre isso. Eu tenho uma preferência sempre em trabalhar com outra pessoa, e talvez venha um pouco daí, né... porque essa experiência já nasceu assim. Mas aí com a tua chegada, a minha figura tinha um pouquinho um outro lugar, né? É é aquela pessoa que já tinha a que tinha um pouco mais de experiência e que ia... eu ãa eu pelo que eu me lembre, assim da minha memória, eu acho que sempre foi muito tranquilo, ãa, sempre tentei, ãa, ãa, acho que talvez pudesse ter algum tipo de tendência a direcionar um pouco no início a organização das coisas né... mas, ãa, ãa, do que eu me lembre eu sempre me penso assim ã aberta a... sempre aberta a mostrar o que eu tinha, o que eu queria propor ãa...sem... com uma espaço pra ouvir aquela outra pessoa que poderia não me dizer nada, no caso tu né? Por a fal, pela pouca experiência ainda, mas eu não me lembro de ter um pensamento ou um sentimento de de de dizer assim “ Bom, eu mostrar, eu vou dizer pra Mônica o que vai ser a aula!”. É o que eu acho que tem que ser, né? e aí talvez aos poucos eu lembro ãaa, da tua inserção, da tua proposição, e e eu acho que, por ã... sempre, sempre foi muito muito pra mim, uma habilidade específica tua de lidar com as crianças e de gostar de estar fazendo aquilo, te ta dando aula, né? O que faciliti..., o que eu acho que facilitou muito o trabalho, porque a pessoa quando gosta quando gosta do que ta fazendo, né? ãaa... tem o interesse em fazer acontecer da melhor forma possível. Eu acho que eu sempre ãaaa... se eu posso te falar de memória, ãaa... de sentimento eu acho que..., de sensações é essa de de ao mesmo tempo, ãaa, tentar ser uma pessoa propositiva, pelo fato de um pouquinho mais de tempo no envolvimento da atividade, mas ao mesmo tempo aberta a a a esperar a a a reação da outra pessoa ãaa, no caso a tua. E e lembro também de ter essa sensação muito viva e tipo muito em seguida assim de de de compartilhamento dentro de aula assim de de de talvez não diretamente na organização da aula mas de reações tuas de de de uma postura tua interessada na aula e com um vontade de fazer a aula da certo. Então, começaram a nascer logo intervenções, ideias, modos de organização, propostas ali naquela hora da aula que a gente programou alguma coisa, mas que não deu certo lembro do... acho que tenho essa memória assim, né? De poder não ter sido combinado, ou proposto exatamente por ti ali no planejamento, mas, ãaaa, acho que sempre te percebi ã vontade na aula pra... pra ter esse espaço,. Claro que isso foi acontecendo ao longo do tempo né? No primeiro ano uma Mônica muito mais retraída e ao longo do tempo uma Mônica muito mais propositiva nesse sentido e e... é essa memória...

Mônica: Tá!! Nora o que que tu pensa, depois eu vou voltar pra pra o que tu falou... mas o que que tu pensa, sobre este tipo de experiência, tu falou um pouquinho né, de compartilhamento, ãaa, pensando na formação do professor de Dança, o que ela significa dentro do processo de formação, pra ti a partir da experiência que tu tens?

Eleonora: Eu acho Fun da men tal !! (fala pausada e enfática) Eu acho que a gente aprende com o outro, a gente ensina o outro. ãaa.. porque o outro ele tem ãaa, ele pode ter ele pode ter pensamentos próximos aos teus em termos de conceitos de ideia, de crenças ãa, mas mesmo assim ele é outra pessoa, né?! E mesmo aquelas pessoas que tem uma concepção diferente da tua, talvez é nesse lugar do compartilhamento que a gente possa ãa aprender a perceber um pouco mais do porquê que aquela pessoa tem, defende determinados argumentos, determinadas posição, né, e muito com muito mais consistência do que propriamente só o ouvir o discurso da pessoa. Né, acho que que a gente tem a oportunidade de um convencimento mais real, né? Não no no to dizendo dum duma ãaa submissão a qualquer preço, mas de uma de uma de tu exercitar a abertura de escutar eu acho, de escutar o outro em todos os sentidos, um escutar que vem da escuta mesmo, que vem da escuta da observação, da postura do outro, da fala do outro, da proposição do outro, da ideia do outro. Né? Às vezes o outro vem com uma ideia que “putz, como é que nunca pensei nisso antes?” Né? Então, eu eu ãaa acho riquí... acho que é muito mais difícil trabalhar de forma compartilhada, porque claro te desacomoda o tempo todo, mas eu ãa tendo a acreditar que é que que é super importante assim. Claro, que eu acho importante a gente ter os nossos momentos individuais também, acho que a gente tem que ter os nossos desafios individuais, né, porque às vezes é nessas nesse momentos individuais onde a gente realmente cresce, onde a gente acha o o a saída né, às vezes tu ta numa sinuca de bico e e com o outro, às vezes tu não tem, tu não te esforça tanto em achar essa saída, e tando sozinho, mas acontece que ao mesmo tempo a experiência com o outro te dá ãa ferramenta pra lidar com essas situações individualizas, né, eu penso isso. Então, eu eu foi um pouco como eu te disse entes como eu sempre vivi isso muito na minha vida sempre compartilhar e sempre ãaa e buscar ãaa e sempre querer ouvir a opinião do outro, talvez eu tenha te respondido isso assim, que eu acho que é fundamental. Mas ao mesmo tempo eu acho que precisa dos momentos individuais também, eu acho que tem que ser um jogo, é a coisa do bom senso. Nem 8 nem 80, nem tanto ao céu nem tanto à terra. Eu acho que não ãa, não dá pra trabalhar sempre em compartilhamento porque além de ser um trabalho que toma mais tempo, que envolve mais, te instrumentaliza pra um determinado modo de agir, ao mesmo tempo que é importante ter as as os momentos individuais assim, só que eu acho que que é esse jogo que é importante assim, de repente o coletivo, a ação coletiva te instrumentaliza pro individual que depois vai te instrumentalizar pra uma outra postura na nova ação coletiva. Eu acho que é nesse o processo.

Mônica: Tá! Fala um pouquinho como tu enxerga, como tu avalia, como que tu vê a formação de professores dentro da escola da Diclêa, a partir da tua experiência e de outras que tu tenha acompanhado.

Eleonora: Áaa, eu acho que como é, ãa, a Diclêa sempre diz assim né, e eu acho que isso acontece, a vontade dela era criar uma escola pra formação de bailarinos, né, áaa porque ela veio lá do municipal, formada bailarina então ela tinha esse desejo aqui, então eu acho que nunca foi ãa um objetivo vamos dizer assim principal consciente dela a formação de professores de Balé, mas a necessidade trouxe a ela logo em seguida, ãa né a a demanda de ter mais gente pra ajudar ela a dar aula trouxe a ela, a necessidade de formar professores, então é meio paradoxal neste sentido. E aí ãa, eu acho que que ela ãa, também não sei dizer se é uma postura consciente dela, mais ãa, de certo modo as primeiras pessoas que que ela formou pra ajudá-la né, foram formadas um pouco, vamos dizer assim a “muque” né, pra poder dar contar, mas também eu acho que ela escolheu pessoas daquelas poucas que de repente ela tinha no início, pelo que eu pelas pessoas que eu sei e pelo que eu ouço ela contar pessoas que, por mais que ela não tivesse o objetivo de formar professores, mas ela talvez ela pudesse perceber nessas pessoas um diferencial né, de vontade de estar envolvida com o Balé de alguma forma, né fosse dando aula, fosse ajudando nos figurinos, fosse fazendo cenário... então áaa e aí nesse sentido eu acho que a pro como ela precisava de pessoas pra ajudar, tanto nas aulas, como no cenário, como nos figurinos, como na bilheteria, como na na na orquestra, né, de certo modo, isso sem ela se dar conta, ela sempre proporcionou uma formação ampliada pra esse bailarino, que não era só a aula de Balé Clássico, e ao mesmo tempo pra essas pessoas que tinham um olhar um pouco mais voltado pra pra ser professor né? Áaa acho ãa minha opinião assim, acho que sempre a formação dos professores vem veio muito mais da necessidade do que da prioridade de formar né, ãa e... mas acho que ao mesmo tempo quando havia a necessidade sempre tu sempre percebi essa preocupação assim: de acompanhar esse professor, di di di, de pedir pra esse professor preparar aula e mostrar aula, ou de colocar duas pessoas juntas, né áaa acho que que que volto a dizer, talvez não de uma forma tão clara e objetiva, mas essa preocupação de que a formação é feita ao em processo, não, não adianta assim aí porque era uma bailarina já bem formada tecnicamente, isto não significava que ela seria uma boa professora em sala de aula; então esse acompanhamento era necessário, e é um acompanhamento que pelo que eu vejo acontece até hoje se não pela Diclêa, também pela Daniela, né. Então ã e aí eu acho que isso é um diferencial de outros lugares que eu circulei pelo Brasil, assim de de eu mesma assim di, ao ser contratada, né ao trabalhar em outros lugares, em alguns deles assim, bom a tua turma é essa essa e essa e o programa é esse esse esse, bom eu tinha o meu horário, chegava lá eu dava minha aula e não tinha ninguém preocupado em olhar a aula que eu tava dando, se tinha a ver com o pensamento da escola o que tava acontecendo... Isso é uma coisa que eu acho que aqui na Diclêa também dificulta um pouco aa a existência de rol mais um grupo maior de professores, porque como ela tem um modo muito característico de trabalho, né, também não é qualquer pessoa que ela acha que tem condições de trabalhar e, eu quando eu to dizendo isso eu não to criticando eu acho que realmente é uma vontade de ter alguém com as competências que ela acha que o professor precisa ter e dentro da linha de pensamento e de trabalho que ela acredita que tem que ter. Então ãa, eu encontrei isso numa outra escola em Salvador que eu trabalhei, inclusive nem sei áaa, fico pensando até hoje como eu consegui dar aula lá, porque era uma aula ãa trabalhava a metodologia da Royal que eu nunca tinha trabalhado, mas talvez eu tenha demonstrado essa vontade de querer aprender, né,, então eu consegui me inserir... Mas que que também é uma escola que ao longo do período eu fui vendo o quão difícil era levar outras pessoas pra dar aula lá... porque o grau de exigência em relação a quem é essa pessoa que vai dar aula, era era uma era muito grande uma né... o que às vezes de certo modo eu pensava, tanto aqui na Diclêa como lá em algumas vezes eu me peguei pensando assim “ah é meio exagerado”, mas por outro lado se a gente for avaliar tem a questão do tipo de trabalho, do cuidado com o tipo de trabalho que vai ser desenvolvido né. Áaa então assim então assim acho isso assim acho que ali não tem esse foco específico pra formação do professor, ele se cria a partir da demanda, mas acho que quando se cria e aí também tem a ver com relação à postura da pessoa que ocupa esse espaço, é possível se formar, ãa se fazer uma boa formação de um professor, eu não sei se dá pra entender entende.. ãa eu acho que é isso assim, por enquanto que eu posso dizer sobre isso, pode ser que apareça mais alguma coisa.

Mônica: Tá, ta, tu falou um pouco assim do começo da tua formação que foi dando aula com outra pessoa, e que tu tinha uma supervisão, né, a Tia Beth acompanhando... áaa existiu junto contigo na sala de aula de Balé essa figura ãa, formadora, ou vocês duas, tu e a Aline, né tavam no mesmo processo assim, começando a dar aula juntas...

Eleonora: Nós começamos a dar aula juntas... o que que ãss aconteceu assim, um ano antes né, a Diclêa e a Tia Beth pediram pra gente ir assistir as aulas da turma das professoras que iriam deixar de dar aula praquela turma. Né então, ãa o exercício formador foi esse e no momento que a gente foi pra sala de aula, no primeiro mês, não só no primeiro, nos primeiros meses, além dessa, dessa conversa anterior a aula, ãa sim, a Tia Beth assistia as aulas da gente assim, assistia e se não assistia por inteiro entrava num pedaço, entrava dava uma olhada... tinha essa figura que supervisionava... tinha.

Mônica: Tá!! Áaa deixa eu ver aqui... Eu tenho comigo um monte de aulas assim, preparadas (risos), inclusive uma delas tá lá no tcc se tu autorizar como imagem né... áa que são coisas que eu fui retomar quando eu tava aqui no curso de Dança fazendo a disciplina de História da Dança, que eu achei, achei aquelas aulas. E aí é muito legal de olhar ali assim a descrição, ali diz coisas interessantes tipo, se elas tiverem muito dispersas faz tal coisa...

Eleonora: (risos) ahhh eu não me lembrava disso... (risos)

Mônica: Eu vou te mostrar, bem interessante... se der tempo faz tal coisa, mas se não, privilegia tais e tais brincadeiras... Então é uma au.. é uma descrição minuciosa da aula assim né...

Eleonora: Eu lembro que tinha lado A da fita e lado B, isso aí eu me lembro...

Mônica: Eu vou te mostra depois, acho que tá aqui o impresso... Tá então assim, áa que tu tinha como intenção né quando tu me deixava essa aula né, eu lembro que assim, vezes que tu viajou ou foi fazer um curso alguma coisa que e eu ia dar aula sozinha... ta... qual era a tua intencionalidade assim com essa aula tão tão bem descrita, tão organizada assim, qual a tua intenção?

Eleonora: Acho que era era tentar prever situações que antecipavam a preparação pra situações que pudessem acontecer né, acho que te orientar mesmo assim, acho que a intenção era essa, né no sentido de facilitar com que a aula transcorresse da melhor forma possível, e que, talvez, já que eu podia conseguir antever coisas que podiam acontecer pelo pouco mais de experiência que eu tinha, era te prevenir, né, dessas coisas e e e já da uma dica assim de plano a e b ou C pra essas situações que poderiam acontecer ou não, né? Áaa Eu acho que era mais isso assim, né, de prevenção e de orientação, né muito mais do que propriamente de definição de que ah se acontecer isso faça isso e não faça outra coisa que tu imaginar na cabeça... Não sei se se isso... mas acho que era essa a minha intenção, se se foi isso que eu consegui passar... daí eu...

Mônica: Tá e tu lembra em que momento isso pode começar a acontecer? Claro, tu não vai conseguir lembrar do tempo, tempo num sentido datado, mas em que momento desse processo de formação isso pôde começar a acontecer?

Eleonora: Tu diz em relação a ti?

Mônica: Dar aulas sem sem ninguém, assim sem outra pessoa ali né. Mesmo com essa estrutura organizada, quando que eu pude né, tá autorizada a dar uma aula sem tu tá ali por exemplo.

Eleonora: Olha, eu não sei te dizer em quando tempo assim né. Fico imaginando que deve ter sido não talvez já a partir do segundo semestre do primeiro ano... né...áa mas acho que provavelmente deve ter acontecido alguma situação assim: eu não poder ir por algum motivo por ou porque tinha que ensaiar ou porque tinha que viajar por alguma coisa e eu ter ido conversar com a Diclêa ou com a Tia Beth e ter explicado a situação, olha eu não vou poder tá nesse dia, o que que eu faço? E talvez elas tenham me dito isso: olha, tu deixa uma aula preparada, né, de repente tu conversa com a Mônica antes, dá dicas de coisas que possam acontecer, não sei se exatamente com essas palavras, mas algum tipo de direcionamento sim, pra o que como eu conduzir, uma orientação pra como eu te orientar talvez... talvez essa situação era nova pra mim, né, era uma primeira experiência...Eu acho que sim, e acredito que com certeza já no segundo ano, mas me atrevo a dizer que logo em seguida assim, acho que na primeira situação necessária, de necessidade que eu tive, eu acho que sim, acho que foi possível acontecer...

Mônica: Tá! E tu lembra como é que tu acompanhava depois que essa aula tinha acontecido? Como é que era o retorno?

Eleonora: Acho que eu só te perguntava como é que tinha sido a aula... acho que era isso...

Ah como é que foi a aula? Áaa.. algum problema? Aconteceu alguma coisa? Quem veio, quem não veio? Áaa, talvez eu acredito que nessas primeiras vezes a própria Tia Beth, tenha passado pela aula né, pra ver e se tivesse visto alguma coisa, ã teria me dito... né, e aí talvez eu tivesse te dito alguma coisa... Mas acho que a minha preocupação era essa, assim era te perguntar como é que tinha sido a aula, o que que aconteceu, se deu tudo certo, quem veio e quem não veio. Acho que se eu disser mais alguma coisa eu vo tá fantasiando em cima... Porque eu acho que eu não tinha essa uma percepção assim de avaliação da situação, né... A situação, ah a Mônica deu aula sozinha, não tinha essa percepção consciente, talvez possa né, só ter ...acho que nesse sentido...

Mônica:Áaa eu vou pedir pra tu descrever um pouco assim, do que que tu lembra assim, quanto tu pensa sobre mim professora, lá naquele tempo... bem do início assim... tu falou um pouquinho lá no início né, o que que te lembra essa professora Mônica atuando junto contigo assim, naquele cotidiano da aula de Balé.

Eleonora Eu acho que é uma Mônica feliz, áaa uma Mônica, áa interessada na aula, interessada nas crianças, assim interessada em como, é como eu falei antes assim em como fazer colaborar pra que aula acontecesse da melhor forma possível, pra que as crianças tivessem envolvidas na aula... áaa acho que é uma Mônica satisfeita, assim de tá fazendo aquilo né, áa gostando de tá fazendo aquilo... áa acho que uma Mônica, num primeiro momento retraída, acho que pela própria inexperiência mesmo, né, retraída num sentido tímida, acho que áaa

talvez agora eu até me desdiga do que eu disse antes, mas talvez a tua pergunta tenha me ajudado a rememorar, talvez aaa eu acho que essa iniciativa essa.. o protagonismo na aula comigo demorou um pouquinho de acontecer eu acho... pensando melhor né... uma Mônica mais aãa, mais (ãa como é que eu vou dizer ãa?) mais cumpridora do que a gente combinava do que propriamente propositora no sentido de propor a aula em si... porque como eu te falei, eu acho que a a a postura de di di di iniciativa, de conduzir uma criança, de corrigir uma criança ou de favorecer pra que a aula acontecesse, sempre aconteceu por essa, por esse, se sentir bem, por estar bem ali na na na aula. Mas eu acho que a a a Mônica professora propositora mesmo, talvez mais no final desse período que a gente deu aula. Eu acho que posso identificar isso assim, né di di realmente da ideias e dizer de preparar uma aula mais sozinha ou uma parte de uma aula mais sozinha acho que mais mais pro final desse período... Acho que é isso... (risos)

Mônica: Eu to me achando aqui voltando e pulando nas perguntas aqui... ãa então assim, das concepções sobre Dança... é uma pergunta que não sei, eu fiquei em dúvida quando eu elaborei... mas não sei se vou me fazer entender... Das concepções sobre Dança e ensino do Balé da Mônica que tu acompanhou lá no início do processo de formação e hoje né que a gente uma relação diferente, no lugar, diferente mas parecida né no lugar de colega de trabalho de como professor e aluno... ãa... Se tu consegue perceber diferenças nessas concepções, né... se tu arrisca apontar, ãa algumas ou alguma ou não...

Eleonora: Pior que eu acho que... ãaa... eu acho que essa mesma Mônica interessada em em na promoção do aluno assim... né e querendo... incentiva.... eu acho que essa palavra eu eu esqueci na pergunta anterior assim, incentivadora, eu já via lá!! Eu já via lá, né e eu acho que neste sentido é a mesma Mônica incentivadora que eu já vi... claro que, com uma outra bagagem com outras relações, com uma complexificação do pensamento, com uma complexi.. né, mas eu acho que eu já vi essa Mônica ãa ãa educadora assim... educadora no sentido de que não era só reprodutora dos exercícios e das brincadeiras e dos exercícios da aula de Balé... Era uma aula de Balé e das poucas vezes que eu também bisbilhotei assim te vendo dar aula sozinha né ou ensaiando as crianças... era uma Mônica que... ãa precisava dar um sentido pra ter um sentido naquilo que tava fazendo, né dar aula com algum sentido né e mostrar pra criança algum sentido. Áaa, Então, então eu acho que já... nesse sentido eu não vejo diferença assim Mônica no sentido de tu ter mudado a tua concepção sobre Dança. Áa, eu acho que... não sei e eu to sabendo me explicar, não sei se eu to sabendo responde aquilo que necessariamente é o objetivo... mas ãa, é claro que, se a gente for falar em concepção de Dança, todas essas experiências que vieram depois, modificam o modo da gente olhar e pensar a Dança, né, mas em termos de ensino do Balé, eu acho que já via ãaa, já via essa uma uma uma professora, né alguém que tava querendo trabalhar nessa linha da educação da Dança. E se era, o Balé, o Balé técnico, específico, com movimento específico, de que modo favorecer, de que modo fazer esse ensino, ou exercitar esse ensino de uma forma incentivadora, preocupada com o aluno, acho que eu já via isso assim, não tem como dizer.... que é o que enxergo hoje com outras proporções que é o que eu vejo hoje em outras proporções...

Mônica: E tu sabe me dizer de onde vem isso? Isso se aprende?

Eleonora: (silêncio) Ah que difícil... ah... e agora? Eu acho que se aprende! Eu acho que se aprende... Porque se alguém me diz coisas sobre isso, eu aprendo sobre isso. Eu acho que se aprende. Então em algum lugar, eu acho que vem de algum lugar que tu escutou... seja na família, seja na escola, seja na própria escola de Balé... e às vezes, de diferentes formas di di de fala, porque às vezes é uma fala que nem tinha esse objetivo ou até tinha um outro objetivo e a pessoa, pelo seu contexto apreende e transforma pra esse pra esse sentido. Mas eu acho que eu acho que se aprende porque a gente escuta, e a gente escuta... se alguém, se... a gente vê e a gente escuta nas pessoas que estão na nossa volta... sejam ela família, sejam ela escola, que a gente... sejam ela a própria escola de Balé. De alguma forma nesses lugares, tu viveu, por mais que tenha vivido outras coisas no sentido contrário, de alguma forma nesses espaços tu viveu experiências que te proporcionaram enxergar uma educação desse modo, e um próprio ensino do Balé desse modo. Talvez a própria experiência às vezes das saídas também lá no Balé da gente viajar, ver outras pessoas dando aula, ver outros outras pessoas trabalhando Dança, isso também é uma... forma de... é uma... isso é uma coisa também é uma coisa pra gente voltar lá naquela pergunta sobre a formação de professores da Diclêa, que eu acho que não é uma questão consciente, objetiva direto assim, mas a preocupação em em em oferecer outras referências de Dança, sejam aquelas as que ela trazia quando viajava pra o Rio ou dos EUA pra ver o que que se estava dando nas aulas de Balé, seja através dela, seja através das viagens ou das pessoas que ela sempre quis trazer pra cá... eu acho que são uma forma de di di de ampliar a formação do bailarino, e por consequência daquele professor, dos professores que saíram por rabicho assim, e a e e se a gente for pensar nisso, são fora a Daniela, são pelo menos 4 pessoas que eu sei que trabalham com o ensino da Dança, 5 contigo né? Cinco pessoas que eu sei que efetivamente tão trabalhando com o ensino da Dança, né: tu, eu, a Melissa, que tem uma escola em Ponta Gro... em Foz do Iguaçu, o Diego, que abriu agora a escola de Balé dele e a Carolzinha Martins que trabalha com... isso assim, to

dizendo a grosso modo, os mais contemporâneos, ãa nossos, agora né? Mas por exemplo, a própria Eliane Yuk que dá aula lá hoje foi aluna da Dicléa, né e as filhas dela... ãaa a Luiza não ta trabalhando com o ensino, tá dançando... mas enfim, com o ensino né? E.. então acho que que isso também é uma, é um sina... esses rabichos que saíram assim... o Augusto, né, que dá aula... eu acho que tem rabichos que saíram ãa sem ser esse o objetivo principal, mas que também virou um objetivo por conta da demanda, e que acabou gerando professores que tão por ai trabalhando...

Mônica: Tá! ãa fala um pouquinho, sobre a concepção da escola quanto ao ensino do Balé, a escola da Dicléa, como que tu enxerga isso?

Eleonora: Eu enxergo que é uma concepção tradicional, no sentido de que é o ensino, ãaa... até outro dia a gente tava questionando isso assim: o que é esse ensino tradicional do Balé, porque a Maiara usa isso no TCC dela né... o que que é o ensino tradicional do Balé ... mas esse ensino que acontece ao longo de um grande tempo, para e que prepara para dançar, para que a cena dançada seja dentro da estética do Balé. Então eu acho que é isso! É isso, e mas também é isso, não de uma forma fechada, porque ãaa, ao longo do tempo que a gente aprende, oportunidades de viagem, de ver o trabalho de outras pessoas, ou de fazer cursos com outras pessoas, né ãaa, cursos de outras coisas inclusive né, Dança Flamenca, como teve já, o próprio de dançar um trabalho mais contemporâneo... fazem com que essas outras coisas ãaa... atravessem a formação da especificidade do Balé, né, de alguma de alguma forma. Acho que é uma concepção tradicional no sentido amplo da palavra e no sentido construtivo da palavra, não sei se é assim que a gente pode dizer, porque tem uma... tem... sempre teve, talvez ãa, agora ainda tem talvez não com a mesma organização, mas enfim, se teve também a preocupação de formar ãa, não só em termos de reprodução de passos, de vocabulário, mas de História da Dança, fossem ela nas aulas de História da Dança, nas aulas teóricas que a gente tinha, e que...aonde a gente entendia a história da própria Dicléa. Onde a gente entendia a história da Dança em si, da história ocidental oficial da Dança... ou até mesmo a questão da nomenclatura e da escrita dos passos, essa alfabetização, ãa aãa sobre a nomenclatura e a escrita dos passos... seja também na hora de participar dos espetáculos, porque ãaa, sempre houve e há uma preocupação de tornar o aluno, minimamente pertencente à aquele contexto do espetáculo... a própria escolha pela montagem dos Balés de repertório, eu acho que é uma esco... é algo que reforça essa ideia de ensino tradicional né, ã, mas nesse sentido de proporcionar ao aluno conhecer da história... de conhecer de coisas que constituíram essa história do Balé. E aí eu me lembro, que a gente tinha aquelas reuniões de divisão dos grupos, onde mal ou bem era contada a história né, do Balé que ia ser dançado... Então isso faz com que a gente seja, de alguma forma se sinta pertencente ali naquele contexto...entender porque tinha fadinha na história, é diferente de tu saber que tu vai ser a fadinha e chegar lá no dia em dezembro no Guarany e vestir a roupa de fadinha e entrar sem saber o que ta acontecendo sem saber quem é aquele outro lá, vestido de preto... quem é... né, por mais que a criança não tenha uma participação intensa, na montagem toda nos ensaios no coletivo, mas eu acho eu eu consigo perceber assim esse mínimo de pertencimento naquilo que elas fazem. Tanto percebendo nas experiências que eu tive como aluna, como as que eu tive como professora e agora como eu tenho como mãe, de bailarina, né... Porque eu vejo isso, a Bia, me dizer isso “mãe tu sabia que a Silvia foi dançado não sei quando...” porque isso é falado então, senão ela não saberia né? Então ãa, bom aqui eu já me perdi... a concepção, tu pergunto... eu acho que é uma formação tradicional, mas aberta, né.. Não algo ãaa acho que é uma formação uma concepção de ensino da técnica e da artisticidade que envolve o mundo do Balé Clássico... com a possibilidade de abertura para outras práticas de Dança, não em formação mas de experiência, seja ela de experiência prática, vivência da experiência, seja ela de experiência de observação, por tu participar de outros eventos ou conhecer outras pessoas... acho que nesse sentido.

Mônica: ãaa, tá! Eu acho que só tenho mais uma pergunta.

Como que tu enxerga a tua contribuição, Eleonora, no meu processo de formação de balé, Mônica?

Eleonora: Difícil! essa entrevista, tinha que ser por correspondência

Mônica: Tinha que ser ao contrario.

Entrevistado: Não, tinha que ser por correspondência. Bem como eu enxergo a minha contribuição?

Mônica: Qual foi teu papel dentro, né? Como formadora dentro do meu processo de formação?

Eleonora: Ah eu me enxergo assim como uma facilitadora... assim, como uma um primeiro eu acho que a gente foi parceira também né, mesmo nessa ideia assim de eu ter um pouco mais de experiência e e e e tu estares ali experimentado a primeira vez né a prática de ser professora... mas ao mesmo te... eu acho que a gente sempre foi muito parceira, eu enxergo isso né, como uma parceria... mas ai nesse aspecto né, pensando que eu tu tinha um pouco mais de experiência e que tu tinha um pouco menos, nessa lógica, eu acho que que eu só eu só pensava em te orientar e passar aquilo que eu já tinha aprendido... era essa acho que se eu posso fazer agora um exercício de memória, de sentido, assim eu acho que era essa a vontade que eu sempre tive assim, de...di di... Bom, se eu aprendi, isso, se eu me deu conta que é importante fazer isso eu quero compartilhar, eu quero mostrar

pra ela... Acho que talvez isso fosse um pouco da intenção das flexinhas ali na aula assim, ...de querer ãa te dar todas as dicas possíveis pra evitar que talvez tu passasse pelas pelas... os apertos que eu passei assim né... e acho que é impossível né a gente dar todas as dicas. Então eu acho que me vejo assim, como uma orientadora. Uma orientadora, no sentido do que eu podia te oferecer de um pouco mais de vivências... e de uma facilitadora, né, ãa, na oportunidade de construir comigo uma... de ir galgando uma experiência, consolidando uma experiência de professora, e... tu te refere só ali ao ensino da Diclêa, ou agora também assim?

Mônica:: Não...acho que sim, pode falar...

Eleonora: É eu... e aí eu acho que agora é, agora é uma um.. uma super parceira, assim, nas oportunidades que a gente viveu aqui no curso... apenas de a gente não ter dado uma disciplina diretamente juntas, mas eu acho que nas discussões, nas trocas né, ãa, e eu acho que eu tenho também aprendido também muitas coisas contigo, né, aqui nesse ambiente da universidade, né. E... Agora nas aulas de Dança Clássica, já tanto naquela vez da conversa sobre Joinville, como agora nos relatórios, quando chega no dia da turma que tu não tá, eu fico pensando "ai que pena que a Mônica não tá junto..!" porque é isso assim, eu acho que essa parceria aparece: tu é minha aluna em Dança Clássica ali, mas tu é...e tu tem essa postura de aluna, em nenhum momento eu to querendo dizer que tu "ah tu te acha a professora da disciplina"... Não! Eu acho que tu tens a capacidade de ter a postura de aluna, e ao mesmo tempo ter intervenções super contribuidoras, de alguém que tem esse lugar também do professor assim... ãa eu acho que é isso assim... eu não sei se eu soube responder essa pergunta... (risos)

Mônica: Eu tenho uma ...tu tá falando daí claro, e eu também to fazendo um exercício de memória... Mas assim... Eu tenho uma sensação, a sensação da memória que vem agora... de que ãa, tu fosse me dando um caminho, um per... me organizando um caminho de tomada de autonomia, né, de desenvolvimento de uma autonomia professoral, ao longo desse tempo que a gente deu aula junto... eu tenho essa sensação., né. E... e me vejo, e me vejo no lugar de alguém ãa...um pouco que começa esse exercício de docência, um pouco assustado assim... o que é que é essa coisa ensinar?

Eleonora: O que é dar aula... ?

Mônica:: Porque eu tava falando, tava olhando pra essa coisa ensinar do lugar do aluno... E aí...abruptamente, eu coloco isso lá na memória lá, eu me vejo num outro status, que é o de ser professora! E tu me aparece me me me me aparece como alguém que orienta o percurso, que me leva à tomar a autonomia na mão, vamos dizer assim... Tu tinha essa intencionalidade assim, ou tu consegue enxergar isso?

Eleonora: Eu acho que foi isso que eu te falei assim, eu acho que eu queria era favorecer que gostaste de fazer aquilo que eu tava fazendo que eu gostava tanto de fazer... eu acho eu acho que agora eu é ãa... até com medo de di di de não aparecerem mais pessoas que quisessem dar aula como eu dava assim... porque realmente assim se a gente for pensar ali dentro da escola da Diclêa não era todo mundo que tinha vontade de dar aula, é por isso que nem era todo mundo que ela colocava pra dar... mas mesmo algumas pessoas em que que ela de repente apostou ou chamou, algumas ã não ficaram né... Então ãa acho que talvez isso assim, com um pouco de medo, de não ter uma parceria pra continuar trabalhando ou não só comigo... mas como eu fui uma pessoa sempre muito emocionalmente envolvida com a Diclêa e com a escola da Diclêa, é uma coisa que que é muito carnal assim né, é muito difícil eu falar de lá porque é muito carnal... é uma coisa que eu não que que se for literalmente assim se for perguntar que não quero que nunca acabe. Porque é uma coisa que que sempre me fez muito feliz então eu não quero uma coisa, que pros outros acabe. Né então... pensando assim meu Deus se eu sair daqui quem vai ficar dando aula no meu lugar? Então alguém precisa gostar de fazer do jeito que eu gosto! Não que eu achasse que eu que eu era que tivesse o jeito certo de dar aula, mas eu achava que eu sempre... a partir de um tempo eu comecei a construir uma concepção de que eu fazia direitinho, porque os alunos gostavam de mim, os pais gostavam de mim, a Diclêa continuava me dando turma, a Tia Beth continuava... então algum sinal, alguma coisa né? Então eu acho que eu queria que tivessem mais pessoas que que tivessem esse prazer e essa realização .. então a a eu acho que e a minha intenção era essa assim, te orientar ãa pensando nisso, em te ajudar a a a te construir uma pessoa que tivesse prazer e competência pra fazer aquilo que tava fazendo, as duas coisas junto. Mais também o prazer... eu acho que é uma coisa que agora apareceu assim, o prazer de fazer, a realização! De achar alguém com a mesma realização que eu, ou então, e pra isso talvez eu tivesse que ajudar a pessoa a achar essa realização... Então eu acho que era essa a minha intenção assim... acho que era... um pouco áaaa, ãa, ãa, como é que eu vou dizer assim, um pouco áaa... áaa... um pouco pra pra me proteger assim, também um pouco no sentido de que, não ficar sozinha, né, vamos dizer assim um pouco egoísta nesse sentido, acho que reconheço, né, mas no sentido de querer ãa fazer com que a pessoa floresce praquilo assim, talvez percebendo que não tinha tantas pessoas, até porque a escola não tinha tanto esse foco, nunca teve tanto esse foco, mas aflorace pra essa coisa da docência. E como é importante ter o alguém pra ensinar!! Se as pessoas que querem aprender só vão aprender se tiver alguém pra ensinar... então eu acho que é, inconscientemente acho que eu já tinha essa preocupação assim, di di de querer ajudar a formar pessoas para ensinar, né, pra ensinar com prazer...

né, não simplesmente só pra pra pra ganhar o seu dinheirinho ali ou pra ocupar o seu tempo ou sei lá pra que outro objetivo específico, né, que possa ter. Acho que é nesse sentido assim, e mas mas foi como eu falei antes, me vejo como orienta... como tu disse assim, de abrir o caminho assim, um caminho que não era só meu e precisava ser feito por outras pessoas também.

Mônica: Tá! Tem um outro exercício que eu fiz lá durante a memória, que... e e eu lembro assim de muito pouco recurso ãa pedagógico né, didático na época... né, então eu lembro assim... me lembrei de um VHS assim de umas aulas já uma aula de criança que a Dicléa me deu... ãa lembrei, lembrei muito de conversa assim, conversa com a Eliana, com a Dicléa, logo depois desse período que tu não tava mais aí...mas eu não lembro...

Eleonora: Desse período depois que eu saí e tu não tem mais a referência...

Mônica: Mais assim, naquele momento lá em que a gente tava dando aula junto, mais pro final, a gente não tinha na época muito subsídio assim né? Porque eu não lembro... eu lembro assim, duns de de vinil que a Dicléa tinha e montava as fitas K7, mas a gente não tinha um repertório de... a gente não tinha livros pra estudar pra dar aula...né o que tu lembra assim?

Eleonora: Tinha... assim ó tinha um 1 livro! Eu me lembro um livro de capa meio cinza, que inclusive assim era uns bonequinho, era um bonequinho de bolinha te lembra?

Mônica: Lembro, lembro...

Eleonora: Eu não lembro do nome do livro... mas era um bonequinho que era as bolinhas assim, né ãa articulado... que tinha muitos daqueles exercícios né de proposta.. era um livro de...

Mônica: René Wels? Pode ser René alguma coisa...

Eleonora: Expressão corporal, uma coisa assim? Corpo, movimentos corporais, expressão corporal, uma coisa assim... Eu acho que a Dicléa deve ter esse livro lá ainda... Né, que era, inclusive era...

Mônica: Com espiral? Eu lembro!

Eleonora: Com espiral né, o o o e era na horizontal, né? Era... era, modo paisagem... assim né, não era livro... e que tinha aqueles exercícios e que a gente que a gente adaptava, descobria ali alguma alguma coisinha nova... a a a a...mas a a a a aula que a gente dava, era praticamente a aula que eu fiz quando fui aluna do Baby, em 1984, 1985, né, que foi uma construção, que eu eu acho né, isso de conversas com a Dicléa trazida lá, do trabalho ãa, que ela sempre bebeu na fonte da escola da escola Maria Olenewa, né, ãa, mas eu me lembro desse livro realmente, desse livro... ãa e e e da organização metodológica de trabalho da escola da Dicléa feita a mão... feita a mão pela... né, que a gente tem o Xerox assim, ãa básico I, programa do Básico I, programa do Preliminar...né... que que era que é muito baseado no método russo, na escola Maria Olenewa, mas que também, de certo modo me parece atravessado por livros como esse de expressão corporal ou alguma outra coisa mas... especificamente de exercícios para crianças da gente pensar os exercícios de criança, eu me lembro desse livro... e me lembro que ãa a gen...desde que eu comecei a dar aula, né acho que também lá desdas minhas professoras... porque a tinha sempre uma preocupação em orientar a sequencia da aula... isso eu me lembro muito assim... né, cuidar pra começar no chão, em roda, trabalhando os pezinhos, as costas, né e as pernas, pra depois ficar em pé, pra depois fazer um trabalho no espaço... né, a salientar que é uma aula de Baby Class né, não trabalhar na barra, propositalmente, pra que porque isso é um trabalho né...é é mais mais pra uma idade um pouquinho maior... né e e... as ideias de pra trazer sempre um contexto lúdico, né, o uso da fala... Isso é uma coisa que que... Sabe Mônica, isso é uma coisa que eu não vi em outros lugares assim, a aquilo que agente fazia com as crianças delas falarem junto! Né... ãa estica pé, ou boa tarde, boa tarde, né... Áaa, Por exemplo, nesta escola que eu trabalhei Royal, o próprio Royal que é metodologicamente organizadinho, e tem exercícios próprios pras crianças, não usa a voz! E eu sempre fiquei... voltava e me perguntava assim... que que eu sentia falta disso... porque eu acho que de certo modo, prende a atenção da criança. Prendia atenção da criança, ajudava no ritmo, né, do movimento assim, sempre vi vantagens em relação a isso né, mas eu lembro dessa orientação assim, da gente já ter essa indicação do uso da voz como uma coisa ãa boa pra agrupar a atenção das crianças e ao mesmo tempo di di da sequencia da aula, e da questão da ludicidade assim, da relação do do do da prática do movimento, com alguma imagem lúdica... né, talvez com uma imagem, uma imagem, ãa modelo, acho que sim, uma imagem modelo, não era um não lembro assim de uma orientação mais aberta, a gente, inclusive a gente era o modelo delas né Mônica, a gente fazia o modelo né, a gente fazia junto, pra elas observarem... então essa essa preocupação um pouco mais contemporânea né, de subjetividade de uma subjetividade mais ampliada pro aluno, né, não fosse, não tivesse em jogo ali, mas também não estava em jogo ali uma necessidade todas terem o pé esticado igual...né, quer dizer cada uma fazia o se... nós éramos o modelo do lápis, da janelinha, mas ali ninguém ãa obrigava a criança a já ta com o quadril encaixado ou com a primeira posição a 180... tinha esse espaço pra especificidade corporal de cada criança... o modelo poderia ser único a ser chegado...mas tinha uma acho que consigo perceber uma... um espaço de subjetividade... até mesmo na na nos exercícios de improvisação... ali né da ã onde tinha o teatrinho, né o próprio pulo, do...lá do peixe, do tubarão... agora eu fico pensando... né, que...

como as coisas são do seu tempo... né, agora com o tubarão em voga, deus que me perdoe...com aqueles dentes te lembra, assim? E ninguém reclamava... Não tinha criança que dissesse assim, ai to com medo do tubarão!!!

Mônica: Foge todas crianças da aula... Nenhuma Pedagogia assim dizendo que isso ia fazer né, trauma...

Eleonora: Não, não tinha essa preocupação, mas ao mesmo tempo também não causava o trauma...né, não era uma coisa, não tinha nem a preocupação de lidar com isso, porque né... mais enfim, ãa, não me lembro de coisas de assustar... ou de né... acho que acho que essa ãaa esse cuidado, por mais que não fosse um pensamento lógico e proposital, eu reconheço por traz assim dessas orientações que recebi e que eu te passei, assim, tinha uma preocupação com o que que ia prender a atenção da criança, com o modo né, coisas que não fossem assustar a criança, ou não trabalhar a criança de um modo di di di definir uma postura corporal rígida, né, di di de ter a, a sensibili... eu acho que tinha essa orientação pra um olhar pra gente ter um... por mais que tivesse um modelo, por mais que tivesse a lógica da aula, por mais que tivesse os exercícios determinados, eu acho que tinha um espaço pra gente exercitar o olhar sensível, em relação a cada criança, a como lidar com a proposta pra cada criança... é claro que tinha um modelo maior geral, né, mas a gente tinha um espaço assim, eu racho que eu reconheço um espaço de trabalho di di pra lidar com essas subjetividades e as especificidades ali de cada um... é claro que restrita, mas existia.

Mônica: Acho que é isso, muito obrigada!

APÊNDICE M – Transcrição da entrevista nº 4

Entrevistado(a): Karina ÁvilaPereira

Data: 1º/08/13

Local: Casa da mãe

Mônica: Esta é a entrevista com a Karina, a Karina foi minha aluna na academia Adágio, no ballet para adultos, a gente vai começando e eu vou te perguntando...

Tu consegue lembrar que época que foi, que foi que tu foi aluna e por quanto tempo?

Karina: Eu me lembro que foi um momento que teve greve na universidade federal eu fazia Letras, então foi no ano de 2005, eee... aproximadamente, eu acho que eu fiz... mais de seis meses, eu não consigo contabilizar se chegou a fechar um ano, mas foi por mais de seis meses que eu fiz.

Mônica: Tá. áaa..quando tu pensas nas minhas aulas de ballet daquele período que tu fez ali, o que que tu lembras, como eram essas aulas?

Karina: O que eu mais me lembro ali, é que...teve um período que eu tive que fazer no meu horário de almoço, por que a vida era muito atribulada, corrida, então aaa, questão, a questão de estar ali, relaxar, respirar música, vivenciar aquele momento, aquela experiência, ali contigo e com a minha outra colega, né a Ângela, eu me lembro muito disso assim, daquele momento que não era só passo, só postura né, que tinha isso, tinha correção, pé assim, pé assado, mas também aaa, questão das experiências né, que a gente estaria levando para dentro da vida assim, isso é o que eu mais me lembro.

Mônica: Tá. Como tu descreve a tua rotina, a rotina desta aula, como ela começava, o que acontecia nela, se era sempre tudo igual...

Karina: Não... eu me lembro assim, que tinha, no início assim tipo, alongamento, aquecimento, alguma coisa e depois ia modificando, ou era exercício no solo, ou era exercício na barra ou é aaa... como se chama o exercício que a gente vai fazendo sequências, não era tudo igual, sempre, tinha a questão da aaa... o aquecimento sempre tinha, mas aaa, em si, a aula não era.

Mônica: Unhum. O que significa pra ti fazer ballet naquele período?

Karina: Tudo!! (risos)por que eu era uma menina que gostava muito de dança, que só não teve condições financeiras né, que tinha filho, não tinha condições de pagar o ballet, e no momento da minha vida que eu me vi como bolsista, pude pagar as aulas, então, foi tudo de bom, foi uma das melhores coisas que aconteceu, e até depois daí, eu segui dançando, mas sempre assim pra mim, não pros outros, não pra ser profissional, mas me ficou muito assim sabe... acho que o ballet ele te traz muitas coisas a disciplina, áaa... conhecer pessoas, a questão do relaxamento, foi um período muito bom, muito bom...

Mônica: Antes disso, tu não tinha feito aula de antes, de nenhum outro gênero de dança, antes com esta experiência com o ballet?

Karina: Não em escolas particulares...

Mônica: Uhum...

Karina: Eu fazia na escola, por exemplo, tinham coreografias, tinham... mas não sabia, não me lembro de nada, não era uma codificação, não posso chamar aquilo de jazz...

Mônica: Como pode chamar então, ou expressar essa tua aproximação com a dança clássica, com o ballet?

Karina: Por que que eu gostava?

Karina: Como que ... é, como que a gente pode, ée... como pode se referir assim, a essa tua primeira relação com o ballet foi como?

Karina: Difícil... extremamente difícil, áaa... aquela questão assim, de que tu olha na Tv aquelas pessoas dançando e acha que é simplesmente esticar o braço, a perna, e eu me vi assim diante de um corpo não trabalhado na escola, um corpo em que eu não tinha consciência... né, por exemplo, levanta uma perna, levanta a outra e não conseguia esticar, não conseguia fazer muitas coisas, então foi muito difícil, difícil mesmo, eu me lembro de dizer “essa perna não estica” e tu “estica sim, vamos lá”...

Mônica: E que imagem fica do ballet para ti?

Karina: Uma coisa que é bonita e ao mesmo tempo dura, é uma coisa que relaxa as pessoas que estão numa plateia, mas as pessoas que estão no palco, a gente sabe que é muito sofrido, é muita disciplina, e muito rígido, então depois que eu comecei a trabalhar, eu prefiro ficar com a imagem da plateia, que é de olhar e ver o espetáculo e dizer e bonito para os olhos, mas a questão assim, do rígido, do vamos ensaiar, vamos fazer, tem que apresentar, eu deixo lá assim, não não não, não foi uma coisa assim que eu apreciei muito assim...

Mônica: Essas aulas, elas eram rígidas para ti?

Karina: Rigidez... não, acho que no momento quando tu dá um descontinho, não eram rígidas, eram mais tranquilas, mais suaves, mas no meu propósito de fazer uma atividade física e unir o ballet a isso. Outros momentos foram mais rígidos, foi aí que eu acabei me arriscando.

Mônica: Tá. Fala um pouco desses momentos, pra gente conseguir pensar...

Karina: Esses outros momentos são assim... áaa, foram meio doidos, quando a gente vai pegando a faculdade e tal, e tal, então eu fui procurar também, áaa... fazer aulas que encaixassem nos meus horários, quando eu tinha outra escola, tinha outra professora, e foi muito legal por que aí eu, aí tinha apresentação, tinha isso e no início eu achava muito bom, mas depois eu comecei a ver muita culpa, muita cobrança e meu foco não era aquele, meu foco era trabalhar, estudar e ir relaxar nas aulas de dança. Então ficou muito, muito ruim, eu vi um lado que eu não gostei assim, um lado de muitos gritos, coisas assim que eu fico muito, me desestruturava quanto pessoa né, então não foi legal nessa parte assim, claro, tinha a parte da dança que era muito boa, mas tinha essa outra parte que era má...

Mônica: Áaa... o que que te lembrou desta experiência inicial né, do ballet lá, que a gente fazia, para essa tua outra aula, que tu foi fazer depois?

Karina: Eu acho que muito do primeiro contato é ... as questões assim de, a questão técnica mesmo da dança, as questões posturais, áaa... as questões de nome de passo, porque tu sempre explicava como era, como se escreve né, pra saber, pra ensinar, acho que isso eu acabei levando... e aí tu faz comparações né, quando tu tem isso, quando tu não tem, mas me marcou bastante assim, por que na aula não era só, levanta o braço, não, era como se chama isso, como é, acho isso foi bem pontual no início.

Mônica: Tá. Como é que tu avalia aquela tua professora aluna naquelas nessas aulas que a gente fazia?

Karina: Bom, eu acho que era uma relação bem gostosa, por que... todas éramos adultas né, então era, todo mundo ali vivia mais ou menos as mesmas coisas, ou trabalhavam, ou estudavam, enfim... chegavam naquele momento o que nos unia né, a dança, essa questão de gostar de dançar, então nossa relação era boa, eu lembro que a gente conversava bastante, u era de um time de futebol que eu não era, então sabe, sempre tinha esse tipo de conversa, dentro da aula que tornava agradável ficar lá, pra não pensar, ah é só aula, só o teórico né...

Mônica: Uhum... É...o Balé interferiu de algum modo na tua dança, e em que medida, não sei se tu chegou a dançar outros gêneros...

Karina: No meu modo de dançar?

Mônica: É...

Karina: Com certeza... áaa... melhorou muito a minha consciência corporal, que eu te falei que eu não tinha né, não tinha trabalhado provavelmente, então isso melhorou de forma significativa.

Mônica: Uhum... bom, áaa... Como que tu descreveria a metodologia de trabalho que era usada nas aulas de ballet?

Karina: Bom, eu sou professora de inglês, então eu sei que tem várias metodologias para se trabalhar no ensino de aula, eu descreveria como uma metodologia, eu não sei se eu posso te dizer entre a rígida e a frágil, a... a... exata assim, aquela que chega num determinado momento, eu vou fazer as coisas, eu vou aprender e em um determinado momento eu vou relaxar, tem um determinado momento eu vou fazer a correção, não te dá algo sem sentido, acho que de repente uma metodologia mais contemporânea, mais humana né, não, sei lá, nada a ver com a varetinha que se acredita que aprende, mas mais humana, mais, mais próxima.

Mônica: Áaa... como era o ambiente de aprendizagem...?

Karina: Está falando de pessoas físicas?

Mônica: É...

Karina: Era me lembro que um ambiente era bom, eu ia poucas vezes na escola, tinha algumas das aulas que ajudavam.. mas o ambiente era bom, era tranquilo...

Mônica: Como era tratado o erro na aula de ballet?

Karina: Pois é, nesse meu primeiro contato contigo, eu não tinha me assustado ainda com o erro, quer dizer o erro acontecia, e eu acho que até pedia desculpas, por que isso vem da minha natureza, e assim, faz assim, faz assado, eu não me lembro do erro me traumatizar, não não, não me traumatizava, não me causava angústia, era uma coisa que eu errava e tentava ter consciência para não fazer de novo, mas ele não me traumatizava.

Mônica: Como te sentias na aula, te descreve...

Karina: Muito bem na aula, como se eu fosse uma bailarina profissional né, no momento em que a gente veste né, uma outra roupagem pela professora, e aí eu era feliz, eu tava trabalhando meu corpo, minha alma, principalmente minha alma.

Mônica: Tu falou um pouquinho já né, dessa abordagem teórica né, por que tu questionava bastante bastante, questão dos passos, como tu deu exemplo... tu percebe ou tu percebia algum tipo de abordagem teórica? Fala um pouco sobre isso... nessa metodologia.

Karina: Uma abordagem teórica?

Mônica: Sobre o ballet.

Karina: Sim, eu acho que tinha momentos assim, que a gente parava e vinha alguma determinada história com relação à aquilo ou tu citava alguma coisa, eu me lembro até que uma certa vez, não sei se eu tô respondendo, tu me emprestou o livro da Ana Botafogo, e isso veio a calhar porque, falou da experiência dela, como ela fez, as coisas da vida, então eu não sei assim te dizer, mas eu acho que aaa, as questões teóricas, elas estão sempre vindo, e também a tua formação pedagógica ajudava sabe, por que, tinha uma visão diferente, de ensinar dança, tu trazia muito de teu pedagógico, então eu acredito que essa relação com a teoria ela não era assim, agora é teoria, as coisas iam fluindo... tinha a hora do passo falava, ela não era solta, ela tinha um contexto assim.

Mônica: Uhum...ãaa... acho que tu falou um pouco né assim, sobre tuas expectativas e experiências, nas experiências nos espetáculos, te leva para outro lugar assim né... ãaa... O que tu ressaltava de diferença, nessas duas experiências de Balé, sobre a questão do ensino da técnica em si. Para além... tu tá falando duma, duma questão mais de aspecto pessoal, sentimental, afetivo, né nessa relação professor-aluno e nessa didática. Mas sobre o ensino da técnica, tu consegue traçar um paralelo, ou...

Karina: Das minhas práticas?

Mônica: De Balé! Dessas tuas duas experiências, pelo menos.

Karina: Consigo! Eu acho que eu ligo muito também a questão dessa prática assim, a quem ensina né? Vai trazer essa técnica de maneira diferente. Então eu acho assim que nesse meu primeiro contato inicial o que era pontual eram coisas básicas mesmo, primeira posição, segunda posição, essas coisas assim ãa muito iniciais. Nas minhas outras, ã no meu outro contato, isso já tava superado, quer dizer, o aluno que entrava, ele tinha que saber! Então nesse meu primeiro contato, as coisas eram devagarinho, sendo explicadas e já nos outros não... tu é adulto, então parece que pressupõe que tu tenha que ter já uma determinada conhecimento de técnica né, então eu copiava muito dos outros me sentia muito pedida assim esse é o paralelo que eu faço.

Mônica: Tá! Áa para além do Balé. Do Balé em si como técnica, haveria algum outro aprendizado que tu gostaria de mencionar que essas aulas proporcionavam?

Karina: Sim, a superação! É uma palavra importante porque... a gente sempre pensa que não é capaz, ou que é capaz e são momentos em que tu quebra essa lógica e vai acontecendo coisas diferentes, coisas que tu não imagina. Pra mim, o que fica assim além da técnica, além das experiências pessoais é a superação.

Mônica: Eu ia te perguntar um pouco assim sobre esse momentos de conversa que também tu já falou. Ia perguntar um pouco assim também se tu consegue mensurar as tuas aprendizagens, eu acho que tu já falou também né, que é um pouco dessa questão dessa base, vamos dizer assim entre aspas, pra ter outras experiências, tu falou também da consciência corporal... né tem alguma outra aprendizagem assim que tu pudesse citar ou que tu queira citar?

Karina: Eu acho que falei as principais assim que lembre... a técnica em si, a questão pessoal, a questão da superação que daí é minha aprendizagem... e... aprendizagem de repente de culturas novas né porque tu traz coisas assim de outras danças, de coisas que tavam passando na TV... eu acho que é um conhecimento global geral assim, além do conhecimento da técnica.

Mônica: Aã.. a partir da tua observação, da tua percepção, da tua memória, né o que que tu achas que era esperado de vocês pela professora?

Karina: Eu acho que quando a gente dá aulas pra adultos a gente tem né uma outra expectativa que quando dá aula pra criança. Né, que tu vê que a criança tá crescendo, tá se desenvolvendo...né e tem que ver se a pessoa dá ou não dá né, pra aquele tipo de Dança. Eu acho que o esperado, de repente é, o adulto se sentir confortável, além de tá aprendendo né o que tu te propõe, que é a Dança, é o aluno tá confortável, é aquilo ali começar a fazer parte da vida dele, e ele viver bem, se sentir bem, acho que não é nunca esperado por exemplo, se a pessoa não consegue fazer, não acho que não dá pra ti, então desistir né, tanto jazz como as outras coisas. Acho que isso que o professor esperado de um aluno.

Mônica: Aãa como que... do que que tu mais gostava e do que que tu não gostava nessas aulas de Balé.

Karina: Das iniciais ou posso fazer um apanhado geral?

Mônica: Das iniciais.

Karina: Bom, das iniciais eu gostava de tudo assim acho que não tinha muita coisa de ruim assim. O que eu não gostava nas aulas e não tem a ver era o frio... pra se alongar, pra essas coisas assim é muito ruim. Mas eu acho que... a minha primeira experiência não adianta assim, foi a melhor, foi onde mais, uma base mais, humana né da coisa, uma abordagem mais humana da Dança. E... Claro que eu não gostava assim, quando a minha perna não ia, eu acho que eu não gostava é quando eu tinha um certo limite e era meu limite físico, sabe? Então não adianta eu pratica pratica... é um limite que a gente deve respeitar um limite do corpo. De repente acho que isso eu não gostava, mas não tem a ver diretamente com a aula.

Mônica: Quais são tuas melhores lembranças?

Karina: Ah as melhores lembranças eu acho que... além da minha superação de conseguir de repente fazer uma pirueta e não cair, de ficar tonta. São a lembrança das pessoas... né porque a gente pode não se ver, pode não se falar... mas a lembrança ela fica né, as memórias da gente. A gente sabe que tem vários teóricos falando da memória, eu não tô falando de nenhum teórico, mas as memórias elas ficam, nos marcam, né, vem e voltam e nos atravessam... Então eu acho que é o que fica assim... né, tudo o que eu aprendi, tudo que eu vivenciei é o que mais fica.

Mônica: Tu tem vontade de voltar a dançar Balé?

Karina: Teeeeneho!!!

Mônica: Então essa experiência segunda não foi tão...

Karina: (risos) Não foi tão boa (risos)

Mônica: Não foi tão boa, mas também não foi a ponto de te...

Karina: Não, não me desestimulou a ponto de não querer dançar. Me desestimulou a ponto de ficar madura e perceber o que é e o que não é pra ser feito e que eu não tenho que ficar em determinados lugares e espaços porque pessoas são importantes ou deixam de ser, quer dizer, eu tenho que ficar em ambientes pedagogicamente aprovados assim, acho que é isso.

Mônica: Tu achas que essa experiência, tu falou um pouco da experiência do palco, do ensaio, de cena, de preparação para a cena, né, tu acha que a tua experiência ela pode ser diferente dessa que não te causou uma boa lembrança, vamos dizer assim, uma boa experiência?

Karina: Eu acho que a experiência sempre pó..ã vão se movimentar né... então dependendo do grupo que tu tá, a mentalidade das pessoas quem conduz aquele conhecimento eu acho que as coisas podem ser muito melhores. Eu tenho esperança! Não vou dizer nunca mais eu vou dançar em palco... meu objetivo não é esse mas de repente eu possa fazer isso novamente se eu não me sentir pressionada, se eu não me sentir mal... né, se eu me sentir numa condição a vontade, tá ali pela arte, não pela rigidez...

Mônica: Bom, eu acho que eu tenho só mais uma pergunta. Áaa...Na tua opinião de que maneira que tu mais aprendia? Qual era o tipo de estímulo, lá nas aulas de Balé que te facilitavam a aprendizagem?

Karina: O oral eu acho que... as pessoas falando eu eu eu entendo melhor às vezes do que vendo, né? Então por exemplo, quando tu falava alonga o braço, assim, assado... né, tá a gente normalmente copia do colega, mas conforme for falando for falando a minha memória ela é muito auditiva, então eu acho que eu entendia melhor, conforme nós falávamos. Por exemplo, quando citava nome de passos, eu precisava ler, assim então tu falava alguma coisa eu precisava ver como se escreve pra mim gravar... aí vinha o visual também....eu acho que é isso...porque não foi também, muito, muito tempo né, Mônica, eu acho que não chegou a um ano, então mais ou menos era isso.

Mônica: Eu acho que tá ótimo, acho que agente conseguiu assim pescar umas coisas importantes. Brigada (risos

APÊNDICE N – Transcrição da entrevista nº 5

Entrevistado(a): Carolina Piovesan

Data: 02/08/13

Local: Na sua casa

Mônica: Então essa é a entrevista com a Carol Piovesan, Carol que foi minha aluna, hoje é minha colega na disciplina de Libras, ela foi minha aluna minha primeira turma, quando eu fui assistente da professora Eleonora, e agora a gente vai tentar se localizar no tempo. Carol o que que tu consegue recordar da época em que tu foi minha aluna? Vai falando...

Entrevistado: ãa eu lembro que quando eu comecei o Balé eu fui... eu tinha amigas no Balé, e eu comecei porque eu queria muito... ãa... eu não me lembro se tinha Balé no colégio, mas era diferente assim, e... por mais que lá na escola, a escola fosse exigente, as professoras toda a disciplina da escola Diclêa, que é uma tradição da Diclêa... eu gostava daquilo, eu não, não sei, sempre me atraiu a ideia do Balé e... a função das roupinhas e se arrumar... eu gostava daquilo...

Mônica: ãaa tu lembra quando foi que tu entrou, assim, que época mais ou menos?

Carolina: Como assim, do ano?

Mônica: Que ano, década, mais ou menos...

Carolina: Eu acho, eu não tenho certeza se eu tinha 4 ou 5 anos. Deve ter sido em 95 ou 96.

Mônica: Qual foi o primeiro espetáculo que tu dançou? Tu lembra?

Carolina: Eu era... eu acho que eu era anjinho... ãa eu não lembro que espetáculo era...

Mônica: Quebra Nozes?

Carolina: Eu acho que sim, eu acho que era Quebra Nozes. Até pouco tempo eu tinha a fantasia, mas aí eu acabei doando pra escola... mas eu acho que eu era anjinho.

Mônica: Tá! Me fala um pouco assim qual a tua memória das aulas? Como é que eram essas aulas?

Carolina: Uma coisa que me marcou muito, eu adora ãa, eu me lembro que tinha umas cenourinhas cortadas e tinha umas florzinhas também e me lembro que tinha a gente fazia ponte e pulava ãa e tinha as coisas de páscoa... sempre tinha um motivo assim... Me lembro da sala, era naquela primeira sala, na sala menor que a gente tinha aula e eu adorava aquilo quando a gente ia pro canto todas em fila assim e ia pulando, atravessava a sala em diagonal... eu me lembro muito daquilo eu não sei... e... me lembro até hoje! Até a pouco tempo quando eu voltei pro Balé e fiz umas aulas com o Diego eu vi que tinha inda coisas lá e pensei coisa boa!! E, não sei, eu gostava bastante daquilo...

Como era ter duas professoras ao mesmo tempo?

Carolina: Pois é... eu eu não consigo... eu acho que eu meio que misturei a memória, porque eu me lembrava que tu tinha sido minha professora quando eu entrei mas eu lembrava da Nora também. E agora tu falou ãa, eu não me lembro como é que foi isso, se foi as duas ao mesmo tempo...

Mônica: Era...

Carolina: Era? Eu não lembro disso, eu me lembro que tu tive aula com as duas quando eu entrei mas não sabia que era ... no mesmo momento.

Mônica: Que interessante né?

Mônica: O que que tu mais gostava? Porque assim... Tu falou um pouco né que gostava daquela coisa das brincadeiras, do momento das brincadeiras. O que que quais eram os momentos que tu mais gostava das aulas? Quando tu pensa assim... o que eu mais gostava do Balé, o que que vem pra ti?

Carolina: Tu diz ãa... desde pequena até depois?

Mônica: é pensando lá naquelas tuas primeiras aulas, no tempo que tu foi minha aluna.

Carolina Eu gostava bastante dessa função das aulas mas a função mesmo da apresentação era uma coisa assim... era um evento na minha vida sabe... e... era toda aquela emoção de di di se apresentar no teatro e todo mundo experimentando roupa... e a gente não tinha muita noção era muito pequena mas... era emocionante assim, eu gostava bastante da função toda de ensaiar e da apresentação...

Do que que tu não gostava?

Carolina: Do que que eu não gostava... Eu não gostava quando o meu coque não ficava bom.(risos)

Mônica: (risos) Por que?

Carolina: Porque eu não conseguia, o meu cabelo não parava nunca e eu queria ta alinhada porque eu sabia que tinha que ta certinha pra fazer aula e aí me incomodava quando coque caia sabe, pra dançar e tal, incomodava muito aquilo. Mas da aula assim eu não me lembro nada que eu não gostava assim...

Mônica: Tá tem algum fato, momento, episódio, mais significativo assim que te marca? Desse período...

Carolina: Eu não sei, algumas coisas aconteceram, mas eu... não, eu não... memória de pequena... eu me lembro de uma coisa que aconteceu mas eu não sei nem em que época foi, eu era pequena, mas não tão pequena. Que foi quando pegou eu acho que pegou fogo alguma coisa no teatro, e quando agente foi ensaiar a gente tava no teatro eu me lembro a gente correndo... só que eu não tenho a ideia assim, a memória do tempo, mas ãaa isso me marcou assim, o que aconteceu. Mas das aulas... da escol.... eu não sei! Não lembro, não sei.

Mônica: Tá! Como que era a relação das alunas com a professora? O que que tu lembra assim com a professora?

Carolina: Era... eu acho que era boa a relação, eu eu gostava, tanto que eu gostava de ir pro Balé! E até a Camila quando foi depois eu já era um pouquinho maior e ela foi, e ela era meio rebelde assim, ela não queria, eu acho que ela foi meio no embalo... e, mas eu adorava aquilo! E Às vezes tinha um conflito e outro com as professoras depois, com a Daniela, e tal que era mais rígida, mas eu sempre gostei a minha relação lá sempre foi muito boa...

Mônica: E a participação das alunas nas aulas? Como é que era? Como é que tu te vê nas aulas? Como era a Carol nas aulas?

Carolina: Eu era a grande esforçada porque eu não tinha tanta eu acho que eu não tinha facilidade, assim tanta elasticidade por exemplo, quanto a Camila tem, mas eu gostava tanto que eu dava o meu máximo assim, eu me esforçava bastante pra conseguir fazer os passos e tudo e não sei, eu me sentia muito bem, muito bem nas aulas de Balé.

Mônica: E o que que tu percebia das tuas colegas assim?

Carolina: Tinha muita gente que tava lá só porque dançar Balé era engraçadinho. Mas tinha bastante gente que foram as gurias que continuaram depois, a Isadora e não lembro quem mais da turma que continuou mas, tinha gente que era boa mesmo, mas tinha bastante gente que tava, porque tava assim ali. Essa é a impressão que eu tenho até assistindo os vídeos da das aulas, ãa eu não sei se foi uma... tinha uma aula e outro dia de avaliação, sabe quando elas faziam as provas? E aí tu vê que tem umas meio atrapalhadas, assim que parece que tavam ali meio por ta assim.

Mônica: ãaa Carol quando chegava a época dos ensaios do espetáculos tu falou que gostava muito... né? Mas tu te lembra como é que agiam as professoras... a gente ta falando lá das tuas experiências bem de pequenininha, ãaa com relação aos ensaios... como é que era esse momento dos ensaios?

Carolina: Áaaaa... pois é... é que eu acho que eu não tenho tanta memória ãa desse desse momento. Eu só me lembro que era muito rígido assim, era dia que todo mundo sempre tivesse nos ensaios porque senão participasse depois ficava tudo bagunçado, então era aquela ãa coisa de te o horário, isso também sempre na escola, o horário da aula começar era ã era bem cobrado assim, e os ensaios também. Era importante que todo mundo tivesse e não era todo mundo as mães eu acho que acabavam, ah minha filha é pequena, ah ta chovendo... E eu ia em

qualquer condição assim, eu sempre ia, tanto que teve uma apresentação, um ano que eu tive pneumonia, e aí na véspera, na véspera não, eu acho que foi no dia do ensaio geral, e eu me senti muito mal, e aí eu ainda tava indo pro ensaio e daí o médico disse “não, tu não vai te apresentar!” Foi um terror pra mim, foi terrível! Mas eu sempre em qualquer condição não tinha essa pra mim ah tá chovendo, não tinha nada, eu sempre ia porque eu sabia que era importante.

Mônica: Tinha um clima diferente, nesses... diferente da aula nesses ensaios?

Carolina: Ah sim, muito diferente, muito diferente... Áaa... Eu não sei... ao mesmo tempo que era meio... eu acho que ficava todo mundo muito atento assim... Eu me lembro da gente, porque eram vários grupos ensaiando então tinha a sequencia da da coreografia, aí começava com as pequenas por exemplo, aí enquanto a gente esperava pra ensaiar de novo, pra ensaiar a outra parte a gente ficava tudo, assim olhando atenta, essa é a lembrança que eu tenho da gente sentadinhas num canto olhando os outros, mas era uma coisa que tinha todo mundo que respeitar assim, não era horário de brincadeira. E eu me lembro disso, de ficar sentada num canto olhando, todo mundo paradinha.

Mônica: Mudava o comportamento das professoras?

Carolina: Ah mudava, claro que sim! Áaa até tu perguntou seu tinha uma memporia... alguma memória... eu me lembro da Bruna, a Bruna Hallal, tu lembra dela? Num ensaio que ela se atrapalhava sempre com o lado que tinha que ir e a Diclêa amarrava uma fitinha vermelha no pé dela. Porque era aquela coisa, não podia errar, era sério, era apresentação era pra cidade toda, e a Diclêa tinha um nome, era um evento era uma grande apresentação, então era bem mais exigente assim, o momento dos ensaios era bem mais sério.

Mônica: Como que o erro era encarado nas aulas? Aí vou de novo tentar te puxar lá pras aulinhas de Baby assim. Tu consegue lembrar alguma coisa relacionada a erro, se tu tinha medo de errar, como é que era isso?

Carolina: Eu acho que talvez pela minha âa pela minha personalidade que eu não gostava assim, eu me esforçava pra não errar mesmo. Mas não era, não era nada grave assim. A gente era muito pequena, errava o pé, mas aí era meio na brincadeira assim... Eu lembro até da Nora fazendo também as, brincando com a gente, rindo... áaa... não sei eu me lembro que era tranquilo assim. Não me marcou nada, não era esse espírito na aula de pequena..

Mônica: Como que tu avalia. Fala um pouco do que que tu aprendeu lá nessa experiência com o Balé.

Carolina: (silêncio) Ah não sei... eu aprendi bastante coisa.... áaa até a função da própria música assim, da... de escutar música e saber o tempo e eu acho que isso me influenciou bastante por eu gostar depois. No futuro, eu gostava até das músicas, tanto que eu tenho um cd, eu tenho um cd de música que eu escuto no carro. E... eu não sei eu acho que até a disciplina, a postura, isso foi uma coisa que assim pra minha vida. E eu gostava realmente e a função da disciplina não me incomodava, nunca incomodou. Mas no início até era uma brincadeira, era leve sabe. Não sei, eu Acho que foi isso. Mas ÁA me marcou bastante, tanto que eu tenho muito carinho pelo Balé... eu tenho... toda vez que alguém fala ah... eu falo com orgulho sabe, eu dancei Balé! Eu gostava muito daquilo! Eu teria continuado eu cheguei em algumas épocas eu cheguei a pensar eu devia ter estudado mais Balé eu achava bonito ver as bailarinas.

Mônica: Carol tu te lembra da... o que que tu te lembra da professora Mônica daquela época?

Carolina: Eu me lembro, foi o que eu tinha te comentado antes... eu me lembro eu sempre pensei que tu era muito grande assim... eu me lembro de ti caminhando de um lado o pro outro da sala assim bem alta e magrinha... e sempre muito muito feliz com a gente assim, muito risonha. Muito... Não sei eu tenho uma imagem muito feliz assim! Áaa... eu não sei eram divertidas as aulas assim... era uma coisa não sei, não sei...

Mônica: Te fica uma uma... essa sensação de que as aulas eram uma coisa boa, né?

Carolina: Sim, sim, eu tanto que quando fala a Mônica assim e eu gravo na memória assim de cabelinho preso e tal e não sei... sendo que quando eu te vi depois áa, eu te vi de cabelo cortadinho mas com a mesma carinha assim... e eu aí que legal te rever! Sabe muito... mas a impressão que eu tinha era de que tu era muito grande!

Mônica: é depois a gente comentou a idade e com 14 anos eu era bem menor que agora... (risos)

Carolina: Mas não sei... eu tinha uma eu acho que eu tinha uma boa relação contigo e com a Nora, e.. sempre me me passou uma ideia de que não era a mesma coisa que eu tive depois áa da disciplina assim e de ser rígido demais. Era sempre um clima bom em aula, uma coisa alegre, era bom ir pras aulas de Balé.

Mônica: Aãa o que que tu pensa assim, pra ti qual é a concepção de ensino do Balé que a escola da Diclêa tem?

Carolina: A escola da Diclêa ãa tem o Balé como.... ãa a ideia que eu tenho assim, é que as bailarinas que tão lá, tem que encarar aquilo duma maneira séria, tem que se esforçar sempre mais e mais e mais até ficar doendo os pés... até machucarem até chorar de... sei lá... de sabe da pressão... eu já vi muita bailarina lá chorando, mas vi também no dia da apresentação é aquele brilho sabe... e é uma coisa que eu lembro das apresentações sempre assim, é impecável, é tudo impecável! Só que tem muito sofrimento também por traz... Tem muita aãa é que tinha gente, eu me lembro de algumas colegas que simplesmente não davam bola... mas eu muitas vezes fiquei magoada quando me corrigiam porque eu me esforçava eu tava sempre lá eu nunca perdi uma aula, nunca perdi um ensaio. Então se acontecia alguma coisa que eu não ia bem e me falavam alguma coisa aquilo acabava comigo assim. Mas por outro lado, depois que fui crescendo assim eu fui aprendendo a também não levar tão a sério, porque eu não ia seguir naquilo profissionalmente, então eu fui aprendendo a relevar... Mas ãa.. A tradição da escola também é isso... até brincavam antes falavam que as bailarinas quase que apanhavam antes, eu não cheguei a viver nesse tempo, mas foi sempre muito rígido assim. Eu me lembro também que uma coreógrafa, eu me lembro dela com uma cara muito fechada, assim até hoje assim eu passo por ela e acho ela tão séria assim... aquilo me passa uma coisa até meio ruim assim... ela era meio malvada às vezes... E... mas depois eu fui... A Daniela também fazia brincadeiras, e ao mesmo tempo que ela falava... falava e a gente tinha que rir porque... Aãa não sei, guardei também ótimas memórias, mas acho que que essa é a impressão que eu tenho da escola assim. Mas, isso dá seriedade também... eu indico a escola... gosto assim, eu acho que por um lado elas tão certas mas... elas tem o resultado que elas querem, mas às vezes as bailarinas vão se perdendo no meio caminho, porque não é todo mundo que aguenta isso e que tá disposta.

Mônica: Carol tu lembra até que idade tu ficou na escola?

Carolina: Eu fiquei até os treze. Eu acho que eu comecei com 5 mesmo, porque foram 8 anos. Eu parei eu tava... eu tava na 8ª série no colégio e aí eu pensei, tá agora se eu seguir eu vou entrar no primeiro ano, não vou ter tempo de ensaiar, de fazer as aulas, e eu fazia outras atividades também e aí eu acabei, com muita dor no peito, eu acabei deixando.

Mônica: Então agora eu to to fazendo uma linha de tempo aqui. Então tu entrou com 5 foi minha aluna em 96. Foi a segunda turma, provavelmente né, ou aquela turma no ano seguinte. E daí tu fez Baby Class, depois iniciantes...

Carolina: Eu tenho a roupinha aqui!!

Mônica: Ah que amor!!! E tu fez ãa tu lembra por quantos anos tu foi minha aluna com a Nora? Tu tem essa lembrança?

Carolina: Eu acho que deve ter sido uns três anos... por aí... 3, 4 anos.

Mônica: Aqueles anos bem iniciais ali né...

Mônica: Tá! Deixa eu da uma retomada aqui, mas eu acho que... eu acho que é isso. Aã se tu pudesse definir pra mim assim, pra gente terminar, ãa essa tua primeira relação com a Dança, assim lá com 5 anos, como que tu poderia definir assim mim assim.

Carolina: ah eu acho que foi uma experiência muito feliz assim... muito... foi uma coisa que deu certo assim na minha vida... e que deu muita lembrança, muito resultado, eu tirei muita coisa boa, disso. Aã di di de toda a experiência assim com o Balé... uma coisa meio que, como eu segui por bastante tempo também, é uma coisa que, deu um, sei lá, um rumo na minha vida assim... eu... foi muito importante pra mim, é muito importante ainda, tanto que eu quis voltar só não deu por causa de tempo

Mônica: E tu faz francês. Tu acha que tem alguma relação?

Carolina: Ah eu acho que sim! Tanto... quando... até... eu ainda estudava Balé e eu ganhei um livro da mãe com os passos de Balé... e quando eu comecei a estudar francês, eu comecei a ver tudo isso é do francês assim, o nome dos passos... e eu ah... tem muito a ver a função de gostar... eu cheguei a tocar piano também uma época então, o meu sonho, também eu fiquei pensando como devia ser as aulas de Balé com piano... porque parece que antigamente era... devia ser o máximo, assim... e eu acho que tem com certeza, tem influência sim, nos meus gostos.

Mônica: Eu acho que é isso Carol... daí qualquer coisa depois a gente conversa mais... Mas acho que o mais importante era isso, tentar sentir como tu percebeu esse processo... como que tu me via também né... porque... que idade tu tá hoje?

Carolina: 22

Mônica: é tu retomar esse memória de 17 anos atrás assim numa conversa, mas eu acho que tá bacana.

APÊNDICE O – Transcrição da entrevista nº 6

Entrevistado(a): Roberta de Siqueira Brahm

Data: 03/08/13

Local: Em sua casa

Mônica: Bom, então essa é a entrevista com a Roberta Brahm. A Roberta foi minha aluna, depois a gente vai ver por quanto tempo, mas por muitos anos, né? Na... na Companhia da Dança, áaaa... Hoje é dia três (3) de agosto, nós estamos na casa da Roberta, num sábado de manhã pra fazer essa conversa. Roberta tu lembra quanto tempo tu foi minha aluna?

Roberta: “Pera” aí, deixa eu pensar... áaaa... Três (3) anos, não, três (3) não, cinco (5)... até... uns nove (9), dez (10) anos, por aí.

Mônica: Tá, então vamo... podemos dizer que mais ou menos uns cinco (5) seis (6) anos?

Entrevistado: É.

Mônica: Tá. Roberta, áaaaa... tu tá com quantos anos agora?

Roberta: Eu to com treze (13)

Mônica: Tu tá com treze (13), então faz três (3) anos, mais ou menos né? Que nós nos separamos, entre aspas, né?

Roberta: : Ahã.

Mônica: Roberta como é que eram as aulas? Fala um pouco.

Roberta: : Áaaaa... eu lembro que toda vez que a gente chegava, a gente começava a fazer uns exercícios bem legais, que a gente se aquecia. Aí no meio a gente fazia umas brincadeiras, umas coisas, tipo pular pelo tubarão do chão, que era pra treinar oooo... esqueci o nome do salto. Eeeee... a gente também fazia no final um teatrinho que a gente tinha que fazer passos de balé e essas coisas. Acho que é isso que me lembro das aulas.

Mônica: Ahã. Tinha momentos descontraídos na aula? Como é que eram? Quais eram esses momentos?

Roberta: : Ah tinha porque... tinha momento que a gente parava pra conversar, tinha os momentos que a gente fazia essas brincadeiras que eu tinha falado antes, tinha vários momentos legais e descontraídos.

Mônica: Tu lembra quais eram as brincadeiras?

Roberta: : Áaaa... eu lembro que uma vez que a gente fez uma de um coelho que tu tinha feito uma cenoura e a gente tinha que ir pulando e pegando a cenoura até o outro lado da sala. Eu lembro uma que eu nunca mais vou esquecer que é do tubarão que tu desenhava no chão e era pra gente pular. Eu lembro de uma vez também que a gente fez, que tu fez um castelo e a gente tinha que ir passando pelos desafios do castelo pra gente poder chegar no chá das princesas. E também... eu lembro de uma vez que tu fez umas comidinhas e aí a gente tinha que imitar ser uma formiga e a gente tinha que ir pegando as comidinhas pra chegar de baixo do tnt que era a toca das formigas. E é essas que eu lembro.

Mônica: Ahã... Fala um pouco do teatrinho, como é que era o teatrinho?

Roberta: O teatrinho... tu dava um tema pra gente e a gente tinha que fazer duplas ou trios pra gente poder fazer o teatrinho e tinha que ter pelo menos uns cinco (5) passos de balé pra ser válido. E no final todo mundo era obrigado a aplaudir mesmo que não “teje” sido muito bom, porque era pra deixar as pessoas felizes. Acho que é isso que eu me lembro de teatrinho.

Mônica: Ahã. Roberta tinha momentos sérios?

Roberta: Sérios... tinha. Naquele... naquela parte do momento de tensão do final do ano da, da... das coreografias de final de ano pra apresentação tinha momentos bem barra pesada por causa que a gente tinha que treinar, treinar e a gente errava e todo mun... e aí gente se estressava e essas coisas, mas no final ficava tudo bem.

Mônica: Ahã... Quando tu falou assim “tinha momentos descontraídos e tinhas momentos sérios” pra ti quais desses eram momentos de aprender?

Roberta: Os momentos de aprender, como eu era pequena, eu acho que... como aquele ditado “a gente aprende brincando”, então eu acho que nos... no meio dessa brincade... desses momentos sérios eu acabei aprendendo bastantes coisas. E é isso.

Mônica: Ahã. Áaaa... Roberta como é que tu te sentia nas aulas? Como é que era a Roberta nas aulas?

Roberta: A Roberta nas aulas era... a Roberta feliz, porque eu adorava as aulas, eu sempre ia lá, tipo, "yé eu vou ter aula com a professora Mônica" por causa que eu sempre implorava pelas brincadeiras e pelas coisas, e também áaaa... ah eu gostava bastante das aulas por causa disso, porque, como eu disse antes, tinha os momentos de brincadeira e como eu era muito pequena, eu gostava disso. Gostava bastante das brincadeiras.

Mônica: Ahã... Muito bom. Áaaaa... Me diz uma coisa, dessas... quais eram os momentos das aulas que tu mais gostava?

Roberta: Eu gostava do final da aula, onde tinha o teatro, que a gente dançava e eu já tinha falado antes. Eu gostava quando a gente fazia exercício fora da barra, que até hoje eu gosto, porque eu não gosto de ficar de costa. E... eu gostava... daqueles momentos de brincadeira que tu trazia aqueles brinquedos e aquelas coisas. E... é, é esses momentos.

Mônica: Tá. Roberta tu falou que tu gostava do teatrinho, porque que tu gostava do teatrinho?

Roberta: Porque no teatrinho existia uma liberdade de expressão, né? Então a gente podia fazer o que a gente quisesse se enquadrando nos temas. Então eu acho que isso é bom porque estimula a criatividade da pessoa. Por isso eu gostava do teatrinho.

Mônica: Ahã. Muito bom. Do que que tu não gostava?

Roberta: Do que eu não gostava? É... acho que era dos exercícios na barra. Eu nunca gostei muito de exercício na barra.

Mônica: É? Por que Roberta?

Roberta: : Por causa que... é tudo tão ensaiado, é tudo tão certo. Eu, eu nunca gostei de fazer tudo assim na linha, mas mesmo assim, com os certos e os errados eu acabava adorando o balé.

Mônica: Ahã. Áaaaa... Bom, tu falou então que tinha movimentos de criar, né? Tu falou também que... o que era criado, né? O que eram... que que era isso? Eram... eram coreografias, eram... Como é que era essa criação?

Roberta: : Na nossa cabeça eram coreografias magníficas que as bailarinas dançavam perfeitamente, mas... eu acho que eram só umas coreografias criadas por crianças, só que com passos de balé.

Mônica: Ahã. E como que a professora reagia a essas criações de vocês?

Entrevistado: Ah, áaaa.... Tu tava sempre estimulando a gente pra, nas criações, na criatividade... tu sempre procurou estimular o nosso lado criativo, o nosso lado da imaginação, né? O nosso lado criança mesmo.

Mônica: Ahã. Áaaa, Roberta como que tu avalia a prática da professora, o modo de ensinar da professora?

Roberta: Eu acho que o modo de ensinar teu, naquela época, nessa mesmo, eu acho muito legal por causa que... tu não vai encontra outro curso onde a professora brinca e conversa direito contigo. Tu não vai encontrar outro curso em que tu pode... áaaa, sei lá, criar coisas na aula. Tu não vai encontrar outro curso igual aquele que tu fazia... nunca.

Mônica: Áaaaa.. como que era o relacionamento das prof... da professora com as alunas?

Roberta: Ah, a gente sempre foi muito, muito amigas... muito, muito amigas. Desde os cinco anos de idade até sempre. A gente sempre foi muito junta e unida, a nossa turma sempre foi assim.

Mônica: Áaaa, sobre as aulas, Roberta, sobre as coisas que a professora usava pra ensinar, qual era a maneira que tu aprendia com mais facilidade?

Roberta: : Áaaa... Como te disse numa pergunta anterior, que era um pouco parecida, eu aprendia bastante com as brincadeiras e também nos momentos sérios, quando a gente era meio na marra e tinha que aprender, mas era isso, entre os momentos de brincadeiras e os momentos sérios, a gente acabava aprendendo bastante coisa.

Mônica: Tá. Áaaa... que coisa que a professora usava pra ensinar, tá, explica, aproximar vocês do balé, tá? Áaaaa... que coisas eram essas?

Roberta: Eu lembro que a gente tinha um caderninho onde a gente desenhava as bonequinhas quando a gente não conseguia entender os passos, então a gente tinha que desenhar os passos da boneca no caderno e treinar em casa. Áaaaa... Também tinha, áaaa... varias brinquedos, porque naquela época tu trabalhava como professora também e tu trazia vários brinquedos e várias coisas pra gente aprender as coisas do balé e tal.

Mônica: Ahã. Roberta tu chegou a aprender sobre os nomes dos passos, sobre a história da dança, sobre a intenção de cada movimento?

Roberta: Sim, áaaa... Os passos em cada aula agente aprendia acho que uns cinco, ou mais, passos novos. E a História da Dança eu lembro que uma vez a gente trou... trouxeram uma televisão pra sala de aula, porque não tinha, e trouxeram um DVD e a gente começou a assistir Quebra Nozes eeee... depois a gente passou um documentário que tem dentro do DVD do Quebra Nozes que falava sobre a história da bailarina, que também falava sobre a história da dança e é isso.

Mônica: E o que tu pensa sobre isso, sobre aprender essas coisas numa aula de balé'?

Roberta: : Eu acho que quanto mais aprendizado em qualquer área melhor, né? Porque a gente sempre tem que procurar aprender mais e mais. Porque sim, por causa que aprendizado... é, é isso.

Mônica: Tu falou que tu te interessava muito pelas aulas de balé, né? Era muito feliz, áaaa... o que mais te interessava?

Roberta: : Bom, como te dito antes, já que a gente tinha uma amizade com as colegas, amizade com a professora, a aula era interativa, a gente brincava, a gente dançava, a gente era livre pra fazer o que a gente quisesse, então eu acho que isso que me estimulava, isso que desenvolvia: “eba eu vou... eu tô indo lá e eu vou fazer... eu vou dar o meu melhor e eu vou ser uma bailarina muito legal, por causa que eu vou tá junto com minhas amigas e com a minha professora”.

Mônica: Ahã. Áaaaa... Vamos ver uma coisa aqui. Que que tu achou da ideia da professora, agora uma outra coisa, de levar vocês pra participar de eventos de arte e de dança que aconteciam na cidade? Tu lembra de ter ido em algum?

Roberta: : Eu me lembro que a gente foi um lá em Bagé, o Dança Bagé, eeeee... eu lembro que quando a gente foi fazer um ensaio eu errei tudo, exatamente tudo e aí eu fiquei muito nervosa e eu comecei a ensaiar que nem louca a coreografia e aí a professora falava: “calma Roberta, para de ensaiar agora”, só que eu... só que eu falava: “não, eu vou ensaiar até eu ficar perfeito”, só que deu certo porque eu ganhei segundo lugar depois.

Mônica: E como que foi na hora da apresentação?

Roberta: : Na hora da apresentação sempre tem aquela coisa de tensão, que a gente fica tipo “ai meu Deus, eu vou errar tudo, ai”... aí depois quan... só que o que ajudou bastante é porque eu entrava rolando pelo palco, eu não entrava direto, então eu acho que não olhar pra plateia é que de manhã eu lembro que tava todo mundo sentado ali na frente dava pra ver todo mundo e eu fiquei olhando assim e aí quando eu vi eu já tava errando tu... todos os passos, eu acho que até sai antes da, da música.

Mônica: Ahã.

Roberta: E aí, quando eu fui ver, na hora da apresentação, tava tudo escuro, não dava pra ver ninguém e eu pensei que ia ar pra ver todo mundo, não dava nem pra ver os jurados. Então eu acho que isso foi melhor, porque eu pude fazer a apresentação bem mais tranquila, e eu pude ganhar segundo lugar, em apresentação solo.

Mônica: Ahã. Roberta, áaaa... tu falou então que tu foi nesse evento. Tu lembra de ter ido assistir mais outras coisas junto com a turma do balé? Dessa vez vocês foram se apresentar, né?

Roberta: Dessa vez a gente foi se apresentar.

Mônica: Tá. Alguma outra vez que vocês tenham ido assistir alguma coisa?

Entrevistado: Ah, eu lembro de uma vez que tu, tu tava num curso, alguma coisa assim, e tu levou todo mundo lá no Gonzaga pra gente ver uma apresentação tua, que eu acho que era... eu não lembro o nome, mas era uma coisa tipo contos afro eu acho, que era de dança também, que era de dança, áaa... eu esqueci o nome da dança. Aquela que a gente usa...

Mônica: Contemporânea?

Roberta: Isso, contemporânea. E aí a gente ficou assistindo até nossas mães ir nos buscar.

Mônica: E o que que tu achou dessa experiência?

Roberta: Eu achei bem legal, porque a gente acabou saindo da... da nossa rotina da aula de balé e a gente foi fazer algo diferente, porque as vezes a gente tem que manear nas coisas e fazer coisas novas.

Mônica: Áaaa, e tu aprendia com essas experiências difer... que não eram da sala de aula de balé, tu aprendia alguma coisa?

Roberta: Sim, por causa que... áaaa... deixa eu pensar. Áaaa... Eu aprendia sim, por causa que, áaaa, a gente via os movimentos, a gente via as artes, a gente podia interagir com isso. Na, no Dança Bagé tinha várias tipos de danças diferentes e a gente pode aprender um pouco mais sobre cada uma delas. Nesse curso, nesse teatro de dança contemporânea, a gente pode ver a dança contemporânea de verdade, o movimento dos corpos, o jeito que ela dançava e tinha até uma história também que agora eu não consigo me lembrar.

Mônica: Ahã. O Roberta tu tinha medo de errar nas aulas?

Roberta: Sim. É que eu sempre tive muito medo de fazer coisa errada e eu sempre acho que o que eu vou fazer vai dar tudo errado, é... eu sou muito... assim. Então eu nunca gostei de errar. Então eu acho que eu tinha medo de errar nas aulas.

Mônica: E como a professora reagia com os erros?

Roberta: A professora sempre foi a coisa mais calma do mundo, né? Ela ia lá, corrigia o erro, falava o que tinha que fazer com a maior calma do mundo e aí se a gente errava de novo ela ia lá e explicava de novo, com a mesma calma de sempre, se a gente errava de novo ela explicava de novo, de novo e de novo.

Mônica: Em matéria dos ensaios e do espetáculo, como agia a professora?

Roberta: A professora, ela sempre tomou conta de toda turma do balé, desde pequenininho até os grandes, então era meio um momento de tensão. Então quando ela se estressava a gente meio que dava um desconto, porque ela tinha que fazer todas as coreografias, de todas as coisas do balé, não tinha como não ficar um pouco louca né, nesse momento? Então eu acho que da... daquele momento se ela se estressasse ou ficasse um pouco louca, acho que era muito normal, porque até a gente se estressa na hora do espetáculo, até a gente fica: "ai meu Deus, eu não posso errar", fica se cobrando e eu acho que, que isso é bem normal.

Mônica: Ahã. O Roberta, como tu acha que aquelas aulas lá, que tu fez durante cinco anos, te prepararam pra dançar balé, já que agora tu continuas dançando, passou por outros dois professores, né, mas não parou de dançar balé? Áaaa... e então como é que tu acha que aquelas aulas que tu fez lá no início te prepararam pra dançar balé?

Roberta: É que assim, desde o início, desde que eu tinha três aninhos, eu implorava pra minha mãe pra dançar balé, eu sempre amei balé, sempre! Então eu entrei na... na tua aula e eu comecei a amar cada vez mais o balé, tanto que hoje eu continuo no balé. Eu acho que essas aulas contigo me estimularam bastante e aque... aquele amor pelo balé, eu peguei um pouco mais de amor pelo balé nas tuas aulas, porque eu percebi que o balé não precisa ser uma coisa tão séria quanto ele parece ser. O balé pode ser uma coisa feliz, ele não po... ele não precisa ser uma coisa monótona, sempre naquele jeito, naquele estilo. Então eu acho que esse jeito teu de ensinar, esse jeito teu de brincar, me estimula a continuar dançando balé até hoje.

Mônica: E tu percebe diferença no modo de ensinar dos outros professores, ééé, que tu teve depois?

Roberta: Sim. Porque como eu disse, áaaa, tu nunca vai encontrar um curso igual, de balé, igual ao que tu fazia, porque ninguém nunca vai dar um curso assim, porque todos os professores de balé sempre fazem aquela coisa séria, que vão te falar os passos que tu vai ter que fazer e não te dão liberdade nenhuma. As vezes têm uns que podem ser tão legais, podem ser até legais, mas nunca vai ter um igual, onde tu podes brincar, onde tu podes dançar, onde tu podes ser livre, onde tu podes estimular a tua agilidade, onde tu podes desenhar no chão com giz... Então eu acho isso.

Mônica: Áaaaa, tu achas que tu conseguia te expressar nas aulas?

Roberta: Sim, eu acho que sim. A gente até opinava nas... eu lembro que a gente até opinava nas apresentações de final de ano, não era nem a professora que decidia, era a gente, então a gente tinha bastante liberdade pra ser o que a gente quisesse ser, e eu acho que isso continua por muito tempo, porque até hoje eu gosto das artes e dessas coisas, e eu acho eu isso vem lá daquele tempo que eu tinha aula contigo.

Mônica: Ahã. Áaaa, Roberta descreve o que é o balé pra ti

Roberta: O Balé pra mim ele não é só uma Dança. Balé ele é uma forma de expressão onde tu pode expressar teus sentimentos do jeito que quiser. Numa coreografia ou numa coisa do tipo. Eu acho que o Balé é pode ser o tipo de Dança mais complicada que foi inventado pelo ser humano. Mais, pra mim ele ele já marcou bastante a minha história então eu acho que por isso que eu gosto tanto do bale por causa que desde pequena já tentaram me botar em aula de jazz de sapateado mas eu sempre acabava voltando pro Balé. Eu acho que o bale é uma paixão minha de infância mesmo o balé não é só uma dança pra mim.

Mônica: Entao com as aulas com a professora Mônica Roberta tu aprendeu coisas sobre o Balé né que tu já falou. Tu aprendeu alguma coisa além do Balé?

Roberta: Áaa Eu lembro que as vezes a gente fazia umas coisas tipo de jazz por causa que eu lembro que quando tu foi ensinar as posições dos pés a gente fazia a posição que a gente ficava com os dois pés paralelos um ao outro que era a primeira posição do jazz. Então em determinadas partes da aula a gente aprendeu um pouco de jazz, porque até no teatrinho a gente não fazia sempre passos de balé a gente fazia e as vezes nem sabia que eram de jazz então eu acho que a gente tinha um conhecimento além do balé naquelas aulas.

Mônica: E fora da Dança? Teve alguma aprendizagem que tu fez fora da Dança?

Roberta: Fora da Dança? Eu acho que a experiência com o Dança Bagé teve algumas experiências fora da Dança por causa que áaa...áaa... deixa eu ver. Áaa eu acho que teve algumas experiências fora da Dança por causa que a gente acabou conhecendo Bagé. Eu nunca tinha ido a Bagé eu lembro que tava com um frio de rachar aquele dia e aí a gente até almoçou todo mundo junto num restaurante. A gente acabou indo pra... e que a gente foi num prédio histórico de Bagé que a gente acabou visitando que a gente foi, a gente leu, a gente acabou aprendendo até a história de Bagé naquele Dança Bagé foi até mais do que só a Dança.

Mônica: E durante as aulas? Tinha alguma coisa que tu aprendia que não era da aula?

Roberta: Durante as aulas as vezes é... quando a gente tava naquele momento de descontração, sabe que criança é coisa muito curiosa né, então a gente sempre perguntava algumas coisas a sora respondia e eu acho que era que isso que agente aprendia a mais no Balé.

Mônica: Roberta, tu tu lembra quando a professora Mônica começou a fazer o curso de Dança?

Roberta: Eu lembro

Monica: Na faculdade

Roberta: eu lembro que foi assim, a gente já tava num dos últimos anos do Balé então a sora começou a fazer a faculdade e a professora sempre sempre bem ocupada, sempre cheia de coisa áaa e depois de um tempo no curso de Dança o nosso Balé acabou acabando por causa que não tinha como áa a professora fica estudando dança sendo professora e ainda dando Balé pra toda classe de Balé. Então ela acabou cedendo pra algumas colegas que dançavam balé e até pruma colega nossa que já tava lá a algum tempo e acabou dando aula pras pequeninhas. E aí eu lembro que num dos últimos anos tu só tava dando aula pra gente que era a aula que tava com ela desde lá os cinco anos de idade. E aí no fim a aula de Balé acabou por causa que não tinha mais como, não tinha mais tempo pra professora nos da aula.

Mônica: Uhum...Roberta nesse tempo que tu lembra que a tua professora então começou a fazer faculdade de Dança, o que que o que que vinha assim... o que que ela trazia pra vocês da faculdade. Vinha alguma coisa da faculdade lá pra vocês? Como é que tu percebeu isso/ Teve alguma mudança no modo de dar aula? Tu percebe alguma coisa? Tu consegue lembrar alguma coisa disso?

Roberta: Áaa...Eu lembro que ela começou a trazer um monte de novidade por causa da faculdade de Dança. Ela começou a falar até sobre... Eu lembro de uma vez que tu tava aprendendo sobre anatomia na faculdade de dança e aí áaa, tu falou pros teus colegas que as tuas alunas já sabiam o que era escápula. E tu me disse, e tu me disse, tu me disse que eles ficavam assim “mas como assim elas já sabem o que é escápula?” E a gente sabia mesmo! Eu acho que gente sabia mais de anatomia antes de ter aula de anatomia, porque além da aula de Balé tu também explicava da onde vinha os movimentos da onde saia, então eu acho que a gente sabia bastante sobre nosso corpo como fazer os movimentos por causa da faculdade de dança.

Mônica: Áaa descreve a professora Mônica pra gente terminar.

Roberta: Bom, a professora Mônica dos cinco anos, dos meus cinco anos até os meus dez, nove, por aí, sempre foi... acho que ela nunca mudou, ela sempre foi aquele tipo de amigona professora, sabe? Aquela que tá sempre disposta pra fazer o que tu quiser. É porque na época que eu fui duquezinha XV (Quinze) de Julho, foi ela que ensaio todas as minhas coreografias, foi ela que até me maquiou, na maioria das vezes, foi... a professora Mônica é aquela professora que pode ser braba e pode ser a melhor professora do mundo se tu quiser. A professora Mônica é aquela professora amigona que tu pode contar todas as horas possíveis, todos os minutos possíveis e eu acho que é por isso que a gente se apegou muito a ela, por causa que eu passei quase a minha infância inteira na Companhia da Dança, não sei se eu podia falar Companhia da Dança, mas, áaaa..., então eu acho que, por viver tanto tempo com ela, isso acabou fazendo eu me apegar bastante a ela, então eu acho que é isso.

Mônica: E a... agora me descreve então a bailarina Roberta.

Roberta: A bailarina Roberta sou eu?

Mônica: Isso.

Roberta: A bailarina X (risos). Áaaaa... Eu, bom eu nunca fui fofinha, nem cheinha, então eu sempre tive, áaaa... um corpo pro balé mesmo, eu sempre fui uma criança muito flexível, então eu acho que eu continuo sendo flexível, não sei, mas a bailarina Roberta eu acho que é aquele tipo de bailarina que ela se esforça tentando fazer o melhor dela, porque é uma bailarina que não tem esforço não é uma bailarina descente, né?, não dá nem pra

chamar de bailarina, porque uma bailarina ela tem que lutar pelo que ela quer eeee... eu acho que a bailarina **Roberta** ela é a bailarina que quer ser uma das... uma das melhores bailarinas do mundo ou talvez não, mas pelo menos uma das... A bailarina Roberta quer ser uma bailarina muito boa e ela quer, ela quer saber dançar perfeitamente, áaaa todos os balés de todas as coisas é mais um objetivo pra minha vida eeeee... eu pretendo seguir esse ramo do balé e se eu não conseguir seguir no ramo do balé eu vou seguir no ramo das artes e eu acho que é isso.

Mônica: Tu tens vontade de... tu já pensou em fazer um curso de Dança?

Roberta: Áaaaa... Eu já pensei, eu já pensei bastante, mas eu acho que, áaaa... talvez sim, talvez não, mas, áaa... eu sou muito envolvida nessa coisa das artes, sabe? Eu, eu, eu sempre fui muito envolvida nessa parte das artes, tanto no desenho, como na dança, como no canto, como no teatro, eu nunca... não faço teatro, mas, áaa... eu acho que seria muito possível se eu quisesse fazer uma faculdade de Dança num futuro próximo, então eu acho que sim, eu poderia fazer uma faculdade de Dança.

Mônica: Ai tu te imagina, se tu fizesse uma faculdade de Dança trabalhando onde com o curso?

Roberta: Eu, quando eu era pequena, áaaa, eu sempre pensava que eu nunca queria ser professora na minha vida, porque não, assim. E a minha mãe é professora e, nossa, eu nunca quis ser professora, mas eu acho que se, se eu tiver uma boa relação com meus alunos, talvez num futuro próximo eu possa ser professora de Dança, ou talvez só dançar mesmo, ser bailarina, participar de teatro e essas coisas, eu acho que seria uma boa pra mim.

Mônica: Roberta com que idade tu tá mesmo, treze (13), né?

Roberta: Treze (13).

Mônica: Então tá Roberta, acho que é isso. Eu vou transcrever depois a entrevista e vou te mandar, se tu quiser mudar alguma coisa tu podes mudar, tá bom?

Roberta: Tá bom.

APÊNDICE P – Transcrição da entrevista nº 7

Entrevistado(a): Maria Fonseca Falkembach

Data: 08/08/13

Local: Em sua casa

Tô com a Maria, no dia nove, nove,? oito de agosto na casa dela, de tarde, acho que deve ser 14, 14 e 23, a gente já conversou um pouquinho sobre qual é a ideia da entrevista, e vamos gravar.

Então assim Maria, uma das coisas que eu tô defendendo no meu trabalho, é a memória né...o papel da memória como um elemento, áhhh de formação, também de formação.

Maria: Aham!

Mônica: E aí, áaa... ah, eu, eu tô, tô entendendo, que a memória é sempre seletiva, né... ela é um recorte, não é a realidade mais, ela é um recorte, não é a realidade mais, ela é a leitura do outro, sobre alguma situação que aconteceu, mas a memória ela nunca é individual, é sempre social, tu tem a tua memória, que é atravessada pela minha, e assim vai então a gente vai fazer um exercício de memória, táá? Então eu vou te fazer umas perguntas e a gente vai conversando. Bom, então como eu tava te falando, eu acho que tu tá acompanhando meu processo de formação aqui no curso desde o início, né... praticamente até o final, e diferentes momentos, na extensão, no ensino, como coordenadora, tu aparece em diferentes momentos, em disciplina, em projeto, em várias situações, como alguém que me faz me repensar. Do que, quê tu te recordas, assim, nesse primeiro momento, dá, sobre a minha trajetória no curso como aluna?

Maria: Áaa, bom áhhh, eu acho, acho que, a primeira coisa que veem, é de uma aluna que exige da gente, áaa...estudo, por que tu já veem com a tua trajetória de pedagogia, ih ai, eu, eu entro pra esse curso, sem uma grande trajetória de pedagogia, a minha trajetória como educadora que também, o fato de eu tá entrando pra uma licenciatura eu fui me dá conta que eu sempre dei aula, desde os 15 anos, embora nunca tinha tido feito uma pedagogia, uma licenciatura, mas eu nunca deixei de dá aula, quando eu tava, eu comecei com 15 anos dá aula de balé, ihhh, quando eu fiz engenharia, eu dava aula de cálculo, eu nunca deixei de dá aula, éee, e depois tá, depois no grupo de teatro, também dava aula, e sempre né, aula em projetos, sempre, então, ih,ih.ih obviamente, éee, mas o fato de eu ter que dar aula sobre o ensinar (risos), áaa, me exigiu estudo grande, e o fato de te ter como aluna, é que é uma pessoa que já tinha, essa, essa prática pedagógica, áaa... ao mesmo tempo que me auxiliava, eu me lembro daquela primeira disciplina que eu dei, que era, quee que a, o foco era pensar na abordagem pedagógica, me lembro de tu ter me ajudado muito nesse sentido, e ao mesmo tempo me desafia, por eu sim tem pessoas em aula que tem, que a gente vai construir um diálogo que não é qualquer coisa né, então nesse, isso é a primeira coisa que me veem assim, éee, deixa eu pensar, ao mesmo tempo, áaa, essaa... tu também eu me lembro, de áaa, tu já ter uma trajetória na dança, em grupo né, ih,ih ih, mas ao mesmo tempo, agora pensando no Tatá, essa coisa de quando aperta a criação assim, como que, que que vai, vai, e às vezes chega num ponto que a Mônica escapulia nééh, então, ih,ih me lembro assim de que isso, assim, e a sensação, sensação minha de que isso tava atrelado assim um, a uma prática de dança que já veem pronta né, então da gente no momento de trabalho fazer uma áaa, vai lá te desafia, tarará, e daí, eu, e daí agora eu me lembrei bem desse, da montagem, que eu te fiz uma proposta que era relacionada ao balé, e que tu pulou fora assim, éeee, então, mas ao mesmo tempo foi né, ih,ih,ih construiu ali uma ideia de, de, de cena né, que conseguia condensar as coisas que a gente tinha trabalhado na, na durante a montagem né, tanto que a tua, tua cena virou o fechamento da montagem assim, então éee, qual que era a pergunta mesmo ?

Mônica: Como que tu, como eu. O que tu lembra da trajetória aluna Mônica do curso?

Maria: Exato! Então, então sempre uma aluna que assim, que me desafiava e que assim, e que tinha um diálogo, muito e que assim, muito parelho assim né, da gente áaa... um diálogo áaa, assim que é o que eu acredito como proposta de educação, proposta pedagógica né, quando tu consegue construir um diálogo que faz, faça como que eu professora tenha que buscar né, então é nesse sentido assim, éee... ih, e ao mesmo tempo é, um desafio por que, áaa, tu sabe que entre os outros alunos não tão nesse teu nível assim né, e a gente tem que então, como que eu, como que eu falo pra que a Mônica se estimule...uma parte baixa não entende bem. Acho que é isso ela diz!

Mônica: Tá, áhh me fala dá, desse o que que tu lembra desse período assim híbrido professor-aluna do curso.

Maria: Tu professora-aluna ?

Mônica: É!

Maria: Bom a gente, deu uma disciplina juntas né?! (risos). Foi muito legal por que a gente pode eu acho ãa.. dividir esses nossos saberes, que cada uma tem as suas especificidades da pedagogia e da análise do movimento, e acho que, e de um novo lugar né, ih, ih eu acho que foi muito tranquilo Mônica, muito legal assim, talvez por que eu nunca te encarei como uma aluna, ou pelo fato de como eu encaro meus alunos, sim né! Então eu não tive diferença, problema nenhum em tu estar deste outro lado assim sabe, e acho que assim, acho que foi muito legal essa disciplina que a gente deu juntas, por que, por que justamente a gente, ãaa, tinha esse diálogo, e tinha uma , como é que a gente fala ? ãaa, não é afinidade, a gente se entendia néé, ah, não, às vezes a gente não conversava sobre o que iria acontecer na aula e a gente chegava no tá tá, pum pá. (risos), e é isso entendeu, e a gente realmente conseguiu dar aulas juntas, então é, eu não sei, eu acho que isso, ãaa, que eu não vi o problema nessa, não vejo esse problema exatamente por que eu acredito numa forma de que de proposta pedagógica em que não tenha essa diferença.

Mônica: Aham!

Maria: ...e no momento em que tu tem uma autonomia, no sentido em que não tem que ser cobrada né, assim, tu tem uma autonomia na tua formação, é a gente não precisa, ser professor (acho não entendi), às vezes acaba tendo que fazer o papel do professor da escola, o professor que os alunos estão acostumados, que eles precisam né, pra poder desempenhar alguma coisa, contigo nunca precisou disso né, de, de, de fazer desse professor...então ééé, e daí nesse sentido eu acho que pra mim nunca foi um problema isso, às vezes a Mônica professora, às vezes a Mônica em aula, e aluna pra mim não tem uma diferença.

Mônica: ãaa, tá, com relações as minhas concepções, lá na minha memória aparece tanta coisa, assim bem interessante (risos). ãaa, pois eu acredito que tu conhece um pouco, conheceu algumas concepções sobre dança, tu viu assim mudanças, tu conseguiu enxergar mudanças nessas concepções provocadas pelo curso ao longo do tempo.

Maria: Bah. Pois é! Como é que eu vou dizer, por que pra mim, a Mônica que chegou já era uma pessoa que pensava de uma forma, de forma pedagógica, eé que é tão louca, tu falando sobre, sobre essas tuas mudanças, eu fui pensar em, em mim néh!

Mônica:Aham!

Maria: Áaaa, esses tempos eu tava pensando nisso, que como é que ãaa, que a gente vai transformando as nossas práticas, eu me lembro essa coisa de reproduzir, por que ah, por que a dança, a gente, a gente aprende muito repro...äh, ah, aprende a mais, a tradição da dança é a reprodução, a gente faz sem muito entender o que que tá fazendo, e assim eu fiz, eu dancei, muito tempo néh, e fiz aula de dança muito tempo assim na, na cópia e nas instruções, que cada professor ia...e quando eu tive que dar aula lá...de teatro para atores, eu comecei a construir uma forma de ensinar a dança ou pelo, essa técnica de dança que eu aprendi e tal, e essa técnica, ela sempre teve mais , mais relacionada então ao conhecimento corporal, e que, e e o conhecimento corporal, e o conhecimento somático, e isso fez com que eu modificasse, o meu modo, a minha técnica, tanto que hoje quando eu parto, esses dias mesmo eu tava falando lá no Tatá, eu tava fazendo um exercício, pensando, quando eu aprendi isso, eu fazia com tanta força(risos).Esse exercício, com tanta força, e hoje eu quase não faço ele com força nenhuma, exercício que tu, deitada no chão e vai a pernas, e flex, e vai e volta, e que é um exercício todo de vai e volta, mais que eu usava uma força absurda pra quê. E hoje parece que ele é, acontece de forma mais fluida, outro foco, o foco é da conexão motora/óssea, e claro, tudo isso veem em cima de estudo, da prática do estudo, e do ter que ensinar, então, isso também modifica o meu modo de fazer. Áhhh, então, eu não sei quanto tu assim por que dizer, por que não acompanhei as tuas aulas clássica, então isso eu não, eu não, eu não sei, e me lembro que desde o início tu já tinha uma proposta Freireana digamos assim, então sempre houve a expectativa de que tu partisse do diálogo, que tu partisse, embora trabalhando com balé, embora né, nas coisas que me chegavam, já tinha essa questão do partir do individuo, não trazer uma coisa pronta, embora o balé seja, então como que, como mas, eu já tinha essa expectativa de ser uma forma diferenciada. Agora eu imagino que todos os referenciais que tu fosse agregando durante o curso, isso vai, vai ficando mais fácil de pensar.

Entrevistador: Aham!

Maria:: Vai ficando mais fácil de, de como construir, de como eu chegar com uma técnica de balé dentro dessa proposta, digamos lá dos princípios, do conhecimento dos princípios e não do conhecimento só do movimento talvez seja mais fácil, mais eu não posso dizer assim, aí que eu não vi essa.

Mônica: Claro, claro! Não têm como mensurar!

Maria: Exato!

Mônica: Claro. É verdade!

Maria: Mas existia uma coisa, eu sempre tive essa expectativa da Mônica que já tem este outro olhar para uma aula.

Mônica: Depois eu vou voltar para umas coisas que eu anotei aqui.

Áhh, com relação, áaa... ao ensino do balé bem especificamente é, a mesma coisa, eu acho que a gente não tem, não teria como, contar sobre isso, como é.

Não... é... Aham

Bom tá... áa... com relação a corporeidade, tá, isso as análises do movimento, né, também fiz contigo, como professora, também tava lá no Tatá, e tal na montagem, tu percebe algum tipo de alteração entre “aspas”, de ressignificação, de reorganização nesse corpo clássico entre “aspas” no curso, com o curso, durante o curso?

Maria: Pois é... alteração que coisa doida..

Mônica: É alteração é uma palavra louca... mas é que..

Maria: Aham...é... é... mas é que assim óh, por exemplo, é que também eu trabalho de forma que a gente tá sempre se modificando, então tu... tu, não... não, né,não é uma pessoa, áaa, inclusive eu...

Mônica: Uhum...

Maria: Né...então, por exemplo ôh... as vezes entra alguém no Tatá, que eu consigo mais enxergar é o pessoal do Tatá que tem uma prática mais da análise do movimento também né, então as vezes a gente geralmente vê isso né, entra sem prática nenhuma e tal, e aí vai, vai se desenvolvendo, vai alterando...áaa... bom, é.. baah faz tempo, faz 4 anos, sei lá quanto tempo...

Mônica: Faz mais ou menos, quase cinco.. (risos)

Maria: Como é que eu vou me lembrar de como era o corpo da Mônica quando tu chegou entendeu...mas é..

Mônica: Tu via descobertas, assim... nas aulas de análise e tal?...

Maria: Com certeza, por que essa era a proposta da aula né, a proposta da aula sempre é, tu chegar no teu desafio, te desafiar, independente de que estado tu estejas né, então com certeza, teve mudança, e teve diferença, áaa, e provavelmente é no sentido de tu trabalhar, óbvio, as questões mais de esforço né, de variação na qualidade de movimento que eu, que eu, que eu acho que vem de novo pra ti.. né , essa variação do esforço da qualidade de movimento, do trabalho com o peso, né, então como que, eu acho que, essa é a grande diferença, por que talvez por que no ballet não se trabalhe assim, se trabalhe muito mais a linha do movimento do que o como do movimento, a qualidade do movimento, assim... acho que agora assim, lembrando assim, acho que a questão das escalas pra ti sempre foi muito fácil, por que essa relação com o espaço, mas acho que esse...a qualidade do movimento mesmo que é uma coisa nova pra ti...

Mônica: Aham... áaa.. bueno... tu falou aí um pouco da tua experiência prática né como professora, antes de ir para a universidade, por exemplo num curso de Teatro, ou dar aula na universidade, pra ti qual é o papel da experiência prática na formação do professor? De dança né...

Maria: A minha... minha como, eu fazendo prática de dança?

Mônica: Dando aula, tu falou, ah eu dei aula durante sempre, durante muito tempo eu já estava na docência né, pra ti qual é a dimensão dessa experiência que é da prática de ensinar, na formação do professor?

Maria:Ah eu acho que é fundamental... tanto que é isso que eu te digo minha prática de professor foi sempre a experiência...

Mônica: Aham...

Maria: Eu aprendi sempre na experiência, claro que sempre teve a teoria, mas a teoria vem depois, tá... então e tanto que até hoje, inclusive a minha pesquisa é feita assim, é da experiência pra a teoria...

Mônica: Uhum...

Maria: E acho fundamental, por que as questões pedagógicas, de fato, né, aquilo que, que tu questiona, como eu devo ensinar ela vem na relação com o aluno, né, não adianta eu ir lá para a teoria, sem... sem encarar essa relação de fato, de perceber como eu vou trabalhar a aprendizagem desse o aluno né, que é como, por mais que eu traga, que é sempre isso que a gente se depara né, quando tu é professor, tu acha que tu tá trazendo, que tu tá falando, que tu tá expondo, que tu tá...e quando tu vê o aluno não aprendeu nada, ou muito pouco daquilo que tu imaginava, então é nessa experiência que tu vai te construindo né, com, encontrando outras estratégias, encontrando uma relação mais, de produzir desafios nesse aluno... né...

Mônica: Uhum...

Maria: E agora, por exemplo, esse semestre eu tô com duas turmas de “bixos”, com um monte de gente, e aí é isso, eu bah cara, agora como eu vou fazer essas pessoas quererem né, e agora eu fiquei feliz que eu levei um livro do Laban, lá pro pessoal do Teatro, li uns parágrafos e algumas pessoas ficaram muito a fim de ler o livro, é...

eu disse bom (risos) algumas pessoas, e é isso tão muito a fim de ler o livro, é eu acho que é esse o papel, bom mas tu tem que ir construindo, sem experiência não.. não dá.

Mônica: Aham...e quando essa experiência não vem anterior ao curso?

Maria: Como assim?

Mônica: Por exemplo né, uma opinião da Gessi, que eu me lembrei agora, alguém que não exerceu a docência antes do curso, quando essa experiência não vem anterior ao curso, como, é uma coisa que eu tô me perguntando no meu trabalho, agora eu tô socializar, como construir essa experiência na formação inicial né...

Maria: Eu acho que é experimentando, não tem outra forma né... então falando da Gessi, por exemplo, o Tatá é um espaço que agora eles estão tendo espaço para dar aula né, pra professor inclusive... né... então o que a gente tem feito desde o ano passado, a gente tem construído o material pedagógico, construído aulas, e eles se juntam em duplas ou trios e vão dar aulas, né então, e aulas aqui em Pelotas, em outras cidades, então é isso, eles estão se construindo como professores também nesse espaço, eu tô falando do espaço que eu coordeno né (risos), por que eu sei que tem os estágios né...

Mônica: É, claro...

Maria: e... mas eu acho que é cavando os espaços né, não tem outra forma né, é que as vezes as pessoas se limitam, não é sempre né, mas muitas pessoas se limitam achando que toda a formação é a faculdade que vai dar, e na verdade não é...nem a formação como bailarino, nem a formação como professor... eu falando na minha vida, né eu todo tempo em que eu fiz artes cênicas lá na UFRGS eu trabalhava com isso eu tava atuando, então eu nunca consegui entender essa... esse aluno que acha que a faculdade é suficiente ali é um espaço que tu tem trocar as não é o suficiente, mas é o espaço que a universidade tem pra oferecer, então eu acho que é trocar experiência..

Mônica: Eu tô falando isso porque a gente tá aí pensando na num processo de formação que ele é anterior a formação da universidade, mas eu defendo a ideia e sei que tu defende também de que ela formação pode acontecer numa formação inicial e então assim um pouco por isso... sei que "é um entrevista mas tô aqui fazendo um monte de relação... aqui que nem é...

Maria: Mas eu acho que, eu acho que sim... nunca é tarde pra começar...né? Meu pai foi ser psicólogo aos 50 anos, entendeu? fez curso de psicologia e hoje só trabalha com isso, tá com 70 e só trabalha com isso. Então nunca é tarde pra começar só que, o que que é isso.. o que que é começar, né? É o que eu falo, não é formatura, é formação! Essa diferença entre a formatura e a formação, essa coisa que esse mundo exige das pessoas a formatura, todo mundo louco pra se formar, tá mas e a tua formação?

Né então, eu acho que não tem momento pra começar.

Mônica: aí pra mim veio a dimensão reflexiva que a formação acadêmica da pra gente

Maria: eu digo que é o que faz a diferença na minha prática hoje né, então é o pensar sobre o que tu tá fazendo.

Mônica: Porque tu pode dar aula 30 anos e não pensar absolutamente nada, não construir uma reflexão em cima do que tu faz... né, quer dizer então, não é só este saber da prática ali, dar aula, dar aula, dar aula...que vai constituir como... vai constituir uma formação no sentido de formação que agente tá discutindo porque é refletindo sobre a prática que a gente se constitui professor né?

Maria: Então é essa relação né que eu falo, da importância da experiência pra que tu possa pensar nessa relação de ensino aprendizagem de fato, só que sem a teoria também tu fica só no achismo né? Então, é... mas é que...aí falando de mim, das minhas memórias, eu sempre tive essa... eu digo que, é muito engraçado né que eu falo tem um período em que eu quase não fiz prática de Dança, que eu mais estudei que outra coisa e quando eu vi eu tava mais alongada que antes. Então eu de fato acredito que aquelas leituras sim modificaram o meu corpo. Então não, realmente não tem separação entre uma coisa e outra. O que antes o alongamento era aquela coisa árdua... não, agora não relax, relaxa que tu... e é isso...

Mônica: Te encontra né?

Maria:é!

Mônica: Maria fala um pouco sobre a coisa da criação, aí tu falou a Mônica escapulia né, eu anotei aqui. O que que era esse escapulir, fala melhor, como é que era essa dificuldade? Era dificuldade era...

Maria: Não... Eu acho que é quando chega em algum ponto de conflito algum ponto que te faz sofrer... que é difícil né? E aí...é, e aí tem uma...para... a Mônica para! Eu já sabia assim, ela já parou, tá, chegou. Como é que eu vou fazer pra Mônica conseguir ir além disso sabe? Então, não sei...

Mônica: Tu não lembra quais estratégias?

Maria: Não, não lembro assim sabe... mas é...é tal, acho que...porque tu sempre também.... assim ó, tu sempre se coloca muito como professora, parece que tu tem mais ãaa disponibilidade, mais autonomia, mais, qual que é a palavra?

Mônica: Familiaridade?

Maria: familiaridade, tu fica mais a vontade sendo professora do que tendo que ir fundo lá...na... entende? É eeee.... e assim no caso esse por exemplo du du da montagem, eu me lembro que tu falou assim: 'não, não vou fazer isso!' E foi dito, não, não vou fazer isso. E eu Mônica, quem sabe olha que legal, tu vai falar de... não, mas que pra...é um ponto teu de questão tua, de problema mas e eu tava ali enchendo o saco por causa disso, entende? Por que era minha última cartada (risos) pra Mônica ir, porque eu sei que é ponto de sofrimento, é ponto di di di de questões... vai fundo!! É ponto de sofrimento é ponto de questões que vai fundo: é o Balé e o corpo que te funda durante toda tua trajetória...que era lembra? Que era a história do tu falou assim...Ah eu preciso perder um quilo, porque não sei o que dārara... ai se eu, meu movimento vai ser... então... ta... era como...será que tu brincando com isso tu ia além disso...né, e ai não, não foi entendeu?

Mônica: Agora é uma coisa interessante né, porque tem coisa que não descola da gente né... porque assim, tem um monte de conceitos ali que eu enxergo be... que eu enxergo, que eu coloco na memória ali que eu mudei né, achar que o Balé é a técnica né, achar que o Balé é a base né, preconceito com dança contemporânea que eu me lembro na minha adolescência que eu tinha enormemente, um monte de coisas que eu vou colocando, né, com corpo né, que corpo é esse ideal pra dançar, um monte de preconceito que vem junto com a formação básica do Clássico assim... ãa e isso vai mudando, mas tem coisa que não descola né, então por exemplo essa questão do peso... e como fica forte e tá lá no teu inconsciente e, e... é isso né, como é difícil de descolar dessas coisas né?

Maria: e ai tudo vai...é... não, não, sai! Não sai, e não é mole, não, é claro que é difícil! Mas ta, e ai gente tem que respeitar... (risos) Mas quem sabe se tivesse outra oportunidade eu ia lá te cutucar de novo...(risos)

Mônica: Maria, a gente pode chamar este escapulia ai que tu que tu falou como uma resistência à criação?

Maria: é...

Mônica: Lá... né que tu falou no Tatá...

Maria: Eu acho que não é uma resistência à criação, é um resistência de tu te ver com os teus fantasmas. Tá, usando o fantasma, usando no sentido oriental.

Mônica: (risos)

Maria: Eu fiz agora a pouco um curso com uma japa, como é que é nome da mulher? A Sechi, Minako Sechi e ela fala dessa coisa dos orie...do teatro No e ela fala que o cara, ator ele sempre carrega os seus fantasmas junto né? Então nesse sentido de fantasmas. E esses fantasmas não necessariamente são ruins, né, mas tudo isso que tu vem trazendo né, tudo isso que te forma. Esse olho tá sempre olhando. Esse olho de trás da sempre olhando, pros fantasmas enquanto tu olha pra frente. Então é nesse sentido eu acho que é uma resistência a....que que ao aos entraves... as...

Mônica: Talvez uma dificuldade to pensando agora... de enfrentamento, de auto-enfrentamento do limite, da fragilidade... talvez é... eu to pensando também, uma concepção duma figura de quem aprende que não pode errar, que pode ta lá né?

Maria: Exato!

Mônica: Embora eu busque não tratar o erro assim nas minhas aulas como professora, eu me exijo, uma relação com o erro diferente...to fazendo uma coisa meio terapia aqui, enquanto tu ta falando eu to pensando...mas tem lógica né?

Maria: uhun...não, com certeza, é por aí! A questão do bonito e do feio também né? Por que eu acho que o Balé trabalha essa coisa do bonito, e como né, como eu trabalhar esse... como ter uma outra forma de trabalhar esse bonito né, não me importar com isso e liberar né? Mas eu acho que é muito é, obviamente, muito emocional é... de chegar num ponto assim que não deu... assim né e com certeza é terapêutico assim... que entra numa via...

Às vezes é isso... é uma...Uma questão de exposição que talvez tu te exponha até ali e depois não vai mais...mas como é que tu mexe nisso? Não é conteúdo, não é técnica...

Mônica: Eu acho que ai vai pro lugar da autoformação né? Que é como que a gente é capaz de se...

Mônica: Ah deixa eu ver aqui Maria, mas eu acho que foi tudo...acho que gente deu conta. Eu sei que eu morrer escrevendo um capítulo sobre os meus fantasmas...(risos) Viu Maria como tu me mexe? Eu acho que era isso...

Maria: (risos)

APÊNDICE Q – Transcrição da entrevista nº 8

Entrevistado(a): Dicléia Ferreira de Souza

Data: 09/08/13

Local: Em sua escola de Balé

Mônica: Assim Dicléia, eu to fazendo o curso de dança né? Lá to no último semestre, vou me formar agora em doze de outubro (12/10), sou aluna da Nora, bem legal. E aí pra terminar o curso a gente faz o TCC, que é aquele trabalho final, cada um escolhe uma coisa pra pesquisar, né? E eu resolvi pesquisar a minha história dentro do balé, como eu me tornei professora de balé. Então entrevistei alunos, achei Carol Piovesan, Isadora O. , aquelas lá daquele tempo que a gente começou, entrevistei a Nora, que eu comecei a dar aula junto com ela né? E aí, claro, tinha que te entrevistar pra... então vou te fazendo umas perguntas, a gente vai conversando. E aí o que tu não te lembrar, não tem... não precisa ser uma coisa assim de data mesmo é mais o que tu... o que tu te lembrar, tá?

Dicléia: Tá, mas diz antes pra mim, assim, quais as perguntas.

Mônica: Tá. Eu vou te perguntar primeiro, assim, áaaa... como é que acontece a formação de um professor aqui na escola? Né? Eu sei que há muito tempo muitas pessoas se tornaram professoras de balé aqui na escola né? Como é que é isso, como é... como é que tu prepara uma pessoa pra ensinar balé? Tu lembra um pouco como é que é que... que que acontece, assim, quando que tu escolhe uma pessoa pra ser professora?

Dicléia: Eu acho que quando eu penso... quando eu penso, áaaa... a... como é que eu vou dizer? Abrange um adiantamento "x", se ela é... é... se ela é, assim, uma pessoa... as vezes eu esqueço tudo.

Mônica: Não tem problema. Eu vou te pergunta...

Dicléia: Não, se ela é uma pessoa cumpridora de seus deveres, entendeu?

Mônica: Ahã...

Dicléia: Que... então eu começo a testar essa pessoa. Aí eu coloco... e primeiro tu explica como é a aula, o que que eu quero, qual é o objetivo e então essa... essa menina, moça, vai dar aula e eu fico do lado sempre durante um tempo acompanhando essa aula que ela está dando. Quando eu acho... as vezes até eu coloco uma ajudante, uma auxiliar, porque as vezes são muitas crianças dentro e a professora não da conta. Quando eu acho que ela está bem aí então eu solto ela sozinha apesar de sempre eu passar... dar uma passadinha na sala pra lá e pra cá ficando de olho pra ver se a coisa realmente tá acontecendo como era pra acontecer. E todas elas... porque quando eu vim aqui eu tava sozinha, não tinha ninguém pra dar aula, então eu fui formando as meninas já com o objetivo de poder dar aula um dia, porque dar aula... não é fácil dar aula. Dar aula de baby como dava a Mônica é muito difícil. As pessoas pensam que podem abrir uma porta de uma garagem e dar aula de baby, não é assim, não é assim. Porque a criança é muito fragilzinha ainda, então não se pode tocar na criança. Tem que se fazer entender sem tocar na criança, mostrando, mostrando... e ela sentindo o que é que tem que fazer. É muito difícil, não se pode exigir mais do que a criança pode fazer. Tem que fazer o quê? "Abre as perninhas", "separa as perninhas", mas não pode chegar e "crrrr"... pegar as pernas da criança. Então é difícil porque é de muita responsabilidade, é de muita responsabilidade. Então o pessoal pensa, ah é fácil, é fácil, é fácil. E é uma coisa que não é inventada por mim, eu fiz cursos nos Estados Unidos, levei a Eliana inclusive, pra aprender a dar aula de baby, a Eliana fez cursos no Rio de Janeiro... quer dizer, não foi uma coisa inventada por nós. Foi uma coisa estudada e tirada dali de tudo que se viveu, das coisas que se achava melhor pra aplicar as crianças. Ela tinha duas turmas, né Mônica? Tinha uma de três anos e meio e de cinco anos. De cinco anos é um pouquinho já mais puxadinho. A de três anos e meio é mais uma brincadeira. E... e assim ela foi, era muito boa professora, fiquei com muita pena como largou, mas entendi que ela foi, passou num concurso e... e foi trabalhar, né? Eu entendo isso, o balé não dá dinheiro realmente pra ninguém. O que se pode fazer é pagar aula pra ela, mas não se pode

pagar muito, são muitos professores, mas ela foi muito bem e saiu porque realmente ela tinha que fazer a vida dela.

Mônica: Dicléia vou te perguntar assim, depois eu vou voltar pra algumas coisas dessa primeira parte, mas pra ti, áaa... o que que é uma boa aula de balé?

Dicléia: Uma boa aula de balé em que sentido? O que contém? Ou se é dar tudo que tem que dar?

Mônica: Se existe uma maneira certa qual esse jeito certo de ensinar balé? Pra ti, pra escola...

Dicléia: O jeito certo de ensinar balé é começar por onde tem que começar. Porque não adianta uma criança... em primeiro lugar eu dou chão, até pro preliminar, chão, chão, chão. E iniciantes. E depois em pé, sem pegar na barra, pra não pegar o vício de se deitar em cima da barra, mas procurando seu... o seu centro. Então ela faz levanta a perna, tem que tá no equilíbrio, levanta a outra perna. E depois então eu dou até nas avaliações que eu faço “dois pé juntos, abre os braços, fecha os olhos” pra ver o equilíbrio, se ela consegue ficar e... e as crianças também têm que ter um pouquinho além de muuuita vontade, muita... Porque é muito início principalmente, é muito enjoado. Elas têm que ter um pouquinho de talento, um pouquinho de, de... um pouquinho de pé de bailarina, né? Mas aí se ensina. Se começa tudo de frente a barra. Elas levam seis meses frente à barra, pra depois então depois se colocar de lado. Já com equilíbrio tem que dar muito exercício, eu não sei se isso é do teu tempo, se dá muito exercício com a perna de fora e com a perna de dentro.

Mônica: Transferência de peso...

Dicléia: Exatamente. Pra elas não ficarem deitadas em cima... em cima da barra. E sai da barra, depois vai pro centro também. Preliminar... é pouquíssima coisa, pouquíssima coisa. Não adianta querer andar de pressa, não adianta. Não tem que ter pressa. Não adianta querer “bom eu tenho um programa a cumprir eu vou dar esse programa”. Têm turmas e têm turmas, Né? Como eu digo: tem uma turma que é boa no mesmo ano e tem outra turma que não é boa. Então não adianta querer passar... pular um ano que eu já vi que não dá certo. Porque têm coisas no... na, por exemplo, preliminar que são impo... primeiro ano que ela não aprendeu na preliminar. Então são coisas básicas. Aí frente à barra, primeira posição, demi, estica, muitas chegam pensando que vão dançar “ah eu te pego”, não sei o que, aquele do pega-pega, mas... mas não é assim. E esse projeto que eu tenho, inicialmente, elas entravam e saiam, que elas queriam... primeira... que eu fiz, a primeira vez que eu fiz musicalidade, né? Mandeí todas trazer um DVD, era só bico da garrafa, era só o que dava, sabe?

Mônica: Porque é o que elas conhecem, né?

Dicléia: É o que elas conheciam! É o que elas conheciam, todas, mas é incrível. Agora tu manda elas fazer isso elas botam uma valsa, elas dançam, entendeu? Eu não quero que nessas avaliações de musicalidade... eu não quero que faça passinho de dança, eu quero que ela mostre até o que ela não aprendeu. Então agora já fazem isso. Eu tenho muitas muito boas, sabe? Muito boa.

Mônica: Que legal! Dicléia, áaa... eu me lembro, me lembro de algumas coisas, assim, da época que eu comecei a dar aula. Eu me lembro da tia Beth me chamar pra conversar, pra ajudar a Nora, porque a Nora tava dando aula, né? Porque, porque que tu usa duas pessoas, né? Principalmente nos babys, porque que muitas vezes tu usou duas pessoas dando aula? Qual é teu objetivo com isso?

Dicléia: Eu não boto duas pessoas diferentes dando aula. Eu boto uma pessoa dando aula e outra pessoa de auxiliar. De auxiliar, pra te ajudar. Se um dia tu não puderes vir, essa pessoa que ta te ajudando, eu entro na sala com ela... ela tem capacidade de dar aula e sabe onde anda o programa. (COLABORAÇÃO)

Mônica: A turma, conhece os alunos...

Dicléia: A turma, exatamente, porque o baby tu não pode chegar e trocar de professor assim, não pode nem de um ano pro outro, é uma dificuldade louca quando tem que trocar de professor, entendeu? Então não é... é uma auxiliar que se coloca. E aí esse auxiliar eu também pago como... sabe? E depois se o professor não pode vir ou fica doente, essa pessoa fica dando aula, agora duas professoras eu nunca coloco.

Mônica: Sempre com essa ideia de uma professora e uma auxiliar, né?

Dicléia: E uma auxiliar.

Mônica: Tá. E porque que tu me chamou pra dar aula, assim, o que que tu viu que eu tinha de características que poderia me tornar uma professora?

Dicléia: Eu sei que tu tava num ponto bom, que tu gostava de crianças, porque uma das coisas principais de uma professora de baby é gostar, ter paciência, e isso eu via já nos nossos ensaios das grandes que tu lidava muito com as crianças. Isso é muito importante, foi porque eu chamei também a Gabi pra dar aula, porque ela chegava nos espetáculos e ela, por conta própria, começava a cuidar as crianças... entendeu? Então... e tem que gostar muito de crianças. E tinhas capacidade pra isso né? E precisavas também financeiramente. Então juntou... todas as coisas se casaram e foram felizes para sempre.

Mônica: Risos... E como é que era, que que tu te lembra, assim, né? Dessa “Mônica” professora, desse tempo aí? Eu, fazendo as contas com a Nora, eu fiquei dando aula de noventa e cinco (95) até dois mil e dois (2002), final de dois mil e dois (2002), né? O que que tu te lembra desse tempo, assim, da “Mônica” professora?

Dicléia: Olha, eu lembro que era um tempo que eu descansava (risos) das crianças, que já fazia... tu tava tão acostumada a lidar com aquilo que eu sempre me descansava nas aulas de baby... eu passo, eu venho, eu passo pra lá, eu passo pra cá e vejo, se tem alguma coisa agente chama. Agora eu to com uma ótima também, a Eliane, né? Adora criança, adora criança éééé... bem professora de baby. Então até com duas turmas de baby de manhã, uma turma de baby a tarde, ta bem bom o baby. Ela é muito boa professora de baby e tu era também. Então me descansava, tava entregue, não precisa ta toda hora falando: e é isso, e é aquilo, porque tu já tava anos dando o baby e fazia as dancinhas, inclusive coreografias, que é o meu sonho que cada professora faça com a sua turma, mas é só sonho (risos). Tu fizeste foi primeiro “Os Pintos”?

Mônica: De “La Fille”

Dicléia: De “La Fille”, foi, foi... Que eu disse te vira, é...

Mônica: Eu me lembro, eu me lembro de ter feito a coreografia e aí depois tu veio olhar, né? Aí deu uma ajeitada numas coisas de tempo, assim, mas eu acho que foi né?

Dicléia: Foi, ta até hoje.

Mônica: É verdade... Áaaa... Dicléia eu me lembro também na época de tu ter me dado uns DVD's, uns..., ainda no tempo do vinil, né? Me ajudado como é que montava as fitas, qual era a ordem das, das músicas, qual eram as músicas mais adequadas...

Dicléia: Ah sim claro. Isso tu tens que ajudar, porque a pessoa é professora e não sabe. Pode ser uma ótima bailarina e uma péssima professora. Então tens que, além de de ensinar o conteúdo da dança, tu tens que ensinar como é que ela começa, primeiro lugar conta a música, que é o que eu me bato muito, custo muito a ter professora de baby, que é daí que começa, né? A criança a contar as coisas, a saber. Então contar a música. A música que tu vai dar pra criança dançar tem que ser uma música que condiz com a criança, com a idade dela, né? Com a compreensão dela. E as vezes passa, por exemplo, a preliminar. Preliminar tem que ter Chopin, coisa assim, bem marcadinho. E agora até tem umas músicas muito boas, novas muito boas, do Royal. Eu na minha época que eu fui, nós fomos pros Estados Unidos, tinha um misto de Royal já. E agora eu peguei muita coisa do Royal também. É o que digo: é Royal é isso é aquilo... é aquilo que servir, né? Qual que é o método? É Vaganova, é isso ou aquilo, é de tudo um pouco que e vi nesses anos todos e fui juntando, eu mesmo. É assim que eu fiz: eu fui nos Estados Unidos, eu fui pra Europa e tal. Ah, e hoje tá é mais fácil, não é como no meu tempo que tu ficava procurando o teu, o teu... como é? Prumo, fazendo a pirueta e não tinha ninguém pra te dizer chega mais pra cá, chega mais pra lá, plié na perna da frente, nada disso. Tinha que procurar teu prumo, hoje em dia tá muito mais fácil. Tu vê o físico das bailarinas hoje, é tudo alongado, o trabalho hoje é todo alongado. E eu acho que tu acompanhaste bastante, tu fizeste bons papeis, né? Chegaste a fazer até a Mercedes de Dom Quixote, chegaste

a fazer bons papéis sempre cumpridora dos teus compromissos, o que é muito importante para mim, eu acho muito importante. Hoje “eu to doente, to doente, to doente...” eu sei que todo mundo fica doente (risos).

Mônica: Tem gente que fica bastante (risos). Tá eu me lembro também, assim, de ter ido... de ter me mandado na casa da Eliana conversar com ela pra ela me dar as orientações, tipo assim, foram vários momentos, várias situações...

Dicléia: Sim, tinha muita preparação realmente, inclusive foi quando nós começamos realmente a dar esse baby mais novo, que é o que agente dava na época, né? Do “Gato”, “Pé, joelho, coxa, mão” que trabalha motricidade né? E realmente era músicas e vai na casa da Eliana conversa porque a Eliana deu o baby e a Eliana tinha uma turma de iniciantes em Rio Grande que era um colosso. Era um monte de criança tudo juntinho, juntinho, juntinho... Agora as coisas estão cada vez mais difíceis.

Mônica: Porque Dicléia que tu acha?

Dicléia: Não sei. Eu sei te dizer que é difícil porque, em primeiro lugar, as mães de hoje são diferentes, não tem aquela... eu me lembro das mães das gurias da época que curtiam junto, sabe? As mães são diferentes, por exemplo... e tem muita coisa por fazer, muita coisa, tem futebol, tem futsal, até xadrez, né? Quando aquela guria Clara Reis, ela... fazia tudo ela. Um dia ela chegou: “não posso porque eu tenho xadrez”, tá tão moderno o xadrez né? Eu digo: “ah, não me inventa mais xadrez”. E a criança antigamente eles faziam assim: era colégio, era balé, fazia parte da educação da criança e um instrumento, piano, acordeom... e isso fazia parte da educação da criança. Agora não. Agora têm aniversários a toda hora com aqueles montes de brinquedos, então ninguém... é muito difícil...

Mônica: A criança é outra também né Dicléia?

Dicléia: A criança é outra, a disciplina tu não consegue... Uma coisa que eu nunca me esqueço, te lembra quando tu davas também pra criança, tu deixavas ela andar no meio da sala: “senta aqui perto da professora, da tia, um pouquinho. Depois, depois quando quiseres tu vai fazer, tá, tá...”, uma vez a Noia fez isso e veio uma mãe dizer que castigo não se dava mais. Então têm essas coisas todas que tu não sabe nem como lidar com a criança, nem como lidar. Eu agora eu entro no baby todos os dias quase e elas dizem: “Bom dia tia Dicléia!” (risos) em coral, é de manhã ou à tarde é: “Boa tarde tia Dicléia!” e a primeira que me enxerga já tá começando a falar e... Mas a Eliane é ótima, é ótima, muito boa mesmo, as crianças adoram ela, as mães querem fazer balé também... e outra coisa que nós fazemos agora também é no dia das mães as mães fazem balé, no dia dos pais agora vão fazer aulas os pais entendeu? E eles adoram, eles adoram fazer aula de balé. As mães chegam a pedir que tenha aula só pra elas iguais as das babys.

Mônica: (Risos) Áaaa... Dicléia, áaaa... tá acho que a gente já falou um pouco da coreografia né? Tu mesmo falou. E aqui na escola tem uma coisa que a gente ajudava em tudo né?

Dicléia: É o que a Noia diz: “a escola não é só de dança, é corte costura, é cabelereiro, é tudo”.

Mônica: Cenário, né?

Dicléia: Cenário, porque vocês compartilha... é outra coisa que faz diferença. Vocês era uma família né? Vocês compartilhavam contudo aqui, tudo faziam... Cortavam costura, costuravam, ajudava a bordar... era uma família mesmo, tanto que as gurias saem e sempre que vêm elas trazem... agora mesmo tava a Rebeca aí, a Rebeca com o bebezinho, é. E faziam tudo, tudo, era tudo completo como diz a Eleonora, corte e costura... A Eleonora até cortava roupa, botava um molde ali e cortava pra lá, pra cá, pra ali... e hoje em dia não se tem mais essa ajuda, sabe? Essa cumplicidade assim, é muito difícil, é muito difícil... Eu dizia faz isso aqui, faz aquilo ali, vai praqui, vai prali, faz florzinhas de papéis crepom né?

Mônica: Flocos pra “Quebra Nozes”.

Dicléia: Flocos pra “Quebra Nozes”, hoje em dia não tem mais ninguém que faça isso, sabe? Eu acho também que as pessoas hoje em dia têm muito mais coisas..., por exemplo faculdade não é um horário só, antigamente

fazia faculdade a tarde o se fazia de manhã, a tarde, a noite, então não tem muita disposição de tempo pra... pra fazer isso. Antigamente tinha colégio de manhã e a tarde tava livre

Mônica: E como isso é importante né Dicléia? Porque a gente aprendia muito mais sobre o balé do que fazendo uma aula. A gente aprendia sobre o universo do balé, sobre tudo que envolve o balé.

Dicléia: Claro. É o que muita gente quer assim, por exemplo, vai fotografo lá, eu digo: “ah, aqui é a bagunça”, mas é isso que nós queremos, é ver a bagunça, ver como é que funciona a coisa lá atrás, e... vai se levando, né? O que vai se fazer.

Mônica: Vai se adaptando também com a mudança, né? Do tempo, das pessoas né?

Dicléia: Ah, sim, vai se acostumando.

Mônica: Se não a escola não sobrevive, ela sobrevive por isso né? Porque vai se arrumando (risos).

Dicléia: Sim, um drible de corpo assim, vai se arrumando, vai se endireitando, né?

Mônica: Dicléia, outra coisa assim, eu me lembro das aulas teóricas com a tia Beth, com a Eliana...

Dicléia: Isso é uma coisa que eu acho muito importante, gostaria de ter novamente, mas o que aconteceu foi que já começou a mudar essas crianças (risos). História da dança não ia ninguém, têm horror... Vídeos de balé... se botava vídeos, lembra? La filie mal gardé. Vídeo elas começavam a ver muito bem, daqui a pouco estavam conversando as gargalhadas. Depende muito né? Se as pessoas têm interesse, se não têm interesse. O nome dos passos também tinha que saber, né?

Mônica: Escrever o que que significa...

Dicléia: É. Era muito bom. E outra coisa é que as pessoas de hoje em dia não têm mais tempo né? Que era mais de meia hora ali depois pra ter as aulas teóricas. Hoje em dia elas não têm mais tempo porque elas têm mil opções, tem futebol, tem não sei o que... é uma pena, porque isso deu muita cultura na, no tempo de vocês, sabe? E outra, a turma de vocês, essa turma é que conhece mais um pouquinho. Hoje em dia não se conhece, fala em Nureiev, quem foi? Foi pedreiro, padeiro?

Mônica: Eu me lembro quando eu cheguei no curso de dança lá, a gente tem História da Dança um (1), dois (2), três (3), quatro (4), a Nora é uma das professoras, né? Tinha muita coisa da História da Dança que eu tinha aprendido aqui na escola, né? Nas aulas teóricas e coisas que agente aprendia quando ia nas aulas de balé, né? Áaa... Os passos mesmo do balé. A Nora dá uma disciplina lá que é Dança Clássica, né? E como se escreve, o que que quer dizer, pra que que serve aquele movimento, tudo isso a gente aprendeu na aula teórica né? Então... Têm coisas que eu aprendi aqui na escola que as pessoas só tão aprendendo quando elas chegam lá na Universidade, né?

Dicléia: Parece mentira, né?

Mônica: É, como isso era importante, como isso foi importante né?

Dicléia: Como, muito importante. Eu digo até hoje, eu tenho vontade de recomeçar as aulas teóricas, mas que que adianta? Ninguém tem tempo, ninguém tem tempo, sabe Inclusive as mães. Tem que passar correndo deixar filho, tem que pegar correndo. Não sei, mas eu acho que faz muita falta, faz muita falta.

Mônica: E pra dar aula então nem se fala, né? Porque a gente tinha todo um conhecimento diferente, né? Pra poder ensinar pras crianças, né? Aquilo que a gente tava fazendo, a gente sabia da onde vinha as coisas, né?

Dicléia: Ah sim, eu tinha caderno até agora... o caderno da Aline Peres. Bem, bem direitinho, tem tudo, inclusive da escola assim, quem é a diretora. Lembra?

Mônica: Ahã, o organograma da escola.

Dicléia: É, diretora, secretária.

Mônica: Posições dos pés.

Dicléia: Dos pés, é... Tinha que... levava pra casa o tema pra fazer.

Mônica: Tá, áaa... Que mais que vou te perguntar?

Dicléia: Talvez se fossem mais vividas... tivessem mais vivência, talvez se interessassem mais.

Mônica: Muito legal, muito legal. Deixa eu correr aqui pras minhas perguntas pra ver se eu ti fiz tudo, peraf. Pra ti quando que uma pessoa tá pronta pra ensinar balé?

Dicléia: Só testando.

Mônica: E como é que se testa?

Dicléia: Se testa manda da uma (1) aula, duas (2) aulas, três (3) aulas (risos). Há pouco tempo, uns dois meses atrás chegou aqui um currículo, um baita currículo, se oferecendo pra dar aula. Especialista em aula de pontas eeee... aulas masculinas, não sei o que mas... técnicas masculinas, técnicas de ponta. Um rapaz até muito bonzinho, lá do Pará e aí chegou e queria ser professor. E aí eu digo: "olha, vamos fazer o seguinte, primeiro tu faz uma aula" e aí ele fez uma aula.

Mônica: Pra tu ver... O que que tu querias ver nessa aula?

Dicléia: Eu queria ver se ele sabia alguma coisa pra poder ensinar pros outros. E uma coisa importantíssima que eu vi é que ele não tinha ouvido nenhum, era surdo pra mais de metro, já não serve, já não serve. Bom, aí ele disse: "ah, mas eu sou especialista em técnicas de ponta" eu disse: "então tá, então tu vai fazer o seguinte, amanhã tu vais dar uma aula de ponta". Aí ele quis. Ele não sabia dar aula de ponta, não sabia dar. Eu perguntei: "como é que tu começa a ensinar pontas?" aí ele disse... ele já dava né? Eu disse: "eu também". Ele disse: "meia ponta, né? Em frente a barra assim, meia ponta" eu disse: "eu também, então tu vem dar aula amanhã". Aí ele veio dar aula: um horror. Não deu nada de nada sabe? A Daniela louca de pena, Daniela é uma coisa, Daniela fica com pena de todo o mundo: "ah mãe coitado", coitada de mim, né? Aí eu... "tá vou te dar mais uma chance" e eu pagando pra ele, por aula né? "vou te dar mais uma chance e tu vais dar aula pra uma turma do projeto". As gurias ficaram com o olho assim, apavoradas, ninguém fez nada né? Eu agradei a ele porque infelizmente, são essas coisa que a gente tem que ter né? Se é minha aluna eu sei se ela tem... se ela tá no ponto de dar aula, agora se não é minha aluna se eu não conheço eu tenho que ver qual é o trabalho dele. Porque, como eu digo, nós temos um trabalho muito grande né Mônica? Nós não podemos estragar tudo. É não podemos, eu já passei várias coisas ... agora também tem o projeto, muita gente saiu, porque não queria se juntar, que o projeto é de inclusão social... e não queria se juntar com as outras, entendeu? Eu passei... Agora já estão acostumadas, são amigas até, mas até aqui isso aconteceu. E tu sabes que elas mais... talvez até mais... que as pobres não queriam se juntar com as outras por complexo. Eu um dia botei todo mundo na sala, todo mundo, e disse agora se separem. Tá todo mundo separou agora cola pra onde está. Tá. Agora, comecei a fazer coisas assim pra eles se misturarem e dizendo que nós somos todos iguais, que não tem diferença, que a cor da pele não influi em nada, que não pega, entendeu? Que não pega, que não é contagioso, que nós somos todos iguais que uns são mais pobres e outros mais ricos, mas a (...) é a mesma. Se vocês tem vontade vocês vão com garra que vocês vão conseguir. Aí a primeira vez eu dava aula separado, né? e fiz um espetáculo... eu... no primeiro ano eu sempre fiz uma aula didática, até no projeto. Mas no segundo ano será feita a inclusão (...) Até hoje tu vai num espetáculo e não sabe quem é particular e quem é do projeto só mesmo por causa da cor né? Porque a particular não tem nenhuma... Parece mentira. Mas a Clara Reis, a mãe da Clara Reis chegava a trocar de roupa na cozinha, das particulares, pra não se juntarem com as outras. **Mônica:** Tem que ter um jogo de cintura, né?

Dicléia: Bota jogo de cintura nisso.

Mônica: Áaaa... deixa eu ver que mais aqui. Agora uma pergunta assim sobre o grupo, sobre o grupo Balé de Pelotas. Áaaaa... que que leva uma aluna a poder entrar no grupo Balé de Pelotas?

Dicléia: Se mostrar feliz (risos).

Mônica: Tá e o que que é esse se mostrar feliz?

Dicléia: (...) Aí claro é que ela já tá no ponto, aí ela já tá no ponto ... o grupo Balé de Pelotas foi formado inicialmente com as meninas já formadas e com as alunas melhores da escola elas ainda não fazem parte do grupo, elas seriam as estagiarias né? E esse grupo foi se apresentando e foi criando corpo... lá no festival de Joinville, onde perguntavam onde é que fica Pelotas, ninguém nem sabia onde ficava. E o festival de Joinville nos fez conhecidos, assim, acabaram conhecendo Pelotas e que Pelotas tinha, que podia fazer, né? E foi uma coisa, tu foste várias vezes, não foste?

Mônica: Mas eu não fui com a escola. Porque eu era pequena ainda a ultima vez que a escola foi, é. Eu fui depois agora grande assim, por causa do seminário, eu fui conhecer o festival grande depois.

Dicléia: Não foste conosco?

Mônica: Não, os últimos anos que a escola foi eu era pequena ainda, não tava nem no grupo.

Dicléia: É o grupo foi de oitenta e quatro (84) a oitenta e nove (89) ele ganhou sempre primeiro lugar.

Mônica: Já vou acabar. No meu trabalho lá o que que eu posso botar: o grupo Balé de Pelotas é um grupo amador, é um grupo profissional, que que eu boto?

Dicléia: Não, é um grupo amador. É um grupo amador com trabalho profissional.

Mônica: Eu tinha botado isso, mas aí a Nora disse, eu mostrei pra Nora e a Nora disse: “pergunta pra Dicléia pra ver o que ela vai dizer”.

Dicléia: Encara com profissionalismo.

Mônica: Dicléia, só vou te perguntar do seu Pereira, tu te lembra do nome dele?

Dicléia: É seu Pereira.

Mônica: Tá, ele era daqui de Pelotas?

Dicléia: Ele tocava no sobrado, era nosso pianista e nosso arranjador.

Mônica: Isso, isso. Que eu me lembro que eu cito ele lá no meu texto. E aí quanto tempo ele deu aula lá na escola, tu te lembra?

Dicléia: Xi anos, era Sueli...

Mônica: Eu fiz baby com seu Pereira. Tá, eu vou botar seu Pereira

